

A marca do PCP

Na sessão legislativa que agora termina, o PCP deixou a sua marca em várias leis e resoluções aprovadas pela AR. Em entrevista ao «Avante!», Octávio Teixeira analisa o trabalho do Grupo Parlamentar comunista e conclui que o balanço é muito positivo.



Págs. 12 e 13

Bernardino Soares à frente do Grupo Parlamentar

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, anunciou sexta-feira em conferência de imprensa a substituição de Octávio Teixeira, que a seu pedido deixou de exercer as funções de deputado, por Bernardino Soares na presidência do Grupo Parlamentar comunista.



Pág. 8

PCP debateu no Porto soluções para a agricultura nacional

Há outro caminho

Nos últimos 10 anos desapareceram mais de 30 por cento das explorações agrícolas, o que faz com que Portugal produza cada vez menos e importe cada vez mais. Este caminho, considera o PCP, não é inevitável. No Encontro Nacional realizado no Porto, com centenas de agricultores, enunciaram-se medidas a tomar e políticas a seguir para o desenvolvimento do sector agrícola nacional.



Págs. 5, 6 e 7



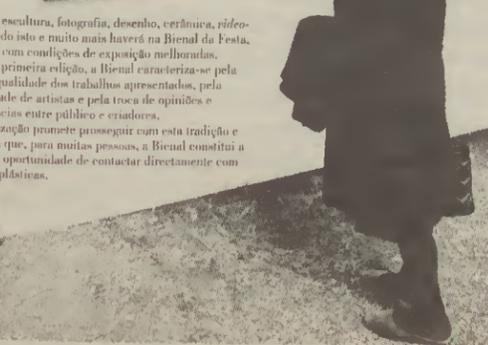
19.7.2001 Órgão: Festa 15

A festa!
FESTADO Avante! 2001 7, 8, 9 SETEMBRO - ATALAYA - AMORA - SEIXAL

Bienal de Artes Plásticas
Inovação e criação



Pintura, escultura, fotografia, desenho, cerâmica, vídeo-arte. Tudo isto e muito mais haverá na Bienal da Festa, este ano com condições de exposição melhoradas. Desde a primeira edição, a Bienal caracteriza-se pela grande qualidade dos trabalhos apresentados, pela diversidade de artistas e pela troca de opiniões e experiências entre público e criadores. A organização promete prosseguir com esta tradição e sublinha que, para muitas pessoas, a Bienal constitui a primeira oportunidade de contactar directamente com as artes plásticas.



Administração Pública

Despesista é o Governo

Após o plenário de dia 12, convocado pela Frente Comum de Sindicatos, milhares de trabalhadores foram entregar ao primeiro-ministro um manifesto em que recusam «pagar a factura» dos erros do Governo.

Pág. 21

Reunião do G-8

Génova em estado de sítio

Invocando razões de «segurança», o governo de direita do Silvio Berlusconi encerrou os acessos à cidade que acolhe a cimeira dos ricos. A UE tomou medidas para impedir a livre circulação de pessoas.

Pág. 24

Privatização da Brisa

Negócio com prejuízo

A última fase da privatização da Brisa representa um grande negócio para o Grupo Mello, mas é um grande prejuízo para o erário público e utentes das auto-estradas, denuncia o PCP.

Pág. 32

Não há Festa como esta

Na edição da próxima semana,
a 26 de Julho, suplemento especial
com os artistas da Festa.

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ªA, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Cameiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Encontro Nacional do PCP sobre a «Agricultura Portuguesa e a Reforma da PAC»

Resumo

11 Quarta-feira

A CDU de Portimão desafia a autarquia a cancelar definitivamente a instalação de mais parques na cidade e a realizar um debate público sobre o ordenamento do trânsito e estacionamento • O Sindicato dos Maquinistas suspende a greve prevista para sexta-feira, depois de ter chegado a um entendimento com a administração da CP • Soldados israelitas matam uma mulher palestina junto de um posto de controlo próximo de Hebron, na Cisjordânia • O governo angolano admite não ter capacidade para alojar as famílias do Bairro da Boavista, onde está em curso uma operação de evacuação dos cerca de 50 mil habitantes • A cidade inglesa de Bradford volta a ser palco de violência racial.

12 Quinta-feira

O Presidente da República, Jorge Sampaio, recebe em audiências o PCP, o CDS-PP, o Bloco de Esquerda e os Verdes: que criticam a situação económica do país • Três mil trabalhadores da função pública manifestam-se frente à residência oficial do primeiro-ministro como forma de protesto contra as 50 medidas de contenção da despesa pública apresentadas pelo Governo • O antigo rei Simeão II é oficialmente nomeado novo primeiro-ministro da Bulgária, na sequência das eleições de 17 de Junho • Juan José Ibarretxe é reeleito presidente do País Basco • Abdurrahman Wahid, presidente indonésio, ordena a detenção do chefe da Polícia Nacional que se recusa a abandonar o cargo.

13 Sexta-feira

Octávio Teixeira deixa o Parlamento; em sua substituição, para liderar a bancada comunista é escolhido o deputado Benardino Soares • O conselheiro do Kremlin para as questões estratégicas, Igor Sergueiev, denuncia a intenção de Washington de acelerar o seu programa de defesa antimíssil • O exército israelita bombardeia dez postos de segurança em Hébron (território palestino), fazendo 17 feridos • A capital da China, Pequim, ganha a organização dos Jogos Olímpicos de 2008.

14 Sábado

Encontro Nacional do PCP sobre a «Agricultura Portuguesa e a Reforma da PAC» • O líder da CGTP-IN, Carvalho da Silva, afirma no Funchal que existe «vigiar e calcular a produtividade» em Portugal • Os primeiros-ministros britânico e irlandês anunciam que vão propor uma «fórmula de acordo» aos partidos da Irlanda do Norte, para tentar

salvar os acordos de paz de Abril de 1998 • Os pilotos da companhia espanhola Ibéria decidem pôr fim à greve iniciada em Junho • O vereador José Javier Múgica Astibia, 49 anos, eleito pela União do Povo Navarro, é morto na localidade navarra de Leiza, num atentado atribuído à ETA.

15 Domingo

Quatro dezenas de jovens lusodescendentes originários de países europeus iniciam em Almada o seu quarto Encontro Europeu, dedicado ao tema «A implicação dos jovens na vida associativa, projectos e práticas culturais» • Dezasseis partidos e 17 candidatos independentes iniciam a campanha para as eleições a 30 de Agosto, da Assembleia Constituinte de Timor-Leste • O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Shimon Peres, e o presidente palestino, Yasser Arafat, encontram-se no Cairo para tentar conter a situação explosiva do Médio Oriente • Cerca de 180 países reúnem-se em Bona, Alemanha, para debater durante 15 dias o futuro dos princípios de protecção ambiental estabelecidos em 1997 pelo Protocolo de Quioto.

16 Segunda-feira

A Comissão Parlamentar de Defesa vota o texto final das alterações ao artigo 31 da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas portuguesas • O conselho de ministros dos Quinze e a Comissão Europeia condenam «a estupefacção e dor» do assassinato de sábado, atribuído à organização separatista basca ETA • O presidente paquistanês deixa Agra (Índia) sem assinar uma declaração conjunta com o chefe do executivo de Nova Deli, no final de uma cimeira marcada pelo contencioso de Caxemira • O governo chinês condena o programa norte-americano de defesa antimíssil.

17 Terça-feira

Cinco associações militares promovem uma jornada de reflexão, à hora do almoço, para analisar as formas de sensibilizar o Governo para «os graves problemas com que a instituição militar se debate» • Os trabalhadores das Oficinas Gerais de Material de Engenharia, em Lisboa, iniciam uma greve diária de meia hora contra a anulação de uma pausa de 30 minutos que utilizam para lanchar no bar • Uma criança palestina de 10 anos é ferida com gravidade ao ser atingida por vários tiros disparados por soldados israelitas quando invadiam a localidade de Dura, Cisjordânia • O juiz conselheiro Armando Torres Paulo é empossado presidente da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Aconteceu

União Europeia não convence

Apenas 48 por cento dos europeus pensam que pertencer à União Europeia é uma «coisa boa», um dos piores resultados dos últimos 20 anos, revela uma sondagem divulgada pela Comissão Europeia em Bruxelas.

No conjunto dos 15 países membros, o sentimento de satisfação sobre a pertença à União Europeia baixou globalmente dois pontos percentuais relativamente ao Outono passado, quando o resultado era ainda de 50 por cento. O apoio à UE era superior a 70 por cento em 1990.

Actualmente, 13 por cento dos europeus pensam que pertencer à UE é uma «coisa má», 29 por cento conside-

ram que «não é bom nem mau» e 10 por cento não têm opinião sobre a questão.

As opiniões mais eurocéticas encontram-se no Reino Unido (apenas 29 por cento da população pensa que pertencer à UE é uma «coisa boa»), na Suécia (33 por cento de apoio) e na Áustria (34 por cento).

Os euro-entusiastas encontram-se sobretudo no Luxemburgo (72 por cento) e na Irlanda (72 por cento), o que não impediu, contudo, este país de rejeitar em Junho passado por referendo o tratado de Nice.

A França (49 por cento de apoiantes) e a Alemanha (45 por cento) situam-se mais ou menos na média.



Timor-Leste prepara eleições

Milhares de pessoas participaram, no passado domingo, em Díli, no comício que marcou o início da campanha eleitoral da Fretilin.

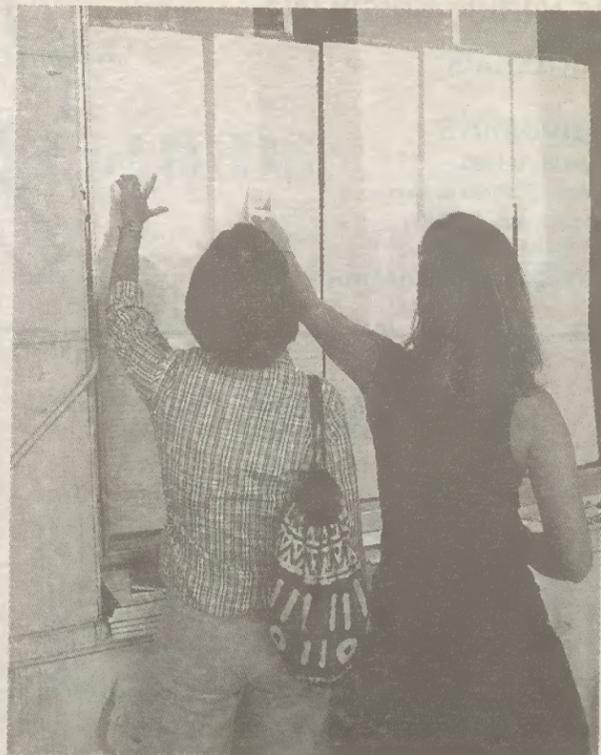
Na sua intervenção, Mari Alkatiri, o novo secretário-geral do partido, eleito na madrugada do mesmo dia, relembrou a única promessa da Fretilin: «independência ou morte, venceremos» e sublinhou que «o novo compromisso, a única promessa agora é de que vamos restaurar a independência para libertar o povo».

Apostando na «melhoria da vida do povo» através da «consolidação da paz e da estabilidade», Mari Alkatiri referiu que a Fretilin

tudo fará para garantir que o pacto de unidade assinado por 14 dos 16 partidos políticos participantes na votação seja respeitado na íntegra.

No mesmo palco onde, uma semana antes, esse pacto foi assinado, os responsáveis da Fretilin apresentaram ao eleitorado os novos quadros dirigentes eleitos na sessão maratona final do congresso nacional extraordinário que terminou na própria madrugada de domingo.

A Fretilin está a preparar comícios como o realizado em Díli em todos os distritos de Timor-Leste e em grande parte dos mais de 60 sub-distritos do território.



Mais 49 mil alunos no Ensino Superior

No próximo ano lectivo, os estabelecimentos de ensino superior admitirão 49.348 novos alunos, dos quais 55 por cento entrarão no ensino universitário e 45 por cento no politécnico.

Relativamente ao ano escolar 2000/2001, em que entraram 48 mil novos estudantes, para o próximo ano verifica-se um acréscimo de apenas 1.348 alunos, ou seja, um crescimento de três por cento.

Segundo dados do Ministério da Educação, regista-se um crescimento na área da Saúde, com um acréscimo de 27 por cento de vagas em Medicina e 33 por cento em Enfermagem e Tecnologias da Saúde.

De salientar, no próximo ano lectivo e na área da Saúde, a

entrada em funcionamento de duas novas licenciaturas em Medicina, nas universidades do Minho e da Beira Interior, e a entrada em funcionamento da Escola Superior de Saúde de Aveiro, com os cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Radiologia e Radioterapia.

A conversão da Escola Superior de Enfermagem Dr. Lopes Dias, em Castelo Branco, em Escola Superior de Saúde permite a entrada em funcionamento, em 2001, dos cursos de Análises Clínicas e de Saúde Pública e de Fisioterapia.

A apresentação da candidatura à 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior terá início no próximo dia 23 de Julho e prolongar-se-á até 10 de Agosto.

Prémio Camões 2001 para Eugénio de Andrade

O poeta Eugénio de Andrade é o vencedor da edição do ano 2001 do Prémio Camões.

Eugénio de Andrade foi distinguido pelos «altos méritos» da sua escrita ao longo de uma obra «vasta, consistente e coerente».

A decisão foi tomada por unanimidade e junta o nome de Eugénio de Andrade aos de Miguel Torga, Vergílio Ferreira, José Saramago, José Craveirinha, Jorge

Amado e Sophia de Mello Breyner, entre outros.

Para a unanimidade do júri contribuiu igualmente a «capacidade de renovo» da obra do poeta, «na fidelidade a uma opção singularíssima que sempre surpreendeu a comunidade dos seus leitores».

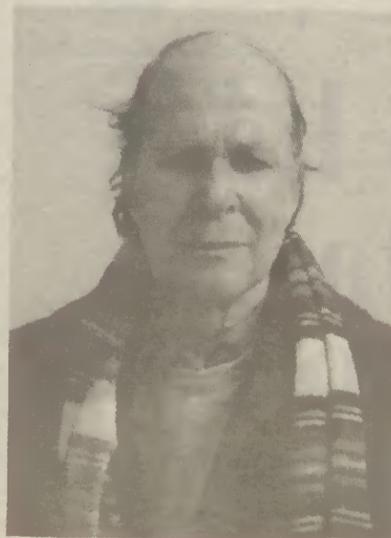
O galardão - um dos mais importantes e prestigiados no meio literário da língua portuguesa - será entregue durante a cimeira lusobrasileira, marcada

para 4 e 5 de Setembro no Brasil.

A decisão deste ano foi da responsabilidade das professoras universitárias Isabel Allegro de Magalhães e Maria Irene dos Santos e do escritor José Manuel Mendes, que representa Portugal no júri, e do embaixador Alberto da Costa e Silva, do professor universitário Dionísio Toledo e do escritor Carlos Heitor Cony, em representação do Brasil.

As obras de Eugénio de Andrade encontram-se traduzidas em castelhano, francês, italiano, inglês, alemão, norueguês, checo, húngaro, romeno e russo. A publicação da sua poesia reunida foi lançada, recentemente, em Portugal.

O poeta anunciou entretanto o lançamento do seu próximo livro de poemas, a sair simultaneamente em Portugal e Espanha, em meados de Outubro.



Crónica Internacional

• Carlos Aboim Inglez

Cavallgada argentina

Argentina prossegue imparável a sua «cavallgada» para o abismo. A 23/6, *The Economist* ainda titulava o seu artigo sobre a Argentina interrogativamente: «O último tango?». Mas já em 14/7 o título era bem mais sombrio: «Trevas sobre o Rio da Prata». Em jornais e suplementos económicos a crise argentina está a ser notícia diária. É que indo já no 3.º ano de recessão, sem saída à vista, a Argentina está à beira do *default*, i.e., incapacidade de honrar o seu serviço da dívida. Apesar da «ajuda» do FMI, BM, etc., em fins de 2000, da ordem dos 40 mil milhões de dólares, a dívida está hoje nos 130 mil milhões, quase 50% do PIB, e o enorme *deficit* orçamental, para ser anulado, irá agravar ainda mais a recessão, o desemprego galopante, o desastre social, a agitação e precariedade política. Nem as manigâncias do «mago» Domingos Cavallo, de novo ministro da Economia do presidente Fernando La Rúa, como o fora há 10 anos do ex-presidente Carlos Menen (que acabou há pouco de ser preso por corrupção), parecem poder evitar o desastre.

De tais «milagres», Deus salve a Argentina

Domingos Cavallo, esse mesmo, o celebrado economista neoliberal filio-americano que, em 1 de Abril de 1991, inventou de conluio com a Reserva Federal dos EUA o *peg* ao par do peso ao dólar (paridade cambial fixa: um peso, um dólar), enterrando a independência monetária: acabou então com a hiperinflação, mas com incalculáveis custos sociais, dismantelamento dos direitos laborais, privatização de praticamente tudo o que era propriedade do Estado, completa dependência dos capitais externos, uma devoradora dívida externa. Cavallo, esse mesmo, que depois acabou por ser corrido por graves acusações de corrupção, de que as luvas de 120 milhões de dólares da IBM não é a maior. Cavallo, esse mesmo que em Março último foi chamado por La Rúa para fazer novo

«milagre» - mas cujas manipulações apenas abrem o caminho para uma nova «cura» de medidas anti-sociais, ainda mais draconianas, para «salvar» o que antes contribuía para destruir. De tais «milagres», Deus salve a Argentina.

Com Cavallo, são os EUA que estão de novo a cavalgar a Argentina, como aliás sempre o fizeram, incluindo com a tenebrosa ditadura militar de 1976 a 1983, em que os Videla, Viola, Macera & CIA fizeram dezenas de milhares de vítimas, brutais torturas, muitos milhares de mortos e «desaparecidos». Até hoje impunes, apesar do notável exemplo de coragem das «Mães da Praça de Maio», e não só, que exigem justiça para as massivas violações dos direitos humanos. «Raramente na década passada as perspectivas das economias da América Latina pareceram tão ameaçadoras», diz o *Economist* de 14/7. E o *International Herald Tribune* de 13/7 ecoa «A austeridade da Argentina enerva os vizinhos». Porque o Brasil já está a caminho da crise também, a «estrela» neoliberal do Chile a extinguir-se, o próprio México a arrefecer perigosamente. E assim por diante.

Porque não é só a Argentina que os EUA querem (ainda mais) cavalgar, mas toda a América Latina, a braços com uma crise e assim mais submetida às suas imposições: Bush bem disse na cimeira de Quebec que a quer levar toda para o seu redil da ALCA. Diz o *The Economist* que «a causa subjacente dos problemas da América Latina é fácil de diagnosticar, mas muito mais difícil de ultrapassar. Apesar de uma década de reforma de mercado, a região continua perigosamente dependente do capital estrangeiro». Bate certo - só que não foi «apesar de», mas precisamente por isso; e isso foi a tal «reforma de mercado» que os EUA lhe impuseram, as receitas neoliberais para aprofundar a dependência crescente.

A crise económica na Argentina, tal como na América Latina, vai de par com uma aguda crise social e explosivas crises políticas. O espírito de luta dos trabalhadores e dos povos latino-americanos, em ascenso, irá elevar-se mais ainda para lhes fazer frente, para derrotar o neoliberalismo que os EUA lhes impõe para os submeter e explorar ainda mais.

Editorial

RESPOSTA DE ESQUERDA

António Guterres vive, hoje, num *estado de desgraça* sem hipóteses de retorno que é generalizadamente reconhecido, inclusive por sectores significativos do partido do Governo. Permanece, no entanto, a dúvida sobre o seu tempo de vida: aguentará até ao fim do mandato?; cairá antes - ou por exaurição pura e simples, ou por *chumbo* do próximo Orçamento de Estado, ou por efeito do accionamento de conhecidos mecanismos constitucionais - e, assim sendo, haverá eleições antecipadas? É uso, em situações como esta, recorrer ao tradicional «tudo pode acontecer» - verdade cómoda, sem dúvida, mas de não muita utilidade prática.

A este respeito, e se a experiência passada tem algum valor enquanto elemento de avaliação do presente, anote-se, quanto mais não seja como tema de reflexão, o facto de o último governo do PSD ter cumprido o seu mandato até ao fim, apesar de ter vivido uma situação em muitos

ca de esquerda e apresente um OE correspondente a essa opção, e *aprenderá* que essa é melhor forma de combater o perigo da direita.

Num contexto como o actual, é hábito também, sempre que alguém fala em eleições, vir à baila a estafada tese do «voto útil (de esquerda) no PS»: para, dizem, impedir «um governo de direita provavelmente pior do que o do PS»; ou para, dizem ainda, esconjurar «o perigo do regresso da direita ao Poder». Assim está a acontecer já. Trata-se de outra versão do tal *papão da direita*: sempre com o objectivo de assegurar a prossecução da política de direita; sempre procurando esconder que o perigo real que, em eleições (seja qual for a sua data), se coloca aos portugueses em geral e às forças de esquerda em particular é o da continuação da **política de direita** aplicada por quem lá *esteve* ou por quem lá *está*, ainda que com diferenças - diferenças não substanciais e que se situam mais na forma do que no conteúdo. (Mesmo assim, a prática concreta do Governo do PS torna legítima a suposição de que tais diferenças formais teriam ficado consideravelmente reduzidas caso o eleitorado tivesse dado ao engenheiro Guterres, em Outubro de 1999, a maioria absoluta por ele obsessivamente pedida... o que, felizmente, não aconteceu.)

Não colhem, igualmente, argumentos produzidos por observadores da área do partido do Governo procurando instalar a ideia de que as críticas do PCP à política praticada pelo Governo do PS abrem o caminho à direita: na realidade, é o PS que, com essa política - de facto de **direita** mas feita em nome da **esquerda** -, cria as condições favoráveis ao ascenso da direita.

Mostram a realidade, a experiência e a vida que o reforço do PCP, nomeadamente o seu reforço eleitoral, é condição indispensável para uma mudança de política, para a substituição da política de direita, praticada quer pelos governos do PSD quer pelos do PS, por uma política de esquerda.

Quando da aprovação do Programa do Governo, em Novembro de 1999, o PCP sublinhou o facto de o PS, «ignorando o significado dos resultados eleitorais», ter optado pela acentuação e aprofundamento dos aspectos mais negativos do governo anterior: favorecimento dos grandes grupos económicos, intensificação das privatizações, agravamento das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores - assim dando continuidade à política de direita até então praticada. Essa opção do Governo do PS - alertou, na altura, o PCP - dava resposta plena às exigências do grande capital, desprezava a clara vontade de mudança de política expressa nas eleições, ia ao arrepiamento dos interesses, valores e referências da Esquerda, dava força à direita e à política de direita. E teria, por isso mesmo, a resposta adequada por parte do PCP: a «oposição de esquerda com a plena consciência da exigência das responsabilidades, tarefas e desafios» que a situação exigia.

Menos de dois anos passados, tudo indica que o PS persiste nas suas opções de então. Que terão, da parte do PCP, a mesma resposta de esquerda.

“O reforço do PCP é condição indispensável para uma mudança de política”

aspectos semelhante à actualmente sofrida pelo Governo de António Guterres. É certo que dispunha de uma maioria absoluta, mas a memória desse tempo regista o *estado de desgraça* então vivido pelo governo de Cavaco Silva: forte contestação social, descrédito generalizado, lutas aceras no interior do partido do Governo, sucessivas remodelações governamentais, fogo cerrado de posições pró e contra eleições antecipadas acompanhadas das correspondentes exigências junto do Presidente da República num ou noutro sentido...

Seja como for, mais cedo ou mais tarde, em eleições antecipadas ou não, é aos portugueses que competirá decidir, através do voto, sobre a política futura e os executantes dessa política - e esse será um momento de incontestável importância. Não surpreende, por isso, a proliferação de considerações vindas a público em torno dessa questão, nomeadamente a velha ameaça do *papão da direita* brandida contra quem, objectivamente e com coerência, sempre combateu a direita e os seus objectivos. Questão sempre recorrente nestes momentos é a do Orçamento de Estado e das consequências da sua eventual não aprovação. É necessário repetir ao Governo do PS que é desonesta e não colhe a velha manobra chantageira de produzir um OE para dar continuidade à política de direita e, simultaneamente, exigir a sua aprovação pelas forças de esquerda, ameaçando-as de serem responsáveis pelas consequências da não aprovação. Opte o Governo por uma políti-

Actual

É difícil olhar para o Governo e para os principais responsáveis do PS sem nos vir à memória aquela expressão popular "agarrem-me senão bato-lhe!". Uma expressão conhecida, atribuída a quem quer parecer o que não é, e que assenta que nem uma luva à postura que Guterres e seus pares vêm assumindo. Quem os ouvir não os leva presos. Se a direita se combatesse com fanfarronices não havia quem os batesse. No verbo é só acção! Seja pelo braço de ferro que o PS estaria disposto a fazer perante o poder económico, seja pela ameaça de levar para contar dirigida a quem ousasse meter-se com o PS, seja pela mais determinada e pouco cristã intenção de se atirar às fuças da direita pela qual Guterres se deixou tentar, a verdade é que a estes assomos de determinação palavrosa se lhe sucederam outros tantos actos, estes com reais consequências políticas, de sentido inverso.

No primeiro embate provou-se a facilidade com que o Governo se conformou às exigências dos grandes grupos económicos e financeiros. A remodelação não deixa dúvidas quanto ao sentido da orientação das políticas a prosseguir. E as

Fanfarronices

• Jorge Cordeiro

medidas anunciadas já deixam antever quem, quando se passa das palavras aos actos, é o principal destinatário das ameaças do Governo.

São manifestamente benévolas as teorias que procuram explicar estes factos com uma mera cedência a pressões e a uma ausência de margem para lhes resistir. A verdade é que, por mais que o PS se sinta na obrigação de levantar a voz à direita por meras razões de disputa do espaço político e de sobrevivência no poder, a natureza da sua política e das orientações governativas determinam o sentido das suas decisões e opções. A política de direita caminha pelas mãos do PS em regime de acção voluntária e não em marcha forçada. É por convicção, e não por subordinação, que o PS se empenha na aplicação dos critérios de convergência nominal; na criminosa saga de privatização de sectores e empresas estratégicas essenciais à economia nacional; na protecção dos interesses do capital e na cobertura à desvalorização dos salários; na promoção de políticas que acentuam a desigual distribuição dos rendimentos entre o fac-



tor trabalho e capital. Num processo que não deixa naturalmente de ser marcado por contradições. Desde logo porque a natural voracidade do capital o conduz à expectativa de poder encontrar melhor satisfação para a sua usura noutras soluções governativas se e quando esta se revelar esgotada. E também por razão da concorrência para o desempenho de papel idêntico e para a ambicionada ocupação de lugar à mesa do orçamento.

Contradições à parte, nada que entre eles se não resolva, o que se revela insano é o antagonismo de interesses entre os direitos da esmagadora maioria dos trabalhadores e uma política de direita marcada pelo favorecimento ao grande capital e pela desvalorização de quem trabalha e produz.

«Zé Cabra»

• Carlos Gonçalves

Já devem ter ouvido um desafinadíssimo «cantor» pimba que dá pelo nome artístico de «Zé Cabra», um virtuoso do «faz de conta» que é profissional do «métier», mas é um biscateiro do «golpe do baú», faz de conta que o «negócio» é música, mas é tudo «conto do vigário», ou, neste caso, o canto do dito.

Mas deixemos o «Zé Cabra». Do que quero falar é da substância das posições de José Miguel Júdice em matéria de Justiça.

Não vou falar da longa e caríssima campanha para Bastonário da Ordem dos Advogados – esperemos que se juntem razões e vontades para enfrentar com eficácia a sua candidatura dos grandes interesses. Júdice é um dos patrões da maior empresa de advocacia de negócios do País – com 100 advogados-empregados – presente, por exemplo, no negócio Champalimaud-Santander, na tentativa gorada de criar o «Banco da Universidade Moderna» e no negócio dos submarinos.

Nem falar dos seus outros interesses – no Banco Privado Português, no Grupo Finantia, ou na CIP Broker, do seu «ilustre» percurso político – em 69/70 em Coimbra como fura-greves, activista da Cidadela e apologeta de Primo de Rivera, pós-25 de Abril no Partido Federalista, no MDLP de Spínola e na Eurodireita parafascista, depois em 1981 no PSD onde chegou à Comissão Política de Marcelo Rebelo de Sousa, já em 1998, ou do seu

percurso de analista-ideólogo no «Resistência», no «Diabo», no «Tempo», no «Semanário», etc., bolsando anti-comunismo em catadupa.

Do que quero falar é da desafinação estridente que resulta para os meus ouvidos de curioso nas coisas da Justiça, quando Júdice jura a sua «grande prioridade» do «acesso ao direito» e insiste na receita neoliberal – todos são livres de contratar um advogado no mercado, e se não puderem pagá-lo, paga o Estado – uma nova dívida sem fundo às grandes empresas da advocacia e a continuada falência do sistema de apoio judiciário.



E falar do «golpe do baú» de, em nome da pretensa defesa do advogado liberal contra o fantasma do Defensor Público, Júdice alargar caminho para a exploração, pelos grandes interesses, do advogado assalariado, proletariado e alienado dos seus direitos e identidade profissional.

E falar do «conto do vigário» de, à sombra do articulado constitucional, Júdice visar perpetuar o conteúdo de classe da Justiça que temos, com a sua componente caritativa, e procurar instrumentalizar a Ordem dos Advogados contra um projecto de Justiça de proximidade, célere e democrática.

Afinal, isto sempre faz lembrar o «Zé Cabra».

Domingo à tarde e questões pendentes

• Aurélio Santos

Em vez de um pacato passeio de domingo, à beira-Tejo, acabei por ter uma tarde política. Foi um autêntico rapto em que dois velhos membros do PCF, acompanhados por dois camaradas nossos, me levaram a um restaurante a que chamarei sempre «O Lugar das Questões Pendentes».

Não foram as questões que me surpreenderam mas a forma como surgiram. Resultavam elas da leitura dos jornais deste fim-de-semana.

Parecia que, segundo eles, o PCP estaria contra uma alternativa de esquerda, com a chamada política de «terra queimada» ou a do «quanto pior melhor». Diziam que o PCP fazia uma oposição sistemática a este Governo, que disso só resultaria «atirar o poder nos braços da direita» e que o PCP se encerrava num gueto voluntário.

Que alternativa de esquerda poderia haver – perguntávamos os camaradas franceses – se «arrumávamos» o PS na direita?

Foi longa a conversa, desde o PCP ao PCF, passando por outros partidos de oeste a leste. Mas chegámos a conclusões:

Ficou claro, creio, que nunca estive-mos contra uma alternativa de esquerda. Antes pelo contrário, sempre lutámos por ela. Mas há contradições a vencer (ou melhor, a apurar). Se o PS tem peso numérico no eleitorado, o PCP não deixou de o ter nas intenções de luta dos trabalhadores e das suas aspirações. É um dado político impossível de ignorar no mapa sociológico do País. O PS tem lugar natural na esquerda, mas é necessário que o queira ocupar. Que não meta a esquerda na gaveta, arriando-se na direita.

Quando à política de «terra queimada», ou de «quanto pior melhor», nunca foi a nossa. Sabemos bem que ela não é nunca a mais indicada em conquista de futuro. O PCP não faz política de oposição sistemática, mas tem princípios programáticos de luta. E nos

últimos dias ficou bem demonstrado que é o próprio PS, com uma tibieza de meter dó, que se atira nos braços da direita a pedir perdão quando esta exhibe a palmatória de mestre-escola.

A já muito longa história do PCP não é a da atracção do abismo. Longe do «gueto voluntário», deu sempre a sua face, isto é, o seu programa e objectivos de luta, pondo-os à disposição do povo português. Nunca entrará no gueto. E livre-se de quem lho queira impor, sob pena de sublevação popular. É que a memória não é tão errática quanto a pensam alguns. E o papel dos comunistas na luta e conquista de direitos – os mais legítimos, os mais dignos, os mais urgentes – faz parte integrante dessa memória. É bom não esquecer.

Ao fim da conversa concluímos que às vezes os jornais são mais desinformativos do que informativos. Dizem os fisiologistas que as imagens, na retina, se formam invertidas, «de cabeça para baixo». É no cérebro que depois ficam de acordo com o mundo real, de pés no chão. Pois também na leitura dos jornais temos de usar muito o cérebro.



Frases

“Se fosse actor, Durão Barroso seria um daqueles que falham as entradas em cena, respondem às deixas erradas e não “agarram” a personagem. Fazendo, ainda por cima, tudo isto com o peito inflamado e a voz colocada”

(Carlos Ventura Martins, *Focus*, 15.07.01)

“Acresce que José Manuel Durão Barroso acaba de sofrer a mais terrível das humilhações – foi repetidamente elogiado por Santana Lopes!”

(idem, *ibidem*)

“Bush é um ignorante (...) Receio que ainda vá dar muitas respostas estúpidas a perguntas legítimas. Os EUA são os maiores poluidores, mas comportam-se como se estivessem sozinhos no mundo (...) [Bush] está dependente dos conselheiros e estes recrutam-se na indústria e nas forças armadas”

(Actor Robert Redford, *idem*)

“Perante a catástrofe dos acidentes nas obras públicas (...) que se publique todos os anos uma lista com as mortes, mas que se diga a quem estavam adjudicadas as obras onde pereceram os operários. É uma exigência razoável e uma maneira de ir mostrando a cara de gente tão poderosa”

(David Pontes, *Público*, 14.07.01)

“Já ninguém quer saber verdadeiramente qual o lugar em que está o Governo: se à esquerda, se à direita, se ao centro! Está para ali, ao deus-dará, à mercê de si próprio!”

(Eduardo Barroso, *Expresso*, 14.07.01)

“Em Cascais, o concubinato entre a Câmara e um construtor civil é ilustração de como mandatos autárquicos democraticamente atribuídos se inclinam perante interesses de mandantes”

(Augusto M. Seabra, *Público*, 15.07.01)

“A esquizofrenia de posições divergentes coincidindo na mesma pessoa conforme o chapéu que têm na cabeça não pode senão levar-nos a pensar que as posições não pertencem à cabeça mas sim ao chapéu”

(José Vítor Malheiros, *Público*, 17.07.01)

“Não são os crimes de faca e alguidar que ameaçam o Estado. Vendem jornais, mas o verdadeiro incêndio que pode destruir a obra política dos últimos 150 anos está mergulhado nos caboucos do próprio poder, chama-se dinheiro a qualquer preço, e move-se nas mãos de poderosos sem escrúpulos”

(Francisco Moita Flores, *Diário de Notícias*, 16.07.01)

“O presidente [francês] Chirac devia saber que o princípio de “tolerância zero” que preconiza em matéria de insegurança e de delinquência juvenil vale também para a cúpula do Estado”

(François Hollande, primeiro-secretário do PS francês, *Público*, 17.07.01)

● José Pedro Rodrigues
texto

Encontro Nacional de Agricultura



Foto Jorge Cabral

Agricultores comunistas denunciam

Governo enterra sector agrícola

O PCP debateu as grandes orientações da política agrícola para o nosso país, num Encontro Nacional promovido no passado sábado, no Porto, com a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, onde estiveram presentes sérias críticas às opções conspirativas do Governo na proposta de reforma da PAC.

Perante centenas de agricultores, representantes de associações socio-profissionais e económicas, entre demais participantes, o PCP apresentou as suas propostas para o desenvolvimento agrícola nacional, debatendo-as com todos os presentes no Encontro, em três painéis: «Produção Vegetal», «Produção Animal» e «Floresta e Baldios».

O Encontro foi iniciado por Agostinho Lopes, membro da Comissão Política, que após salientar a importância de apurar propostas para o sector agrícola, de forma a que o PCP possa intervir na luta política e social e ao nível das instituições, em sua defesa, criticou as sucessivas reformas da PAC, que vão hipotecando as estruturas produtivas nacionais.

Relativamente à PAC e à política da UE, apadrinhadas, no essencial, por PS, PSD e CDS-PP, Agostinho Lopes denunciou a defesa dos «interesses do grande capital agro-alimentar e agropecuário» pelas grandes potências europeias, o que se traduz, negativamente, em «mais mercado e mais liberalização».

Nos relatos dos painéis, efectuados em plenário, no final do Encontro, foram enunciadas as medidas a

tomar e as políticas a seguir em áreas fundamentais do sector agrícola nacional.

Os baldios são do povo

Sobre o painel «Florestas e Baldios», Manuel Rodrigues, membro da direcção da Balflora - Secretariado dos Baldios de Viseu, referiu duas questões que centralizaram as preocupações dos participantes: o problema das modalidades de administração dos baldios e os incêndios florestais, nomeadamente a impossibilidade das assembleias de compartes apresentarem, de *motu proprio*, projectos no âmbito do III QCA, necessitando de recorrer à máquina burocratizada e viciada do Estado.

Ao contrário, «o PCP defende que as comunidades de compartes se possam livremente candidatar aos fundos comunitários para o desenvolvimento dos baldios que, sendo importantes pólos geradores de riqueza para as comunidades locais, comportam recursos e potencialidades que estão longe de se esgotar em utilizações tradicionais», sublinhou, ainda, Manuel

Rodrigues, acrescentando que «existe hoje um conjunto de utilizações de grande importância para as populações e para o País, como a exploração de águas mineromedicinais, turismo de montanha, apicultura e piscicultura, que não são devidamente aproveitadas».

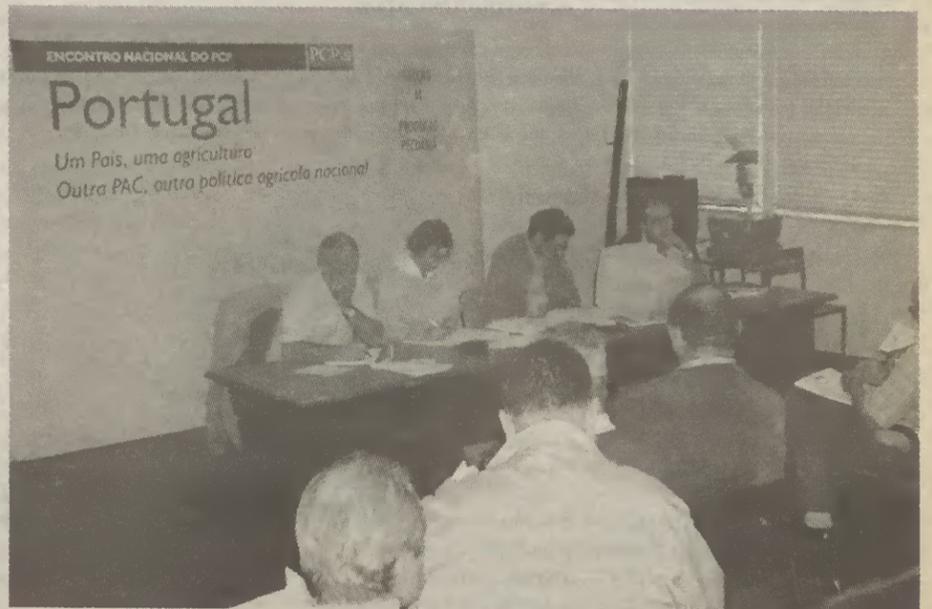
A ideia de que os baldios são terrenos do povo e ao povo incumbe a sua administração gerou o consenso do Encontro, cujas atenções foram também dominadas pelo debate em torno dos incêndios florestais, clarificando a necessidade de uma política que privilegie os investimentos à prevenção.

Exigir apoios

Ilda Figueiredo, a quem coube relatar as conclusões do painel sobre «Produção Pecuária», acentuou o quadro negro que se configura para o sector agropecuário nacional, tendo em conta uma PAC desligada da nossa realidade mas associada a burocracias desajustadas e a uma falta de atenção do nosso Governo.

«As alterações das organizações comuns de mercado, os problemas de sanidade associados à carne bovina, ovina ou caprina, o problema das quotas do leite, os problemas agro-ambientais surgem agravados por condicionalismos e desadequações no processo de atribuição de compensações que prejudicam claramente os produtores nacionais», concluiu Ilda Figueiredo.

A deputada comunista no Parlamento Europeu destacou também a expectativa



Os problemas da agricultura e dos agricultores portugueses estiveram presentes em diversos painéis, onde, ao longo do dia, se procedeu ao diagnóstico da situação, fazendo-se exigências e apresentando propostas a seguir em áreas fundamentais do sector agrícola nacional



dos produtores agrícolas perante a possibilidade de iniciativas parlamentares do PCP que possam defender a agricultura portuguesa, sobretudo a pequena agricultura e a agricultura familiar, bem como os interesses dos agricultores portugueses.

Contra o imobilismo

O painel «Produção Vegetal» proporcionou também, segundo Lino de Carvalho, uma série de impor-

tantes considerações sobre o sector agrícola nacional e delineou um conjunto de exigências para assegurar o seu futuro.

«Sai deste Encontro a exigência de que uma agricultura mediterrânica, como a nossa, tenha o mesmo nível de apoios que as soluções vegetais do Norte», declarou Lino de Carvalho, colocando ênfase na necessidade de lutar por um sistema de apoios que constitua um incentivo à mudança e desenvolvimen-

to dos sistemas produtivos e que não seja um apoio ao imobilismo e ao parasitismo.

No Encontro, encerrado por Carlos Carvalhas, foi ainda discutido o empreendimento do Alqueva, a necessidade de redistribuição dos apoios entre as explorações e os agricultores, surgindo o apelo à instituição de tectos de regulação que limite a concentração de subsídios e a reivindicação do direito a produzir. ▶

Encontro Nacional de Agricultura

"Não há país soberano e independente sem agricultura", diz Agostinho Lopes

O direito a produzir

Nestes últimos tempos, toda a gente dizer mal da PAC, porque «o escândalo é tamanho» que ninguém pode desconhecer - incluindo governos e União Europeia - o quanto a PAC é «desajustada e errada económica, social e ambientalmente», disse Agostinho Lopes, na sua intervenção.

Para Agostinho Lopes, há quatro princípios de onde se tem de partir para uma PAC e uma Política Agrícola Nacional «que sirva os interesses dos agricultores, da agricultura e do povo português». São eles o direito a uma agricultura, a produtos agropecuários são, a uma vida digna para os agricultores e trabalhadores agrícolas, a um país coeso.

O direito a termos uma agricultura significa «o direito a produzir», diz o dirigente comunista, considerando «inaceitável» tudo o que seja «coarctar/limitar o direito imperioso de produzirmos alimentos, na nossa terra, com as nossas potencialidades agrológicas, para sustentar, pelo menos em parte, o nosso povo». Aliás, «não há país soberano e independente sem agricultura».

Quanto ao direito de os agricultores e todos os trabalhadores agrícolas terem uma vida digna, rendimentos que «proporcionem condições de vida semelhantes às da generalidade dos portugueses do seu tempo», ele significa «uma remuneração do trabalho agrícola, uma compensação monetária suficiente para o esforço intelectual e físico dos que labutam de manhã à noite», em geral sem férias, nos campos portugueses.

Os portugueses têm também o direito «a verem e

terem um país coeso», não «um país desequilibrado, com uma corda litoral a abarrotar de gente, com áreas metropolitanas sobrepovoadas e um interior em desertificação, como os recentes números do Censo à população dramaticamente comprovam. Não um país com um mundo rural a perder gente e actividades económicas e sociais, e cidades onde a concentração da população ultrapassa os limites humanamente adequados».

Promessas e esquecimentos

É por isso que, conforme denuncia Agostinho Lopes, a proposta recentemente anunciada pelo ministro da Agricultura - mais ajudas para os agricultores portugueses e distribuição mais equitativa, mais qualidade, mais sanidade, mais ambiente, mais FEOGA - Garantia para Portugal -, não passa de «uma promessa de boas intenções» que «é sonhada pelas propostas de soluções ou a omissão de aspectos importantes do difícil contexto em que a reforma está ou vai ser concretizada».

O ministro continua a falar «de orientar a agricultura para o mercado», de «promover a competitividade via baixos custos ou diferenciação de produtos»; a ter como horizonte «um mercado mundial liberalizado no quadro da OMC», onde se integraria o mercado comunitário; a pretender «desligar as ajudas da produção, velho objectivo dos EUA, OCDE e Japão, e todas as correntes neoliberais da economia», diz Agostinho Lopes.

E, neste contexto, o ministro admite «o fim das quotas de produção», esquece «as posições liberais da União Europeia nas negociações da OMC e em inúmeras negociações bilaterais de comércio»; esquece ou faz por esquecer «os impactos do alargamento aos países do Centro e Leste da Europa, ao nível dos fundos estruturais, dos dinheiros da PAC, do mercado agrícola comunitário»...

Contudo, o resultado desta proposta, «se ela tivesse qualquer exequibilidade ou viabilidade», significaria «a liquidação da agricultura portuguesa, por mais milhões que viessem para o País». Aliás, o tal «imediatismo e oportunismo dos milhões» que «é bem conhecido dos agricultores portugueses», pois houve, até, «os que venderam um período de transição de seis anos da nossa agricultura - entre 1992 e 1998 por cem milhões», com os resultados conhecidos.



Em discussão

Relativamente à liberalização mundial do comércio de produtos agro-alimentares e florestais - uma das questões em discussão -, Agostinho Lopes considerou não ser possível estar de acordo com essa liberalização, como «se de parafusos se tratasse», e, depois, «dizer que se defende o nosso direito a produzir».

Quanto à adequação das políticas agrícolas às heterogeneidades das agriculturas nacional e regional, o que importa saber é, por exemplo, se é possível determinar-se a «mesma extensificação da produção animal para o Alentejo e para o Norte e Centro do País» ou «definir-se a

mesma indemnização compensatória para o Douro e para as zonas de regadio policultural?»

Já no que concerne ao reequilíbrio na distribuição dos dinheiros da PAC entre países, produções e produtores, Agostinho Lopes defende o estabelecimento de tectos, modulações das ajudas e distribuição dos apoios em função do peso das produções no valor acrescentado bruto agrícola da CE e do trabalho agrícola que o realiza.

Por outro lado, não é possível «um pagamento remunerador do trabalho agrícola», se, depois, se aceitarem «as imposições do mercado», a «total libe-

ralização do comércio na remuneração da produção agrícola» e a «degradação completa dos preços dos produtos agrícolas».

«Garantir o direito a produzir» e a cada país «ter uma agricultura conforme as suas necessidades e condições agrológicas», foi outra questão que Agostinho Lopes considerou indispensável a uma agricultura próspera e produtiva e para combater a desertificação de certas regiões, colocando, por último, a necessidade de garantir que a actividade agrícola seja não só compatível com o ambiente mas também promotora da qualidade ambiental.

Depoimentos

Um remendo tardio

A falta de apoios à produção e comercialização de azeite, vinho, cereal e castanha, produtos característicos da região de Trás-os-Montes, é uma das principais críticas que Álvaro Correia, Presidente da Direcção da Associação Distrital de Agricultores de Bragança e da Junta de Freguesia de Bemlhevai, Vila Flor, dirige ao Governo.

«Estamos a braços com a entrada de produtos com muito baixa qualidade, como o vinho denominado de «verde» mas vindo de outros países da UE, ou com a importação do falso azeite espanhol, que tem sido denunciado como um risco para a saúde, mas que concorrem

com os nossos a nível de preços», denuncia Álvaro Correia, explicando que se tratou sobretudo de uma entrada mal negociada na União Europeia, na medida em que os agricultores transmontanos tiveram de concorrer contra produtos da agro-indústria, de baixo custo e baixa qualidade, vindos de outros países, sem possuírem medidas de protecção à qualidade dos seus.

«A «denominação de origem protegida» é um remendo tardio para fazer frente à falta de informação que alertasse para a diferenciação entre os nossos produtos, com significativa qualidade, dos outros», criticou por fim Álvaro Correia.



Uma proposta que não é

Denunciando a «inconsistência» do ministro da Agricultura, Agostinho Lopes, referiu o facto de ele não ter aproveitado «a possibilidade de modular as ajudas directas ao rendimento», aberta, apesar de tudo pela Agenda 2000», e de fingir não ver o seu governo aplicar a taxa de 65%, em vez de 20%, na determinação do rendimento colectável sobre as ajudas directas.

Assim, ironizou, «não é estranho» que esta proposta de um ministro PS «tenha sido ultrapassada pela esquerda... pela direita com a acusação de ser neoliberal!».

Ora, assim, há apenas que esperar «o desastre», prosseguiu, exemplificando com o que se passou, em 1992, apesar de Cavaco Silva e do ministro Arlindo Cunha terem apresentado a reforma «como uma grande vitória portuguesa» e, em

1999, na Agenda 2000, quando, apesar da opinião dos agricultores, o Governo PS considerou que marcara «um penalti contra a PAC». Tudo, porque quer o PS quer o PSD e mesmo o CDS/PP continuam a dizer o que a UE quer ouvir, ou seja, mais mercado, mais liberalização e mais competitividade.

Evocando, depois, as palavras proferidas naquele conclave pelo coordenador da Representação Permanente do Estado Português em Bruxelas (REPER), de 1986 a 2000, no sentido de as negociações terem tido «sempre por base as negociações e interesses das duas principais potências agrícolas da União Europeia, França e Alemanha» e de que os países que fazem um discurso liberal são os que no momento das grandes decisões, tomam «uma atitude meramente defensi-

va dos interesses próprios e dos privilégios já adquiridos», Agostinho Lopes lembrou que «é nesta relação de forças que se vai fazer a nova reforma da PAC».

Assim, não adianta ao governo português «apresentar uma proposta que não é uma proposta» ou fazer de conta «que tem muita influência e capacidade de manobra». O que adianta é perguntar «se os outros países consideram ou não o direito nosso ter uma agricultura» e proceder em conformidade, para isso mobilizando os agricultores portugueses, e as forças da sociedade portuguesa.

Não parece ser esta, porém, a vontade «nem este o rumo do Governo», diz Agostinho Lopes, concluindo que «não ser jeito» dos comunistas aceitar factos consumados, pelo que «estão dispostos a lutar pela agricultura e pelos agricultores portugueses».

Encontro Nacional de Agricultura

Intervenção de Carlos Carvalhas

Uma actividade fundamental

A agricultura continua a desempenhar, no nosso país, um papel de primeira linha, graças ao esforço e coragem de mais de 400.000 produtores e suas famílias, afirmou o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, no seu discurso de encerramento do Encontro Nacional de Agricultura.

Porém, na opinião de Carlos Carvalhas, o Governo parece querer «continuar a alimentar o definhamento da agricultura, a impulsionar o despovoamento do mundo rural e a crescente importação dos bens agroalimentares, tendo o Primeiro-Ministro confessado publicamente à CAP - como que a pedir-lhe a «cumplicidade» -, que a

proposta do seu ministro da Agricultura sobre a reforma da PAC «não é para ser levada a sério». Aliás, ainda segundo ele, «não importa saber se a proposta é boa ou má», pois o que importa é que Portugal consiga «espaço de manobra» para futuras negociações. António Guterres considera, também, que a proposta de Capoulas Santos não é uma «proposta inocente», apenas visando introduzir «escolhos necessários» para impedir a evolução mais negativa, em relação ao nosso país, não sendo «para

A actual PAC tem pouco a ver com a realidade da nossa agricultura

se aplicar tal como está, mas para garantir que não se aplique no sentido oposto... Ou seja, resume Carlos Carvalhas, «uma falsa proposta para tentar enganar a Comissão de Bruxelas», que deixa o Governo sem «cara» para defender agora a tal proposta.

Sublinhando, a seguir, o «papel de primeira linha» que a agricultura continua a desempenhar para o nosso país, graças ao esforço e coragem de mais de 400.000 produtores e suas famílias, Carlos Carvalhas lembra que a produção de bens alimentares é «fundamental para toda a actividade económica» e «decisiva» para que as zonas rurais e do interior «não se desvitalizem e desertifiquem» e que «sem agricultura, sem pescas e sem indústria nacional», o País fica, no essencial, reduzido aos serviços e ao turismo, actividades importantes mas que «não podem ser as únicas a

suportar o desenvolvimento económico e a inserção e a competitividade de Portugal na economia global».

Há outro caminho

A realidade, porém, é a diminuição dos rendimentos de quem trabalha na terra; é o desaparecimento, em 10 anos, de mais de 30% das explorações agrícolas (cerca de 200 mil); é o País a produzir cada vez menos e a importar cada vez mais; é a degradação da posição relativa da agricultura portuguesa na agricultura europeia e mundial.

Este caminho não é, contudo, inevitável para Carlos Carvalhas que, reconhecendo a necessidade de articular a função de produção agrícola com a de defesa do ambiente, da qualidade e da preservação do mundo rural, diz que «nada destes três últimos aspectos será viável se desaparecer a primeira delas, a produção agrícola».

Dá que os comunistas critiquem «a perda de tempo e dinheiro em direcções erradas», desde a integração da agricultura portuguesa numa PAC «que tem muito pouco a ver com a nossa realidade e a nossa especificidade». É certo, dizem, que os subsí-



Foto: Jorge Cabral

dios de apoio ao rendimento são necessários, no quadro actual, para não agravar ainda mais as condições de vida dos agricultores, mas estão contra o facto de os beneficiários dos apoios

serem «basicamente os grandes proprietários e as grandes indústrias agroalimentares e não quem mais precisa deles». O que criticam é que os governos se «esgotem em meras polí-

ticas de apoios ao rendimento» e não apostem nos apoios à reconversão dos sistemas produtivos, ao reforço das capacidades produtivas agrícolas do País.

Incrementar produção

Apesar de o Governo, através do ministro da Agricultura, ter finalmente descoberto o que o PCP há muito diz - que a actual Política Agrícola Comum «não serve nem res- peita a heterogeneidade, diversidade e especificidade das agriculturas europeias» -, as propostas que apresentou «não servem a agricultura portuguesa», já que prevêem a separação dos apoios

trário do que a OMC afirma, «a concorrência não gera a riqueza para todos» e, na agricultura, onde há desníveis de produtividade que vão de 1 a 1000, a realidade é «da dominação e liquidação» dos produtores mais fracos.

Enunciando, a seguir, os principais pontos em que deveriam assentar uma outra PAC e outra política agrícola

do a produção agrícola como qualquer outra mercadoria ou serviço financeiro» quando o caminho a seguir é, «por um lado, rejeitar essa inserção e, por outro, exigir uma revisão da distribuição das quotas de produção», permitindo aos países, como Portugal, incrementarem as produções para as quais têm vocação e libertando-os do seu próprio atraso. A verdade, ao con-

trário do que a OMC afirma, «a concorrência não gera a riqueza para todos» e, na agricultura, onde há desníveis de produtividade que vão de 1 a 1000, a realidade é «da dominação e liquidação» dos produtores mais fracos.

Enunciando, a seguir, os principais pontos em que deveriam assentar uma outra PAC e outra política agrícola

la nacional, o secretário-geral do PCP avança a previsão de que a OMC, impulsionada pelos EUA, «vai avançar de novo». «Em Novembro, no isolamento e na protecção de uma monarquia que proíbe os partidos políticos e as manifestações - o Quatar - vai de novo tentar os seus objectivos», afirmou, apontando a luta dos povos como única forma de a derrotar.

Por fim, Carlos Carvalhas, defendendo a procura de «soluções que respeitem os povos e dignifiquem a agricultura e o agricultor», garantiu que os comunistas irão continuar a dar a sua contribuição no debate com agricultores, técnicos e investigadores, de forma a ajudar a resolver os problemas e «fazer com que a voz dos agricultores e dos trabalhadores agrícolas cheguem à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu».



Favorecer a biodiversidade

Técnico agrícola transmontano, a trabalhar na Associação Distrital de Agricultores de Bragança, José Pegado consegue bem transmitir as preocupações dos produtores agrícolas da sua região, sobretudo as dificuldades de rentabilidade económica das explorações, que agravam as condições de produção e comercialização dos cereais, do vinho, do azeite, do mel, da castanha e da amêndoa, que é o essencial da produção transmontana.

José Pegado acusa a nova reforma da PAC pela retirada das ajudas em termos de perda de rendimentos, que prejudica sobretudo os pequenos agricultores. Para

ele, seria importante fomentar uma agricultura que favorecesse a biodiversidade e respeitasse a regulamentação agro-ambiental, como as fruteiras regionais, os chamados «pomares». Para este técnico, tal seria uma boa solução para rentabilizar muitas produções na zona transmontana e superar algumas das maiores dificuldades que enfrentam.

Nesta iniciativa do PCP, José Pegado observa sobretudo a vantagem de se poder discutir experiências de agricultores de diversos pontos do nosso país, entrelaçando vivências e preocupações sentidas em todo o mundo agrícola.

Propaganda e promessas

Produtor pecuário na região de Leiria e dirigente da CNA, António Ferraria elabora um diagnóstico preocupante do estado do sector.

«A produção pecuária vive uma situação muito difícil, sobretudo resultante da BSE, do abaixamento do preço do gado, do problema do leite e da insegurança dos produtores no que respeita às quotas leiteiras», sintetiza este produtor leiriense. António Ferraria acusa o Governo de propagandear *slogans* de programas, como o AGRIS, ou o RURIS, ou ainda promessas de reformas anteci-

padas, e entrar, posteriormente, a adesão aos mesmos, frustrando as legítimas expectativas dos produtores. «É também desta forma que o governo PS vai perdendo progressivamente a sua base social de apoio», explica este produtor.

Todavia, Ferraria assume que a única saída para contrariar a actual situação e esta política é a luta dos agricultores e dos produtores agropecuários, solução que considera adequada para mostrar ao Governo do PS, em particular ao Ministério da Agricultura, qual o preço da demagogia.

Para uma nova política

Para Carlos Carvalhas, os principais pontos de partida para a definição de uma nova Política Agrícola Comum (PAC) e uma outra política agrícola nacional devem garantir

- a soberania alimentar, ou seja, o direito a produzir, de acordo com políticas agrícolas e alimentares nacionais, com as potencialidades agro-lógicas e as necessidades do País;

- a produção agrícola como uma variável estratégica da independência nacional e, por isso, uma estratégia de fomento da produção e a garantia de um limite de segurança ao nível do aprovisionamento ali-

mentar (de acordo com a definição da FAO);

- uma maior taxa de cobertura de consumo interno pela produção nacional;

- a segurança alimentar, através de uma produção agrícola e pecuária que assegure produtos de qualidade e são, através de processos de produção adequados e de uma regulamentação e fiscalização eficazes;

- rendimento dos agricultores e emprego e salários dos trabalhadores agrícolas com níveis e qualidade de vida idênticos aos das outras camadas sociais;

- coesão económica e social que garanta a convergên-

cia económica e social de países e regiões, travando o agravamento das assimetrias, a desertificação e a perda de actividade agrícola;

É necessário, ainda, defender um justo comércio internacional de produtos agrícolas, com trocas comerciais que permitam o desenvolvimento das agriculturas e economias rurais e combater processos acelerados de desertificação e liberalização dos mercados agrícolas, no âmbito das negociações que estão em curso na Organização Mundial de Comércio e em negociações bilaterais e multilaterais da União Europeia.

Bernardino Soares à frente do Grupo Parlamentar

A propósito da substituição de responsabilidades no Grupo Parlamentar, divulgada na passada sexta-feira, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, proferiu a seguinte declaração:

1. Confirmando o essencial de notícias hoje divulgadas, cumpre-me informar que, a seu pedido, o camarada Octávio Teixeira deixará de exercer as funções de deputado à Assembleia da República (que vinha exercendo ininterruptamente desde 1980) e por consequência, as de presidente do Grupo Parlamentar do PCP (que exercia desde 1991).

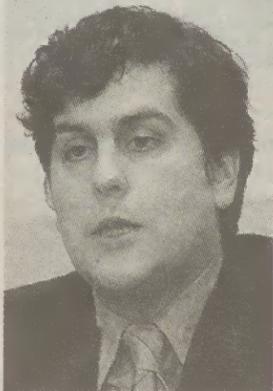
2. É importante informar também que há muito tempo que Octávio Teixeira manifestara o desejo, inteiramente respeitável, de regressar à sua actividade profissional anterior ao exercício das funções de deputado, e que, depois de diversos adiamentos por solicitação dos organismos executivos do PCP e do seu Secretário-Geral, desde Setembro de 1999 que se encontrava assente nesses organismos que a concretização dessa decisão se verificaria no termo da actual sessão legislativa que ocorrerá formalmente em 14 de Setembro.

3. Neste quadro, a Comissão Política e o Secretariado do PCP já tinham examinado a questão da substituição de Octávio Teixeira nas funções de presidente do Grupo Parlamentar do PCP tendo sido decidido apresentar, para oportuna apreciação pelo Grupo Parlamentar do PCP, o nome do camarada Bernardino Soares, membro da Comissão Política do PCP e deputado à Assembleia da República desde Outubro de 95, início da VII Legislatura, integrando as Comissões de Juventude e Desporto, Paridade, e as Comissões Eventuais de Acompanhamento da situação em Timor-Leste e da revisão constitucional.

4. É ainda devida a informação de que Octávio Teixeira continuará a ser membro do Comité Central do PCP e a integrar a sua Comissão Política.

5. Ainda que com a certeza de incomodar o próprio, não posso deixar de sublinhar neste momento o rigor, empenho, competência, sensibilidade e seriedade com que Octávio Teixeira exerceu as funções de deputado e de presidente do Grupo Parlamentar do PCP, dando um grande e assinalável contributo para a intervenção e prestígio do PCP e da sua representação parlamentar e para o próprio prestígio e dignificação da Assembleia da República e da vida democrática do País.

6. Quero ainda exprimir a nossa confiança e convicção de que a solução proposta para a substituição do camarada Octávio Teixeira, apoiada no espírito de trabalho colectivo e de interajuda que são timbre dos comunistas, estará em condições de contribuir para que o Grupo Parlamentar do PCP continue a desempenhar o destacado papel e a forte e qualificada intervenção que tem desenvolvido na Assembleia da República.



▼ CAMARADAS FALECIDOS

Adelino Pires

Vítima de doença prolongada, faleceu, no passado dia 27 de Junho, com 81 anos de idade, o camarada Adelino Pires, natural de Penso, Melgaço. Membro do Partido do tempo da clandestinidade, estava organizado no sector de Holetaria, onde desenvolvia uma intensa actividade. Era um destacado vendedor do «Avante!» na estação do Rossio, em Lisboa.

Francisco Maria Simões

Faleceu, no dia 13 de Julho, o camarada Francisco Maria Simões. O camarada estava organizado na freguesia de Vialonga.

Úrsula Machado

Faleceu, no passado dia 10 de Julho, a camarada Úrsula Machado. Membro do Partido desde 1955, teve tarefas semi-clandestinas a partir de 1957, passando posteriormente ao quadro de funcionários do Partido. Em 20 de Agosto de 1960, foi presa quando, com o seu companheiro e filha, realizava tarefas numa tipografia situada na Damaia. Foi brutalmente torturada pela PIDE, o que lhe causou perturbações psíquicas que a acompanharam até ao fim dos seus dias. Esteve presa cerca de quatro anos e meio.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Encontro da DORS sobre Agricultura
defende certificação de origem dos produtos regionais

Valorizar recursos endógenos

A Comissão de Agricultura da Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP considera que, apesar da política agrícola de direita e de subjugação à PAC, levada à prática pelo Governo PS, a agricultura tem potencialidades para se desenvolver e acompanhar um processo de desenvolvimento estratégico na Região.

Para esse desenvolvimento, segundo as conclusões do Encontro Regional que a Comissão de Agricultura promoveu para análise do sector, é necessário, contudo, ter em conta a realidade socioeconómica e tradicional da região - coexistência de explorações familiares com propriedades médias e algumas de grande dimensão - e as características próprias e aptidões de grande parte dos solos.

Depois, na opinião do PCP, urge a tomada de medidas políticas de investimento financeiro e técnico que potencializem as capacidades de produção agrícola da região, com a valorização dos recursos endógenos - através do estudo e concretização dos processos para a certificação de origem de produtos regionais como o vinho Moscatel, a cebola de Alcochete, a batata doce da Comporta, o queijo de Azeitão, entre outros -, e a defesa da produção animal pelos métodos tradicionais enriquecidos com as novas tecnologias.

Mas para o desenvolvimento da agricultura é, ainda, necessário o apoio financeiro do Estado a medidas agro-ambientais e medidas de defesa do sector florestal e do volume e qualidade da água, sendo que, relativamente à água, a DORS defende concretamente o aproveitamento das maiores linhas de água da Península de Setúbal, por exemplo a ribeira da Marateca; a construção de açudes e charcas para aproveitamento das pequenas linhas de água existentes, que acabam por se perder nos rios Sado e Tejo; e, paralelamente, o incentivo das medidas agro-ambientais em regime de protecção integrada, apoiada pelo Estado.

Algumas propostas

O Encontro do PCP apresenta, por fim, algumas reclamações e propostas, com vista a uma política agrícola que permita aos agricultores da Região de Setúbal produzir de acordo com as necessidades do mercado e as potencialidades do solo agricultável.

O apoio às Associações, cooperativas agrícolas e adegas cooperativas no sentido de criar infra-estruturas indispensáveis à produção (de secagem e armazenamento de milho em grão ou redes de frio para armazenagem e comercialização de produtos frutícolas e hortícolas); uma política de apoio ao orçamen-

mercado de produtos sem qualidade, por vezes supostamente nacionais; apoios extraordinários da UE para o relançamento da actividade agrícola nacional; apoio técnico ao produtor e criação de Centros de Apoio à Formação Profissional; a criação de um Centro Tecnológico na Península de Setú-

bal que apoie a aplicação das medidas agro-ambientais e da certificação de produtos regionais são algumas das propostas do PCP que considera igualmente indispensável a auscultação das estruturas representativas dos agricultores pelos organismos do Ministério da Agricultura.

Há que impedir a entrada no mercado de produtos sem qualidade



Encontros de Carlos Carvalhas

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, acompanhado de Octávio Teixeira e Rosa Rabiéis, da Comissão Política, e de Rui Fernandes, do Secretariado do CC, foram recebidos em audiência, na quinta-feira passada, pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, a quem deram conta das suas preocupações relativamente à situação económica e política do País.

No dia anterior, Carlos Carvalhas, havia-se encontrado com o Primeiro Ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, para troca de informações sobre os dois países.



Jornada de informação

Numa acção nacional de informação e esclarecimento, activistas e simpatizantes do PCP saíram para a rua, nos dias 10, 11 e 12, para um contacto directo com as populações, a quem distribuíram um documento sobre as recentes medidas e orientações anunciadas pelo Governo e que representam uma ameaça para os salários e as condições de vida dos trabalhadores.

Em Lisboa, a jornada teve a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, que, juntamente com outros militantes, procedeu, na Baixa lisboeta, à distribuição do referido documento.



AÇORES

Oferta «desonrosa»

José Decq Mota, coordenador do PCP e da CDU nos Açores, denunciou, em conferência de imprensa, o facto de o Ministério da Defesa ter permitido a instalação do sistema antimíssil norte-americano na Base das Lajes, na ilha Terceira, sem um consulta prévia aos órgãos regionais e espera que a «oferta» feita «caduque com a entrada em funções do novo ministro da Defesa». O dirigente do PCP acusa, entretanto, o Governo Regional de «assistir serenamente» a esta «oferta desonrosa», que «põe em causa a segurança nacional e regional», e lamenta que o Gabinete de Carlos César não tenha ainda dado resposta a um requerimento do seu Partido, apresentado há mais de um mês, sobre o assunto.

José Decq Mota, que falava no final de uma reunião do Secretariado, há dias realizada, manifestou, também, a oposição do PCP às pretensões de diluição na quota leiteira nacional da quota de 73 milhões de litros de leite concedidos aos Açores, para além da quota de produção nacional, enquanto região periférica.

EMIGRAÇÃO

Encontro de amigos

A exemplo que se tem verificado em anos anteriores, também este ano o PCP marcou um encontro - «Iniciativas de Verão» -, visando juntar os militantes e simpatizantes comunistas que se deslocam a Portugal no período de férias. Este ano as «Iniciativas de Verão» decorrerão na Baixa da Banheira, nos próximos dias 3, 4 e 5 de Agosto.

MOITA

Um grande Partido

O Pavilhão do PCP nas Festas Populares da Baixa da Banheira confirmou-se como um verdadeiro local de convívio e de afirmação da candidatura da CDU.

A deslocação ao Pavilhão de um vasto conjunto de visitantes, no ano em que o PCP completa o seu 80.º aniversário, veio confirmar o Partido como a única força política com actividade permanente na freguesia e no concelho, concluiu, entretanto, a Comissão de Freguesia de Baixa da Banheira do PCP, na sua última reunião para apreciação da actividade recente da organização do Partido a nível local.

VILA NOVA DE GAIA

PS e Câmara inviabilizam debate

A CDU acusou o PS de inviabilizar a realização de sucessivas sessões da Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia, «atrasando deliberações» e impossibilitando os munícipes de, no período que lhes é atribuído, apresentar as suas questões.

Na nota de imprensa, referente ao abandono da Assembleia por parte do PS, em protesto pela ausência do presidente da Câmara, Luís Filipe Meneses, a CDU considera, ainda, que o presidente da Câmara e o PS, «movidos por mesquinhos cálculos partidários», e uma absoluta irresponsabilidade, «mantêm um braço-de-ferro a todos os títulos indigno».

«Acima de jogos partidários» e em defesa dos interesses da população gaiense, os eleitos da CDU condenam veementemente quer a atitude do presidente da Câmara quer da maioria PS, e apelam ao presidente da Câmara no sentido de estar presente na próxima sessão, para que os assuntos entretanto acumulados «possam ser objecto de debate sereno e deliberação ponderada, a bem de Vila Nova de Gaia.»

As chagas do centralismo

O País está mais desigual e desequilibrado. Aumentou a litoralização da população e o despovoamento do interior, a desigualdade na distribuição do rendimento, as assimetrias regionais.



Jorge Cordeiro
Membro da Comissão Política

Nada que devesse surpreender. As políticas centralistas e a ausência da regionalização, num quadro acentuado de prosseguimento da política de direita, dificilmente produziram outro resultado. O que espanta é o sobressalto e a indignação com que alguns, animadores ou acompanhantes de coro da cruzada contra a criação das regiões administrativas, olham agora o efeito da persistência de uma política comandada a partir de um centro mais preocupado em se conduzir por critérios de sobrevivência política e em instrumentalizar a canalização de investimentos do que em cuidar de um efectivo desenvolvimento regional.

A publicação pelo INE das contas regionais e a divulgação dos Censos de

mento regional e de combate às assimetrias regionais. É que apesar de apresentarem um crescimento demográfico positivo, as regiões Centro e Norte, transportam em si os mesmos fenómenos de litoralização da população e de desertificação do interior. A região Norte apesar de crescer globalmente 6%, vê 48 dos seus 86 concelhos perderem população, num quadro em que os 10 concelhos mais populosos concentram quase 50% da população total, e em que não só as sub-regiões Douro e Alto Trás-os-Montes no seu todo, mas numerosos concelhos do Minho-Lima (sete em dez) e Tâmega (seis em quinze) perdem população. O mesmo com a região Centro. Apesar de um aumento global de 3,4% a verdade é que apenas em três das dez sub-regiões (precisamente as do litoral) viram a sua população crescer acima da média da região. Das restantes, em cinco — Pinhal Interior Norte e Sul, Serra da Estrela, Beira Interior Norte e Sul) o sentido foi o de um maior ou menor declínio populacional. E numa delas (Lafões) o seu crescimento fica apenas a dever-se à evolução na cidade de Viseu, já que em doze dos quinze concelhos da sub-região o sentido foi o da perda de população.

As desigualdades têm crescido na distribuição do rendimento per capita

2001 vieram expor o que de há muito se suspeitava. Cresceram nestes últimos cinco anos (1995/99) as desigualdades na distribuição do rendimento per capita entre as várias regiões menos ricas e a região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT). Agravou-se, nos Açores, Norte, Centro e Alentejo, a distância para a média nacional que continua a assentar nos valores construídos pela RLVT.

Os censos confirmam o progressivo desequilíbrio regional. Uma leitura mais apressada levaria a concluir que o quadro não é tão grave quanto se suporia. É verdade que das cinco regiões do Continente apenas uma — o Alentejo — apresenta um decréscimo de população. Mas só meia verdade. A verdade completa é um libelo acusatório à ausência de uma política de desenvolvi-

Ausência «útil»

A ausência de uma estrutura administrativa legitimada democraticamente e representativa das populações dará seguramente muito jeito aos que fundam a sua influência nesta omissão. É sempre útil dar a possibilidade a um ministro de inaugurar uma obra que poderia ter sido realizada por um órgão de poder regional, de garantir a representantes nomeados pelo Governo o poder de

decidir dos fundos comunitários mesmo aqueles que eufemisticamente se designam por programas operacionais regionais (responsáveis por um investimento público que ultrapassa os três mil milhões de contos), de manter a margem de instrumentalização dos investimentos do Estado segundo as estratégias e interesses do momento, de dar margem aos responsáveis e directores regionais dos vários serviços da Administração Central para se ingerirem e até boicotar a actividade dos municípios de que o exemplo de Évora é apenas o mais chocante e recente. Mas seguramente que não serve os interesses da população, do desenvolvimento regional e do País.

As recentes medidas anunciadas de desconcentração não passam disso mesmo. Apurar as condições de intervenção da Administração Central nas regiões e garantir uma mais eficaz articulação e controlo sobre as políticas regionais por via de alguma racionalização territorial dos vários serviços desconcentrados e sobretudo por via do reforço dos poderes dos presidentes das comissões de coordenação regional, equiparados a secretários de Estado, e com funções que não se apresentarão muito distintas das que foram imaginadas para os chamados comissários regionais. Em último caso aperfeiçoar aquilo a que se destina — a centralização.

Sobre os que se opuseram à regionalização sempre em nome da descentralização e prometeram mil medidas nesse sentido em alternativa àquela, recai a acusação do que os números hoje evidenciam de crescimento das assimetrias. E aos que difundem os valores da subsidiariedade, aplaudem o municipalismo, e enaltecem os méritos da cooperação entre municípios e destes com o poder central, é necessário recordar que não apenas o associativismo municipal não pode preencher o patamar deixado vazio entre o nível central e local como a ausência das regiões se constitui como um factor de limitação da autonomia municipal. Mais cedo que tarde crescerá a consciência de que sem as regiões administrativas se tornará impossível imprimir uma política de desenvolvimento regional que contribua para aumentar a coesão social e territorial do continente.



Orçamento Rectificativo

Aperta o cinto

Os jovens de 30 não podem lembrar-se, mas os jovens até aos 80 (!) lembram-se que, após 25 de Abril, o primeiro primeiro-ministro a mandar «apertar o cinto» foi Mário Soares, aliás, satisfazendo uma reivindicação do PSD e CDS (onde, na altura, se acotaram os mesmos interesses que, durante 48 anos, sustentaram a ditadura). Mal agradecidos, aproveitaram o serviço prestado e o descontentamento gerado para arrear logo de seguida Mário Soares do poder.

Eis-nos agora chegados à segunda mudança de rumo em que o capitão do navio vem dizer a todos nós que é preciso voltar para trás. Desta vez dão-lhe um nome mais pomposo: «Orçamento Rectificativo». Descodificado, o que é? Baixa de rendimentos dos portugueses; diminuição (ainda mais?) da produção; baixa na saúde e educação; despedimentos na função pública; revisão (ainda mais?) das leis do trabalho (tal como Mário Soares com os contratos a prazo...).

Dizem-me: «Ah! Mas agora é por causa da moeda única e do Pacto de Estabilidade!...». Para além de ninguém ter perguntado aos portugueses se queriam a moeda única, só agora percebemos que Portugal assinou um Pacto que obriga a usar certos valores quando precisamos é ainda de acelerar mais. É bem certo o velho ditado: «O c... é sempre o último a saber!»

Freitas do Amaral, há 2 ou 3 anos, ensinou publicamente Guterres como devia fazer para se aguentar no poder: «Uma política económica de direita e uma política social de esquerda.» Raposa velha e pragmática (sabe bem que isto é impossível) serve-se dos outros para se deitar na cama. Guterres avança: «Sai uma Reforma Fiscal para abrandar desequilíbrios sociais!» Meses depois, Guterres recua: «Sai um Orçamento Rectificativo para os aumentar!» Barroso ataca de imediato dizendo que ainda é pouco: «Só falta retirar a tributação das mais-valias sobre as transações da Bolsa»; «Este Governo não presta»; «A hora é nossa!», grita o espertalhão, para depois deixar passar o Governo recauchutado e o dito «Rectificativo» (Portas deve ter gasto horas ao espelho a ensaiar a sua representação na Assembleia da República, mas não percebeu nada da jogada). É que assim o PS, continuando mais uns meses a governar, para além de ficar totalmente descredibilizado perante a opinião pública, facilita ao PSD o regresso ao poder mais tarde (Cavaco já está excitadíssimo), e irá pôr em prática a política que a direita quer, mas cujos custos impopulares o PSD não precisará de suportar...! E esta hein?

E um «Rectificativo» que começasse por cortar e colectar devidamente, além dos especuladores da Bolsa, os rendimentos de Victor Constâncio; os 750 contos mensais de telemóvel que gastam certos gestores públicos; os rendimentos de certas chefias e assessorias, ou consultorias e outras coisas terminadas em «ias»?

A história seria diferente, mas passava a ter uma moral...

● Mário Abrantes

Encontros com emigrantes

Uma delegação da Associação de Reencontro dos Emigrantes (ARE) foi recebida, segunda-feira, na Assembleia da República, pelo presidente da Subcomissão Parlamentar que trata das questões da emigração e comunidades portuguesas.

A associação entregou um pequeno dossier que, entre outra documentação, continha uma moção recentemente aprovada em assembleia-geral da ARE, onde se manifestam algumas preocupações relativamente às questões do ensino, bem como a algumas carências no que se refere ao apoio consular.

Na reunião foi referida a necessidade de conjugação de esforços no sentido de ser criada uma rede de apoio aos emigrantes, seja quando nos visitam no Verão seja nos casos de regresso a Portugal, e avançada ainda uma proposta de realização, no próximo ano, de uma audição na AR, com a

participação de representantes do movimento associativo dos portugueses no estrangeiro e a presença dos deputados eleitos pelos círculos da emigração.

Entretanto, está a decorrer em Almada, até 22 de Julho, o IV Encontro Europeu de Jovens Luso-Descendentes. Uma iniciativa da Coordenação das Colectividades Portuguesas de França (CCPF).

O encontro tem a participação de cerca de vinte jovens franceses, espanhóis, alemães e holandeses que trabalham em associações que promovem nos seus países a cultura portuguesa. Durante uma semana, os participantes terão oportunidade de intervir em debates acerca da cultura e do associativismo em Portugal, assistir a espectáculos de teatro e visitar os bairros históricos de Lisboa, como Alfama e Castelo.

Estão também previstas visitas a colectividades de Almada, um concelho com mais de trezentas associações de cultura, recreio e desporto.

Fenprof denuncia desvio do dinheiro para salários

Um escândalo público no Pré-escolar

O dinheiro destinado ao pagamento de educadores tem vindo a ser desviado, por algumas IPSSs, para outros fins. Um escândalo público que a Fenprof recentemente denunciou.

O escândalo não é de agora. Mas, face ao arrastar da situação, a Fenprof decidiu apresentar queixa à Inspeção Geral de Educação e divulgar à imprensa os dados que recolheu relativamente à apropriação indevida, por parte de algumas IPSSs, do salário dos seus trabalhadores.

A situação que actualmente se vive prende-se, de alguma forma, com a decisão do actual Governo de expandir a rede pública da Educação Pré-escolar através do ensino privado e, em particular, através das Instituições Particulares de Solidariedade Social - IPSSs, incluindo Misericórdias e Mutualidades. Uma opção política questionada pela Fenprof, que defende que essa expansão deveria processar-se no quadro da Escola Pública.

Entretanto a Assembleia da República decide - nomeadamente por pressão da Fenprof - que tal opção deveria implicar a gratuitidade da componente educativa e que não poderia prejudicar a qualidade do serviço docente nem os direitos das educadoras e restantes trabalhadores das IPSSs. A Lei-Quadro da Educação Pré-escolar obriga a que o estatuto remuneratório e de carreira das educadoras de infância se aproxime gradualmente dos do ensino público e do ensino particular e cooperativo.

Com base nestas decisões, o Governo assina, em 1998, um protocolo de cooperação com as IPSSs em que se com-

promete a pagar as verbas necessárias para o pagamento do vencimento às educadoras e restante pessoal de apoio, de modo a cumprir o que obriga a Lei-Quadro. E assim, desde 1 de Setembro de 1998, passaram para as mãos das IPSSs 50,4 milhões de contos que, em numerosos casos, têm servido para tudo menos para cumprir o acordado.

no a fazer cumprir o protocolo. Com alguns frutos. A partir de 1 de Setembro de 2000, as Instituições de Solidariedade Social, através da União das UPSSs, reconheceram que o dinheiro entregue pelo Estado deveria ter o destino a que o protocolo obriga.

Hoje já há muitas instituições que pagam as remunerações aos educadores de infância de acordo com o estabelecido, mas outras recusam ainda fazê-lo ou

casas as disposições da lei que determina que apenas serão apoiadas financeiramente as instituições que cumpram os requisitos de equiparação relativamente aos educadores de infância.

Uma medida a que a Fenprof prefere que não seja necessário recorrer, pois prejudicaria todos os envolvidos, das instituições, educadores e outros trabalhadores, às crianças e suas famílias.

Daí esta opção da federação de professores. Divulgar publicamente este

O silêncio não se pode manter por mais tempo



Garantir a qualidade do pré-escolar para todas as crianças é uma prioridade da Fenprof

Uma luta com alguns frutos

Face a esta situação, a Fenprof desencadeou uma luta para obrigar o Gover-

continuar a dever os retroactivos.

As instituições que não cumprirem as tabelas salariais definidas, a Fenprof lembra que podem ser apli-

escândalo público, para exigir, uma vez mais, que o Governo assuma as suas responsabilidades. O silêncio não se pode manter por mais tempo.

Estudantes enviam carta aberta a Guterres

Dirigentes de 83 associações académicas do ensino superior enviaram terça-feira passada uma carta aberta ao primeiro-ministro a criticar a falta de estabilidade no Ministério da Educação (ME) e a contestar os cortes orçamentais para o sector.

Para os estudantes, o ministro da Educação deixou de ser um parceiro e o único interlocutor a partir de agora será o primeiro-ministro, porque consideram que o titular da pasta, seja ele quem for, não tem peso na definição das políticas seguidas, pois «o ME não é mais do que uma cadeira semestral com elevado insucesso».

Duzentos e oitenta delegados de 83 associações de estudantes participaram, no

passado fim-de-semana, em Coimbra, no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA). No encontro foi aprovada uma moção intitulada «Um ano lectivo que agora acaba... e uma educação que não começa», que incluí o envio da carta aberta ao primeiro-ministro. Na missiva dirigida a António Guterres, os estudantes contestam «o corte de 11 milhões de contos» no financiamento do Ensino Superior.

«As insuficiências financeiras sentida em cada instituição não resultam de uma má gestão de dinheiros públicos por parte das administrações, mas de um conjunto de mecanismos e protocolos de gestão desadequados às

necessidades actuais», sustentam.

Os estudantes criticam as sucessivas remodelações no ME, encarando-as como «mera troca de caras», e consideram que, «se não houver no seio do Governo uma clara aposta na Educação, não é um ministro que fará a diferença».

Na carta, os estudantes afirmam que a mudança de quatro ministros da Educação em dois anos «não augura nada de bom» e dizem «não esperar da (nova) equipa ministerial uma clara e inequívoca inflexão nas políticas educativas».

«Não há coragem para impor as reformas necessárias ao sistema educativo», referem os estudantes na

missiva, na qual apresentaram um conjunto de reivindicações, com vista ao aumento do financiamento das instituições, combate ao insucesso escolar, e melhoria nos apoios sociais aos estudantes.

No encontro, os dirigentes associativos decidiram realizar acções de protesto de âmbito nacional, que deverão ser definidas no próximo ENDA, a realizar em Outubro.

Serão também realizadas várias campanhas, a definir, de esclarecimento sobre o impacto das medidas impostas pela rectificação orçamental que, afirmam, «poderá por em causa o início das actividades em algumas instituições».

Recuperação das minas da Urgueiriça

«Os Verdes» apresentaram um requerimento ao Governo, exigindo informação sobre o cumprimento da resolução aprovada em Fevereiro, por unanimidade, no Parlamento, a partir de uma iniciativa do partido ecologista, que prevê a adopção de um plano de recuperação ambiental no Complexo da Urgueiriça, da Empresa Nacional de Urânio, ENU.

«Os Verdes» pretendem conhecer qual o montante disponibilizado para este projecto, a data de arranque e o calendário previsto para a execução deste plano, que prevê vigilância epidemiológica das populações, monitorização das águas e solos contaminados, sinalização e medidas de protecção em todo o perímetro da mina.

O partido ecologista manifesta ainda profunda apreensão pelas tentativas da empresa de dispensar trabalhadores, ao arrepio dos compromissos assumidos de os integrar na futura empresa a criar para a recuperação ambiental, e que lançaria no desemprego centenas de pessoas, atingindo muitas famílias da região.

Estudantes de Braga exigem outra política

A Plataforma de Estudantes do Distrito de Braga aprovou, em assembleia geral extraordinária, uma moção em que considera a recente remodelação governamental como «um prolongamento da já longa agonia que assola quer o Governo quer a actual política educativa quer, consequentemente, o sistema educativo português».

A Plataforma considera incoerente o facto de o novo ministro da Educação «vir defender a continuação da já tão criticada revisão curricular dos ensino básico e secundário» e sublinha não vislumbrar qualquer comentário «às grandes questões que preocupam os estudantes do ensino secundário, como sejam a educação sexual, os *numerus clausus* e as condições materiais e humanas nas escolas».

«Não queremos a continuação de uma técnica já há muito usada por este Governo, a de mudar as caras mantendo a política», mas sim uma real mudança da política educativa, que contribua para «a construção de um ambiente propício ao sucesso escolar e à correcta formação de quadros profissionais do futuro», afirma-se ainda na moção.

Bento de Jesus Caraça homenageado em São Romão

Integrada nas comemorações do centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, realizou-se na passada sexta-feira, nas instalações da Junta de Freguesia de São Romão, uma sessão de homenagem que contou, como conferencista, com a arquitecta Helena Roseta.

No sábado realizou-se um passeio pedestre à Lapa dos Charcos e «varanda do cura», locais da serra da Estrela que Bento Caraça costumava frequentar.

Saramago inaugura Festas de Loures

O escritor José Saramago, Nobel da Literatura em 1998, vai inaugurar as Festas do concelho de Loures, que decorrem de 20 a 29 de Julho e têm este ano como novidade uma Feira do Livro.

Com um programa bastante diversificado, as festas do concelho englobam este ano várias inaugurações de equipamentos sociais, com destaque para os quatro hectares do Parque da Cidade, um palco para grandes espectáculos que será inaugurado dia 26, no 115.º aniversário do concelho de Loures.

Além do Parque da Cidade, serão inaugurados durante as festas do concelho, entre outros, o Parque Desportivo de A-das-Lebres (dia 22 de Julho), o Jardim do Vale da Figueira (28) e os arranjos exteriores da entrada Norte do concelho (Quinta do Marzagão), dia 29 de Julho.

Quanto ao programa de animação, os concertos de música começam dia 20, no palco do Pavilhão Paz e Amizade, com Paulo Conzo. Os Blind Zero (dia 21), Mafalda Arnauth (25), Hélder, o rei do kuduro (26), Sara Tavares (27) e Vitorino e o grupo cubano Septeto Habanero (29) são outros nomes em destaque nas Festas do Concelho. Ainda dentro das Festas do concelho, a autarquia organizou uma exposição municipal no Pavilhão Paz e Amizade, que mostrará o presente e o futuro de Loures.

Formação de docentes – riscos de desemprego

Segundo dados da Federação Nacional de Professores (Fenprof), no concurso para vinculação de professores dos 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário de 2000/2001, não foram colocados mais de 16 mil professores com habilitação profissional e ficaram de fora mais de 3.000 candidatos com apenas habilitação própria.

Vagas para licenciaturas para o 1.º ciclo do Ensino Básico surgem, no próximo ano lectivo, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, nas universidades de Aveiro, Minho, Algarve e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real e Chaves.

Também os Institutos Politécnicos de Beja, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal e Viseu apresentam vagas para a licenciatura no Ensino Básico (1.º ciclo).

Relativamente à formação de professores do Ensino Básico, as vagas na variante de Educação Física totalizam 300, na de Matemática e Ciências da Natureza 318, na de Português-Francês são de 230 e a variante de Português-Inglês apresenta 280 vagas.

«Trabalho e sociedade» em debate na Gulbenkian

Solidariedade contra a exclusão

«Trabalho e sociedade» foi o tema em debate no passado dia 9, na Gulbenkian. Uma iniciativa da CGTP-IN, que se inscreve nas comemorações do centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça e que contou com a participação de Amartya Sen, Prémio Nobel da Economia.

O lugar e o papel do trabalho, dos trabalhadores e dos seus direitos, na transformação e desenvolvimento do nosso país e, em geral, das sociedades humanas, os caminhos e as políticas adequadas para enfrentar os desafios que as transformações em curso envolvem, foram questões

Não estamos todos nós, trabalhadores, confrontados com os mesmos problemas?

amplamente debatidas no encontro que, ao longo de todo um dia, juntou várias centenas de pessoas na Gulbenkian.

Em causa estiveram problemas de grande actualidade, como o valor e centralidade do trabalho no contexto das actuais mudanças sociais, as alterações registadas nas suas formas e conteúdo, políticas sociais e desenvolvimento sustentado face às novas tecnologias, o valor estratégico do conhecimento e informação, a regulamentação colectiva do trabalho.

Ideias e debates que se desenvolveram em torno de um eixo central – o trabalho, e tendo como pano de fundo – como sintetizou Carvalho da Silva, secretário-geral da CGTP-IN – o *apelo de Bento de Jesus Caraça*. Um apelo à compreensão e vivência do mundo que é o nosso, na perspectiva da sua transformação. Um *apelo ao despertar da alma colectiva* para que, em unidade e solidariedade, se avance na necessária transformação social.

Identidade versus solidariedade

O Estado de Kerala, na Índia, actualmente muito desenvolvido, caracterizava-

-se, há anos, por uma vincada diferenciação de castas. É então que os movimentos de trabalhadores e de esquerda se empenham numa transformação da identidade dos intocáveis – a casta mais baixa – de negativa para positiva. E assim, apostando na dialéctica em torno da identidade das

classes mais baixas, foi possível caminhar para a abolição de algumas profundas desigualdades.

Amartya Sen, Prémio Nobel da Economia e nascido na Índia, referiu este exemplo para ilustrar a importância das várias formas de identidade social, a identificação de interesses diferenciados – entre trabalhadores urbanos e rurais, alguns sectores da burguesia –, na própria construção da solidariedade, de compromissos comuns.

Considerando que a identidade dos trabalhadores inclui mas transcende a identidade nacional, o Prémio Nobel da Economia valorizou uma perspectiva global e defendeu uma aceção ampla da solidariedade, que abarque diferentes categorias sociais e as suas necessidades específicas.

E questionou: «Não estamos todos nós, trabalhadores, confrontados com os mesmos problemas?»

Exclusão social, inclusão injusta

Exclusão social, inclusão injusta. Um binómio de forma alguma inultrapassável mas que corresponde a uma realidade que marca a nossa época.

O desemprego é, sem dúvida, uma forma de exclusão social. Mas o emprego pode corresponder a uma inclusão injusta, sublinhou Amartya Sen na Gulbenkian.

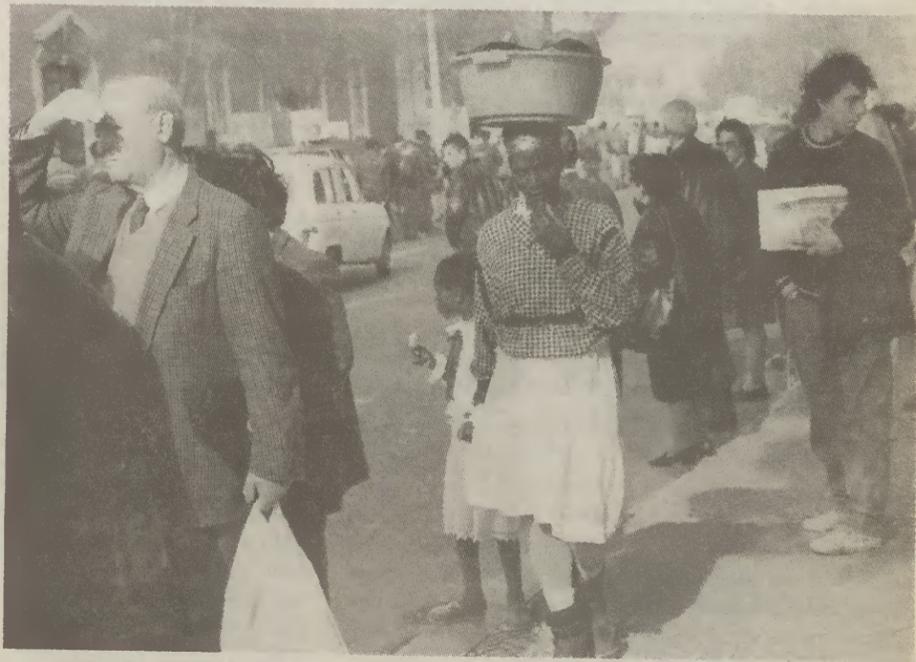
Isto porque não precisamos apenas de trabalho, mas de trabalho com qualidade. E ainda, precisamos de «nos sentirmos a fazer coisas úteis».

Acrescem ainda necessidades básicas, como uma rede adequada de protecção social e de cuidados de saúde.

Como exemplo de inclusão injusta, Amartya Sen sublinha, em particular, o caso dos Estados Unidos, onde 40 milhões de pessoas não dispõem de seguros de saúde (a base do sistema neste país) e 22 milhões não têm acesso a cuidados de saúde, o que significa que estão excluídos de direitos básicos. Estes 22 milhões de pessoas só são atendidos nos serviços de emergência, ou seja, só são incluídos em situação de crise.

A exclusão social reveste-se ainda de muitas outras faces, lembrou o Nobel da Economia, referindo nomeadamente a iletracia, a falta de participação política, a ausência de níveis mínimos de rendimento.

Questões complexas que requerem «uma solidariedade iluminada por diferentes realidades e desafios». Ou seja, «a necessidade de lutarmos juntos e, simultaneamente, sabermos ver as diferenças, considerar a diversidade de desafios e dar respostas a esses desafios».



O combate à exclusão implica a necessidade de considerar a diversidade de desafios e das respostas a esses desafios

«Os Verdes» denunciam a ficção dos OGM's

«Os motivos que actualmente provocam a fome no mundo, não residem propriamente na falta de alimentos. Na verdade o que hoje se constata é que enquanto se morre de fome a Sul, a Norte produzem-se excedentes. Os motivos têm, pois, mais a ver com a gestão e a distribuição desses alimentos no mundo do que com a falta deles», afirmam «Os Verdes» em nota de imprensa a propósito do Relatório do Desenvolvimento Humano da Nações Unidas de 2001, que aponta para o investimento na manipulação genética como

forma de acabar com a fome no mundo.

O partido ecologista lembra que «considerando os dados que até hoje se conhecem, as plantas transgénicas até agora comercializadas não acrescem nenhum valor alimentar, nem têm maior produtividade em biomassa, relativamente às normais».

Mais ainda, «não se conhece sementes modificadas com capacidade para crescer em solos pobres, que dispensem fertilizantes e pesticidas e que não necessitem de muita água e de avultados investimentos».

«É ainda necessário ter

presente – lembram «Os Verdes» – que o facto de se poder patentear a nova planta inventada, tornará o agricultor dependente do seu fornecimento.»

O partido ecologista sublinha, por outro lado, «o potencial perigo que os OGM's representam para a destruição da biodiversidade e as incógnitas sobre os efeitos na saúde», riscos cuja dimensão «não conhecemos, não calculamos, nem podemos avaliar».

«Os Verdes» consideram que «a protecção da saúde humana e do ambiente exigem uma redobrada atenção

relativamente aos riscos da utilização de novas tecnologias e de novos produtos».

Convictos de que «a questão da fome não tem a ver com a escassez de alimentos, mas sim com opções políticas quanto à sua distribuição», fazem um apelo ao princípio da precaução, entendendo que «é necessário parar para avaliar os riscos e os efeitos, dos OGM's na saúde e no ambiente, durante um período de tempo necessário para realizar estudos sobre o efeito destes produtos na saúde humana e dos animais e no meio ambiente».

● João Chasqueira
texto

Octávio Teixeira analisa trabalho
do Grupo Parlamentar do PCP em entrevista ao «Avante!»

● Jorge Cabral
e arquivo fotos

Ao serviço dos trabalhadores e do País

A sessão legislativa chegou praticamente ao fim. Num olhar de balanço ao que foi este ano parlamentar, Octávio Teixeira não esconde existirem fundadas razões para uma apreciação muito positiva sobre o trabalho desenvolvido pela bancada do PCP, cuja marca de qualidade, nos mais variados planos, é consensualmente reconhecida.

Nesta entrevista, concedida pouco depois de ser anunciada para Setembro próximo a cessação das suas funções de deputado, Octávio Teixeira fala-nos dos aspectos essenciais em que se destacou a actividade do Grupo Parlamentar do PCP, que dirige há dez anos, pronunciando-se ainda sobre o desempenho da Assembleia da República no exercício do seu papel legislativo e fiscalizador.

Acusa os deputados do PS de, sobretudo neste último plano, terem andado a reboque do Governo e terem revelado uma enorme incapacidade de discernimento, advertindo ainda para os riscos que pendem sobre o regime democrático caso prossigam práticas pouco edificantes como foi o caso da «compra» de um voto para fazer passar o último Orçamento do Estado.

Numa conversa onde se falou também da reforma fiscal - um dos exemplos de leis positivas, que em todo o caso não autoriza a conclusão, como fazem alguns analistas, de que esta foi uma sessão legislativa marcada por um cunho de esquerda -, Octávio Teixeira não esconde o seu receio de que o Governo venha a recuar e a não aplicar a lei, como outras aprovadas à esquerda.

Admitindo que a bancada comunista retome já no próximo ano a bandeira da luta contra o aborto clandestino, o ainda líder parlamentar comunista, numa leitura à recente remodelação governamental, não tem dúvidas de que a mesma significa o reforço das orientações à direita.

É com grande confiança que encara, por último, o prosseguimento da acção da bancada comunista, uma intervenção que qualifica de «forte, séria, dedicada e convicta», explicada, garante, por sólidos princípios e alicerces: o trabalho colectivo e a articulação com o trabalho político geral do Partido.

Avante - Dar voz aos anseios e lutas populares, contribuir para melhorar a vida dos que trabalham e defender os interesses nacionais foram três objec-

tivos que no início do ano, nas Jornadas Parlamentares, anunciaste como prioritários no quadro da acção do Grupo Parlamentar do PCP. Sentes que foram cabalmente cumpridos?

Octávio Teixeira - Sem dúvida. As cinco dezenas de projectos de lei e de resolução que apresentámos, as 16 chamadas de membros de Governo às comissões, as múltiplas declarações políticas e outras intervenções, as centenas de requerimentos enviados ao Governo e de organizações e pessoas que recebemos na Assembleia, as múltiplas visitas que os deputados comunistas fizeram a empresas ou outras organizações, bem como as audições parlamentares que promovemos, espelham de forma clara a prossecução desses objectivos. Que são sempre prioritários para um Grupo Parlamentar do PCP, já que são eles a razão de ser da intervenção de deputados comunistas.

Av. - As iniciativas na área laboral, particularmente no plano dos direitos dos trabalhadores, voltaram a ter um peso considerável e de reconhecida qualidade no cômputo geral da actividade da formação comunista. Podemos considerar essa marca de qualidade extensiva à generalidade da produção

legislativa oriunda da bancada do PCP?

O.T. - Em todas as iniciativas que apresentamos existe a preocupação de lhes imprimir a maior qualidade que nos é possível. É natural que haja um peso dominante de iniciativas na área laboral por parte do nosso Grupo Parlamentar, pois o PCP é, antes e acima de tudo, um partido dos trabalhadores. Mas essa preocupação central não impede que as nossas iniciativas legislativas e políticas abranjam praticamente todas as áreas da sociedade portuguesa. Aliás, os interesses dos trabalhadores não se esgotam nas matérias laborais.

Av. - Relevante foi também o decisivo contributo para a aprovação de leis que vão ao encontro dos problemas e anseios de muita gente como a protecção das uniões de facto, os medicamentos contra-ceptivos de emergência, a criminalização dos abusos sexuais sobre crianças ou a redução dos riscos para toxicodependentes. O que continua a faltar é uma lei que ponha cobro a esse flagelo do aborto clandestino...

O.T. - É verdade. Como sabes, no início desta legis-

latura, o PCP apresentou um projecto de lei sobre a IVG, e nessa ocasião afirmámos que o faremos discutir e votar até ao final da legislatura. Mantemos essa promessa. Nestes dois primeiros anos pareceu ao Partido que não era adequado fazê-lo, para deixar passar um tempo razoável face à última tentativa, que des-cambou no referendo. O próximo ano será, talvez, o tempo correcto para regressar a essa importante questão de saúde pública, que tem de ser definitivamente resolvida.

Av. - Creio ter havido nesta sessão uma abordagem inovadora em relação a temas anteriormente pouco tratados. Falo, por exemplo, da interpelação sobre a qualidade dos serviços públicos. Há ideia da repercussão que teve essa iniciativa?

O.T. - Foi, de facto, uma iniciativa feliz e importante. O drama de Entre-os-Rios, e outras derrocadas que se verificaram neste Inverno, chamou a atenção para a amplitude do tema da segurança dos cidadãos, que não se confina à segurança contra os criminosos. Quanto à repercussão penso que foi muito positiva, quer a nível político quer no âmbito social. Tivemos eco dessas referências positivas mesmo no próprio debate parla-

mentar e na comunicação social.

Av. - Uma frente a que os deputados comunistas sempre prestaram atenção foi a ligação directa aos seus eleitores e aos problemas regionais. Como é que correram as coisas nesse plano?

O.T. - Não tenho pejo em afirmar que correu bem. Essa é, tem de ser, uma linha prioritária para os deputados comunistas. Queremos o voto dos cidadãos para lutar pelos seus interesses e procurar dar resposta às suas preocupações e anseios. Mas é uma área em que sempre gostaríamos de fazer mais e melhor. O que muitas vezes não é possível face à dimensão do Grupo e às múltiplas tarefas a que tem de responder.

Av. - Sabemos da íntima articulação e inserção do Grupo Parlamentar com as organizações do Partido e com a sua actividade geral. Esse balanço é positivo?

O.T. - É importante sublinhar que sem essas articulação e inserção, o Grupo Parlamentar muitas vezes não teria capacidade para fazer tudo o que faz e com a qualidade com que o faz. É uma linha de trabalho indispensável. Também por isso a actividade do Grupo é mais forte numas áreas e menos noutras...

Deputados do PS pactuaram com erros do Governo

Av. - Como avalias, globalmente, o desempenho da Assembleia da República, designadamente nos planos da produção legislativa e da actividade fiscalizadora do Governo? Recordo que nos primeiros meses da sessão legislativa as coisas não correram bem neste domínio, motivando, inclusive, uma

acesa crítica da bancada comunista.

O.T. - No início da sessão pareceu haver quem quisesse transformar a Assembleia da República num mero palco de debate político, ou mesmo politiqueiro. Na oposição à direita porque isso esconderia a convergên-

cia de políticas com as do Governo. No PS e Governo porque tal contribuiria para acumular capital de queixa contra as oposições, por estas não quererem "trabalhar" nem deixarem "trabalhar" o Governo. Para nós, o debate político é importante e absolutamente necessário, mas nem de longe nem de perto o trabalho parlamentar se pode esgotar nele. Os cidadãos elegem os seus representantes para que estes resolvam os problemas do País e dêem resposta satisfatória aos seus problemas. Por isso nos insurgimos, criticámos e tomámos inicia-

O PS herdou e não larga maus vícios do PSD como o de bloquear conclusões sobre factos apurados nas comissões de inquérito parlamentar

tivas (como o nosso primeiro agendamento potestativo) para alterar esse estado de coisas. E a Assembleia legislativa. Uma vez bem, outras mal, na nossa perspectiva. No âmbito da actividade fiscalizadora o resultado foi pior. Porque os deputados do PS foram incapazes de dis-

cernir entre o que é a defesa do seu Governo daquilo que deve ser a análise fria e séria das actuações que merecem censura e castigo políticos.

Av. - Factos houve que levaram à constituição de comissões de inquérito parlamentar. A Fundação criada por Armando Vara é disso exemplo. Como avalias, no geral, esta vertente do trabalho parlamentar, porventura com menor visibilidade que o plenário mas seguramente de importância inquestionável.

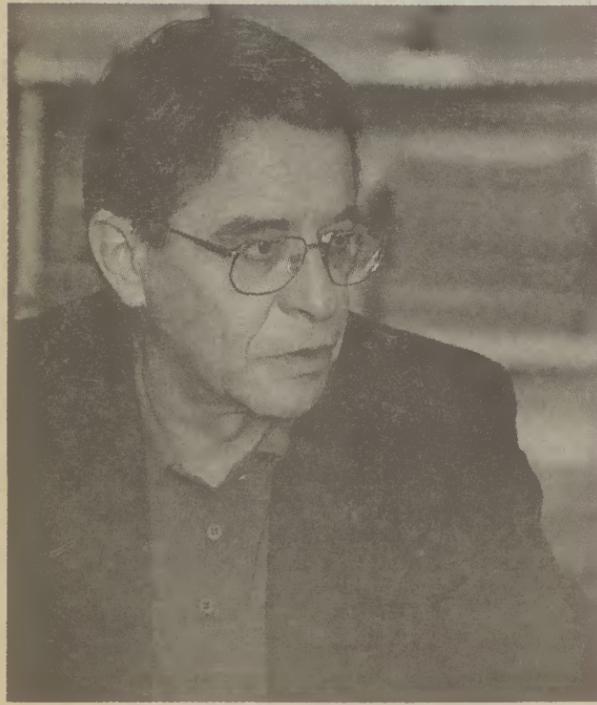
O.T. - Era essencialmente nas Comissões de Inquérito que estava a pensar, quando agora critiquei os deputados socialistas. Houve a Comissão de Fundação PS mas outras mais, como as relativas aos negócios da GALP e da TAP. Este instrumento de fiscalização da actividade do Governo e da Administração é política-

mente muito importante. A transparência e a seriedade da actividade da Administração são essenciais para cimentar a credibilidade no regime democrático. A verdade, porém, é que também nesta área o PS herdou e não larga maus vícios do PSD. Mesmo que a verdade lhes entre pelos olhos a dentro durante as audições que se fazem nas Comissões de Inquérito e através dos documentos oficiais que são consultados, na altura das conclusões bloqueiam-nas por completo, sempre que elas são críticas para membros do Governo. Mas a verdade é que, por exemplo em qualquer destes casos, são os factos que demonstram que os actos praticados e os seus principais protagonistas deveriam ser clara e fortemente criticados. Pelo menos...

Av. - Esta sessão legislativa ficará também como aquela em que um queijo serviu de moeda de troca para fazer passar o Orçamento. Não são factos como estes que comprometem a imagem das ins-

tuições e desacreditam a política aos olhos dos cidadãos?

O.T. - Isso é por de mais evidente. Os cidadãos não podem ter boa opinião da actividade política se esta, se o Governo e a Assembleia, não resolvem os seus problemas e se constatarem que um Governo, apenas para se manter no poder pelo poder, não hesita em "comprar" um voto isolado para fazer passar o Orçamento do Estado. Esse facto, politicamente lastimável, foi criticado pela generalidade dos portugueses e por quase todas as instituições, mesmo por parte de deputados socialistas. Mas o mais grave é que o Primeiro-Ministro e o seu Governo não tiraram daí as necessárias ilações, e reincidiram na mesma prática, agora, no Orçamento Rectificativo (com os deputados do PSD da Madeira). Se lhe não for posto fim imediato, estas prática e reincidência podem ferir gravemente o regime democrático. Sobre isso, a mim não me restam dúvidas.





Nas comissões de inquérito parlamentar aos negócios da GALP e da TAP, como em tantas outras, o PS mostrou não querer apurar a verdade dos factos

Viragem à direita é uma vergonha

Av. – No início desta Legislatura, em 1999, afirmaste que o Governo deixou de ter qualquer alibi para não proceder às reformas políticas de que o País carece ou para não afrontar os ilegítimos interesses e regalias instalados na sociedade portuguesa. Passados dois anos, pouco se avançou. Melhor dito, onde ocorreu uma mudança claramente positiva – a reforma dos impostos sobre os rendimentos –, perante a reacção dos que viram beliscados alguns desses interesses, o Governo treme que nem varas verdes e já anuncia recuos. Como interpretas este comportamento?

O.T. – Afirmei-o convicto de que assim era e a prática demonstrou-o. Sempre que o Governo e o PS se disponibilizaram para promover alterações no sentido de mais justiça e da garantia e aprofundamento de direitos, foi possível aprovar leis com o PCP. O caso talvez mais significativo, nesta sessão legislativa, foi o da reforma fiscal. Ao marcarmos o agendamento potestativo para debater o nosso próprio projecto de lei, obrigámos o Governo a apresentar o seu. E depois de muito debate,

de propostas e contrapropostas, foi possível aprovar uma importante lei claramente orientada à esquerda. Reduzindo os impostos sobre os trabalhadores e fazendo com que quem não pagava impostos passasse a pagá-los. Em particular, pondo os grandes grupos económicos e a banca a pagar os impostos que são devidos, pelas mais-valias especulativas de centenas de milhões de contos que obtêm e pelos gordos lucros de que se apropriam.

O problema é que o Governo está a mostrar que não

segue ou não quer ser firme com o poder económico. Belmiro fala e o Governo treme e teme. Mas teme o quê, e porquê? Seria útil que o eng. Guterres o dissesse claramente. Se sempre que aprova (e são poucas as vezes) uma medida política à esquerda, ao primeiro espirro do grande capital recua em toda a linha, então diga que, de facto, o fato de esquerda não lhe serve, que só sente bem enquadrado e orientado à direita.

Este recuo, se vier a concretizar-se, como tudo leva a crer,

é uma autêntica vergonha para o Governo e para o PS.

Av. – Ainda a propósito da reforma fiscal e outras leis de sentido positivo para as quais foi determinante a acção do PCP. Achas que a conjugação de votos do PS e do PCP sobre algumas matérias é suficiente para afirmar que esta sessão legislativa teve um forte cunho de esquerda, como já disseram alguns analistas?

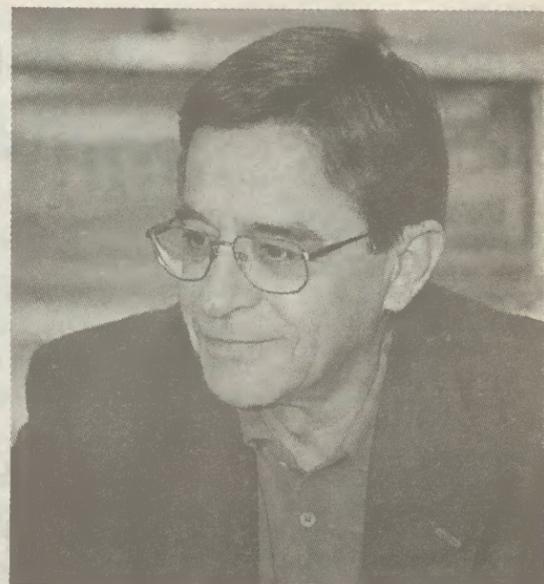
O.T. – Não. Uma andorinha não faz a Primavera. É um facto que

nesta sessão foram aprovadas várias leis com um claro cunho de esquerda. Todas elas por iniciativa e/ou com a marca indelével do PCP. Incluindo algumas na área laboral. Mas isso não pode esconder que houve muitas leis aprovadas à direita e com a direita. Nem pode escamotear que a actividade política do Governo continuou a estar predominantemente orientada à direita. Aliás, das 24 leis aprovadas com origem em propostas do Governo, 9 foram aprovadas com a direita e apenas 4 com

a esquerda (as restantes 11 foram aprovadas só pelo PS). Por isso, não considero adequado que se diga que a sessão legislativa se processou à esquerda. Mas teve muitos momentos à esquerda. E nesse sentido considero que ela foi positiva. Veremos é se no futuro próximo o Governo não “avança” de recuo em recuo. E se as leis aprovadas à esquerda vão ser efectivamente aplicadas...

Av. – Os acontecimentos das últimas semanas evidenciaram um clima de instabilidade política em que sobressaem, a par dos sinais de desnorte do Governo, linhas de acentuação e reforço de opções neoliberais. Como encaras este quadro, sobretudo na perspectiva da construção de uma alternativa de esquerda? Está mais dificultado o papel e a acção do Grupo comunista no sentido de dar corpo a essa alternativa?

O.T. – Parece-me evidente que o “novo” Governo saído da remodelação reforça as orientações governativas à direita. O que é mau para o País, e em particular para os trabalhadores portugueses. E, de forma inequívoca, contraria qualquer perspectiva de construção de uma alternativa de esquerda. O que vem reforçar a ideia de que esta, a alternativa, passa necessariamente por um reforço político e eleitoral do PCP. Por uma alteração significativa na correlação da força eleitoral entre o PCP e o PS, com o reforço da posição do nosso partido. Sem isso, a alternativa de esquerda não é possível. Entretanto, e enquanto assim for, deveremos continuar a procurar aprovar o maior número possível de leis com um cunho de esquerda. Para melhorar a vida dos trabalhadores e para potenciar o crescimento eleitoral do PCP.



Prosseguir intervenção forte e convicta

Av. – Esta entrevista ocorre pouco depois do anúncio de que cessarás em Setembro próximo as funções de liderança do Grupo Parlamentar do PCP. Quais as razões para esta saída e porquê agora?

O.T. – Como já foi publicamente dado a conhecer, desde há muito que estava acordado com os organismos executivos do Partido que abandonaria as funções de deputado no final desta sessão legislativa. Foram 22 anos na Assembleia, dez dos quais a presidir ao Grupo Parlamentar. Quando são exercidas com empenho, dedicação e convicções, estas funções desgastam. E, no exercício de qualquer função política, é importante que cada um de nós procure ter, sempre, a noção e a consciência claras do momento em que deve sair. Para mim, chegou esse momento. Termino as funções parlamentares com a consciência tranquila quanto ao que fiz durante estes anos e quanto à decisão que agora concretizo.

Av. – E agora? Como vês o desenvolvimento do nosso trabalho na Assembleia da República?

O.T. – Agora o trabalho, a intervenção do Grupo Parlamentar do PCP, vai continuar como sempre tem sido. Forte, séria, dedicada e convicta, concretizando na instituição parlamentar as orientações políticas do PCP, dando voz aos anseios e às lutas dos trabalhadores e de outras camadas populares, empenhada na viabilização de um futuro melhor e mais justo para o povo português. Os princípios básicos da predominância do trabalho colectivo e da articulação entre a intervenção parlamentar e o trabalho político geral do Partido são a principal garantia disso.

A marca do PCP

No decorrer do último ano parlamentar, várias foram as leis e resoluções da Assembleia da República aprovadas a partir de iniciativas legislativas oriundas do Grupo Parlamentar do PCP. Foi o caso, nomeadamente, das seguintes:

- Reforma dos impostos sobre o rendimento;
- Julgados de Paz – organização, competência e funcionamento;
- Alteração do regime jurídico do Contrato de Trabalho a Termo, combatendo a precariedade no emprego;
- Reparação aos trabalhadores em processo de falência e reforço dos créditos laborais;
- Novo sistema de cobrança e entrega de quotas sindicais;
- Reforço dos mecanismos de fiscalização e punição de práticas laborais discriminatórias em função do sexo;
- Medidas de apoio social às mães e pais estudantes;
- Garantia de acesso aos medicamentos contraceptivos de emergência;
- Protecção das uniões de facto;
- Financiamento das Freguesias abrangidas pelo regime de permanência;
- Enquadramento orçamental;
- Instituição do Dia Nacional de Prevenção e Segurança no Trabalho;
- Política de cooperação no combate à SIDA.



As iniciativas na área laboral, designadamente no plano dos direitos dos trabalhadores, tiveram um peso considerável na produção legislativa do PCP

LOURES Centro de Informação para idosos

A Câmara Municipal de Loures criou o CIPI – Centro de Informação para a População Idosa – que foi inaugurado na passada segunda-feira. Entendido como um «espaço aberto e acessível à comunidade, direccionado para os mais idosos, família, instituições, técnicos da área e estudantes», o CIPI funcionará de segunda a sexta-feira, das 10 às 12 e das 13 às 17 horas no Centro de Dia de Moscavide, uma freguesia com uma relevante taxa de população idosa e conta com os serviços de: atendimento e encaminhamento; acompanhamento de processos junto de instituições competentes; orientação e apoio técnico às instituições de idosos; sessões de sensibilização e informação e núcleo de documentação técnica.

ÉVORA Subsídios para cultura e desporto

O executivo da Câmara Municipal de Évora decidiu por unanimidade, em reunião na passada semana, a atribuição de subsídios aos agentes culturais e desportivos do concelho. No valor total de 44.800 contos – dos quais 13.400 para cultura e 31.400 para o desporto –, os subsídios atribuídos, de acordo com critérios aprovados anteriormente pela autarquia, «representam um apoio fundamental à actividade regular do movimento associativo do concelho, designadamente no que respeita a despesas de funcionamento administrativo, social e logístico das colectividades; execução dos planos de actividade anuais; necessidade de manter, conservar ou adquirir equipamentos sociais, culturais e desportivos e também a construção de novas instalações ou realização de beneficiações significativas em infra-estruturas existentes.

SEIXAL Ministério põe em perigo ecossistema

Alfredo Monteiro, presidente da autarquia do Seixal, rejeitou, em conferência de imprensa realizada no dia 6 de Julho, todas as responsabilidades referentes às obras a decorrer no sapal de Corroios, com vista à instalação de uma piscicultura intensiva no local, que vem por em perigo o próprio ecossistema. Com o objectivo de dar a conhecer publicamente a posição do Município, a conferência de imprensa serviu para o autarca esclarecer que a posição da Câmara «está sustentada tecnicamente em termos das várias áreas de intervenção, designadamente em termos ambientais e urbanísticos», acusando os institutos oficiais de agirem à revelia da Câmara. Exemplo disto é a decisão de embargar a obra, decisão esta que a autarquia – que saudou a ordem – tomou conhecimento através da comunicação social.

CDU apresenta lista aos órgãos municipais e linhas programáticas para o próximo mandato

Sintra é paraíso para a especulação

Requalificação urbana, defesa do património cultural e paisagístico e o aumento da oferta de emprego no concelho são os três grandes vectores da candidatura da CDU ao concelho de Sintra, apresentados na passada sexta-feira, dia 13, num hotel da vila.

«A construção de um futuro qualificado para todos nós», assente nos três vectores citados, é a grande aposta de Baptista Alves e da CDU para o próximo mandato na Câmara sintrense.

Considerando que o concelho atravessa um grave «processo de desqualificação», o candidato da CDU chamou a atenção para o que considerou a betonização desenfreada do concelho, que o transforma «num paraíso para a especulação fundiária e imobiliária».

A situação agravou-se no início do último mandato, logo após a obtenção da maioria absoluta por parte do PS, que substituiu o PDM apro-

vado em 1996 por outro, herdo do PSD, que «abriu possibilidades de construção no concelho de mais 42 mil fogos». O PDM que foi afastado, e que tinha sido aprova-

A Câmara abriu caminho à feroz especulação mal obtida a maioria absoluta

do na Câmara quase por unanimidade, continha mais de cem propostas elaboradas pela CDU e constituía, para Baptista Alves, «a primeira grande lufada de

esperança para enfrentar decisivamente a desqualificação», por via das medidas de redução das áreas urbanizáveis.

Para que «o maior crime urbanístico praticado contra este concelho» não seja irreversível, o candidato avançou com algumas propostas con-



Baptista Alves apresentou as propostas da CDU para o concelho de Sintra. Salvar o que for possível é uma das principais prioridades

cretas, das quais se destacam as defesas da adopção de «medidas preventivas para todas as áreas indispensáveis à requalificação dos centros urbanos, classificadas no actual PDM como urbanas ou urbanizáveis», que ainda possam ser salvas – sendo para isso necessário a revisão do PDM – e a moratória na construção de novas urbanizações «enquanto não estiverem construídas as vias de acesso estruturantes previstas, os equipamentos em falta e outras infra-estruturas essenciais à qualidade de vida dos residentes».

Outros «crimes»

A conservação do património natural e cultural do concelho é outra das grandes preocupações da coligação em

que participa o PCP. Baptista Alves, candidato à Câmara, acusou os sucessivos executivos municipais de terem deixado «destruir de forma irreparável autênticos tesouros do nosso legado colectivo», destacando agressões várias, como a construção do parque de estacionamento na Volta do Duche ou os abates de árvores seculares perpetrados pelo Parque Nacional de Sintra-Cascais. «A defesa da inviolabilidade da Mata do Cacém na parte que não foi afectada pela destruição ordenada pela Dr.ª Edite Estrela» foi outra das propostas da coligação anunciadas pelo seu cabeça de lista.

Para criar emprego no concelho, Baptista Alves avançou com algumas sugestões, como a adopção de uma política de apoio às empresas e de incentivos à formação tec-

nológica. O desenvolvimento do pólo industrial tradicional, a par da aposta na formação tecnológica são a base deste projecto de aumentar a oferta de emprego no concelho.

A melhoria do serviço prestado na autarquia, a par da desconcentração administrativa e do aumento do investimento nas empresas municipais – preservando sempre a sua subordinação ao executivo municipal, único órgão eleito – foram outras das medidas.

Da lista à Câmara, além do candidato, surge mais outro actual vereador da autarquia, Jaime da Mata. Uma das candidatas, Paula Borges, assumiu essas funções neste mandato, no quadro da rotatividade dos eleitos da CDU. De notar que, dos cinco candidatos apresentados, dois são mulheres e dois são jovens.

Vendas Novas Avaliação positiva

Com a presença de mais de 400 pessoas, a CDU apresentou, num jantar convívio, os candidatos às autarquias do concelho de Vendas Novas, no passado dia 13 de Julho, com a presença de Jerónimo de Sousa, da Comissão Política do Comité Central do PCP, de Joaquim Miguel da DOREV do PCP e de Afonso Luz da Direcção Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes».

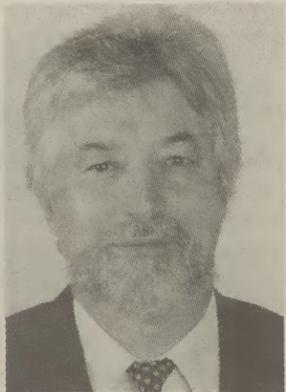
João Teresa Ribeiro, presidente da autarquia desde Janeiro de 1980, é novamente candidato à presidência da edilidade. José Afonso Alvim é o escolhido para a Assembleia Municipal.

João Ribeiro afirmou que é conhecida a avaliação positiva feita pela população do concelho à gestão da CDU e à obra

muitas mais obras, investimentos e acções poderiam ter sido feitas se o Governo tivesse cumprido a Lei das Finanças Locais e se tivesse realizado uma política activa de combate e correcção efectiva das desigualdades de desenvolvimento e, consequentemente, de promoção e de concretização da coesão económica e social entre os diferentes concelhos e regiões do País como determina a própria Constituição da República».

João Teresa Ribeiro lembrou ainda que o Governo do PS deveria ter realizado, no concelho de Vendas Novas, investimentos superiores em mais de quatro milhões de contos, durante o mandato autárquico que está a terminar, relativamente a investimentos realizados através do PID-DAC.

Chamando a atenção para a campanha que o PS, certamente, realizará contra a CDU, João Ribeiro avançou com algumas das linhas de acção previstas para o próximo mandato, com destaque para o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Concelho de Vendas Novas, já em curso, com um investimento de cerca de 20 milhões de contos destinados ao Parque Industrial, Estádio Municipal, novo Mercado Municipal, Estação e Central de Transportes, jardins de infância da rede pública, conclusão dos sistemas de drenagem e tratamento das águas residuais do concelho, sistema de tratamento dos resíduos sólidos, promoção de novas habitações, beneficiação de iluminação pública, entre muitas outras intervenções.



João Teresa Ribeiro

realizada pela coligação e ao desempenho dos «seus eleitos que têm contribuído inquestionavelmente para a valorização, prestígio e desenvolvimento das freguesias, da cidade e do concelho de Vendas Novas».

No entanto, salientou o autarca, «reconhecemos que

Chamusca Dar atenção ao social

A CDU apresentou, na passada sexta-feira dia 13, os seus primeiros candidatos à Câmara e Assembleia Municipal da Chamusca, os dois actuais presidentes dos órgãos, respectivamente Sérgio Carrinho e Joaquim José Garrido.

Presente esteve Luísa Araújo, responsável pela DORSA na Comissão Política do Comité Central, e outros dirigentes da organização regional e do Comité Central.

Sérgio Carrinho, independente de 52 anos, declarou na sua intervenção que a coligação foi interventora infatigável em «tudo o que neste período foi possível fazer, o que, não tenhamos dúvidas, mudou radicalmente o nosso quotidiano em todas as áreas da vida do concelho».

O autarca afirmou ainda que é com profundo orgulho no trabalho realizado que a CDU vai disputar as próximas eleições, «com o mesmo respeito e convicção de sempre, de que a nossa participação activa, empenhada e atenta é fundamental para

continuar a trabalhar para toda a população do concelho».

Sérgio Carrinho comprometeu-se a privilegiar o desenvolvimento social, dando especial atenção à saúde, à terceira idade e aos jovens, quer na melhoria dos equipamentos quer na qualidade do atendimento.

«Só podemos alcançar estes objectivos privilegiando também o desenvolvimento económico», afirmou Carrinho que considerou essencial a contribuição da autarquia com todos os agentes, criando condições para a fixação de

empresas e serviços, questão fundamental para a criação de empregos para os jovens – fixando-os ao concelho – «sem, no entanto, prejudicar a absorção de mão-de-obra menos qualificada».

A luta pela construção das acessibilidades que o concelho carece, nomeadamente o IC 3, a valorização dos espaços urbanos, que equipamentos para apoio ao turismo e fixação de novos residentes, não descurando os mais desfavorecidos são algumas das principais prioridades da CDU para o mandato 2002/2005, caso vença as eleições. Sérgio Carrinho afirmou que aceitará o resultado da vontade da população, mas está convicto que esta reconhecerá o trabalho feito.

Luísa Araújo lembrou que o Orçamento Rectificativo, aprovado por PS e PSD, traduziu-se num corte de 150 milhões de contos, incidindo grande parte destes em despesas sociais, apelando em seguida para que as autarquias motivem o espírito reivindicativo das populações.



Sérgio Carrinho

FESTADO *Avante!* 2001

7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Bienal de Artes Plásticas

Inovação e criação



Pintura, escultura, fotografia, desenho, cerâmica, *video-arte*. Tudo isto e muito mais haverá na Bienal da Festa, este ano com condições de exposição melhoradas.

Desde a primeira edição, a Bienal caracteriza-se pela grande qualidade dos trabalhos apresentados, pela diversidade de artistas e pela troca de opiniões e experiências entre público e criadores.

A organização promete prosseguir com esta tradição e sublinha que, para muitas pessoas, a Bienal constitui a primeira oportunidade de contactar directamente com as artes plásticas.



Bienal de Artes Plásticas
apresenta obras de todas as áreas

Democratizar a cultura

“A arte tem a capacidade de abrir horizontes e essa característica é uma das pontes entre os revolucionários e os artistas”

A Bienal de Artes Plásticas regressa este ano à Festa. Filipe Dinis, Irina Raimundo e Sérgio Martins, da organização, revelam as novidades desta edição e falam do papel desta iniciativa no panorama cultural nacional.



A Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» já se tornou uma iniciativa incontornável no panorama artístico nacional. Este ano concorreram cerca de 200 trabalhos de mais de 100 autores. A estes juntar-se-ão dezenas de artistas convidados.

Das obras apresentadas, apenas metade serão escolhidas. «Possivelmente, este ano o crivo de apreciação vai ser mais apertado», adianta Filipe Dinis. Isto acontece porque a área da Bienal será mais pequena e as obras serão apresentadas com mais espaço entre si, procurando proporcionar melhores condições de exposição.

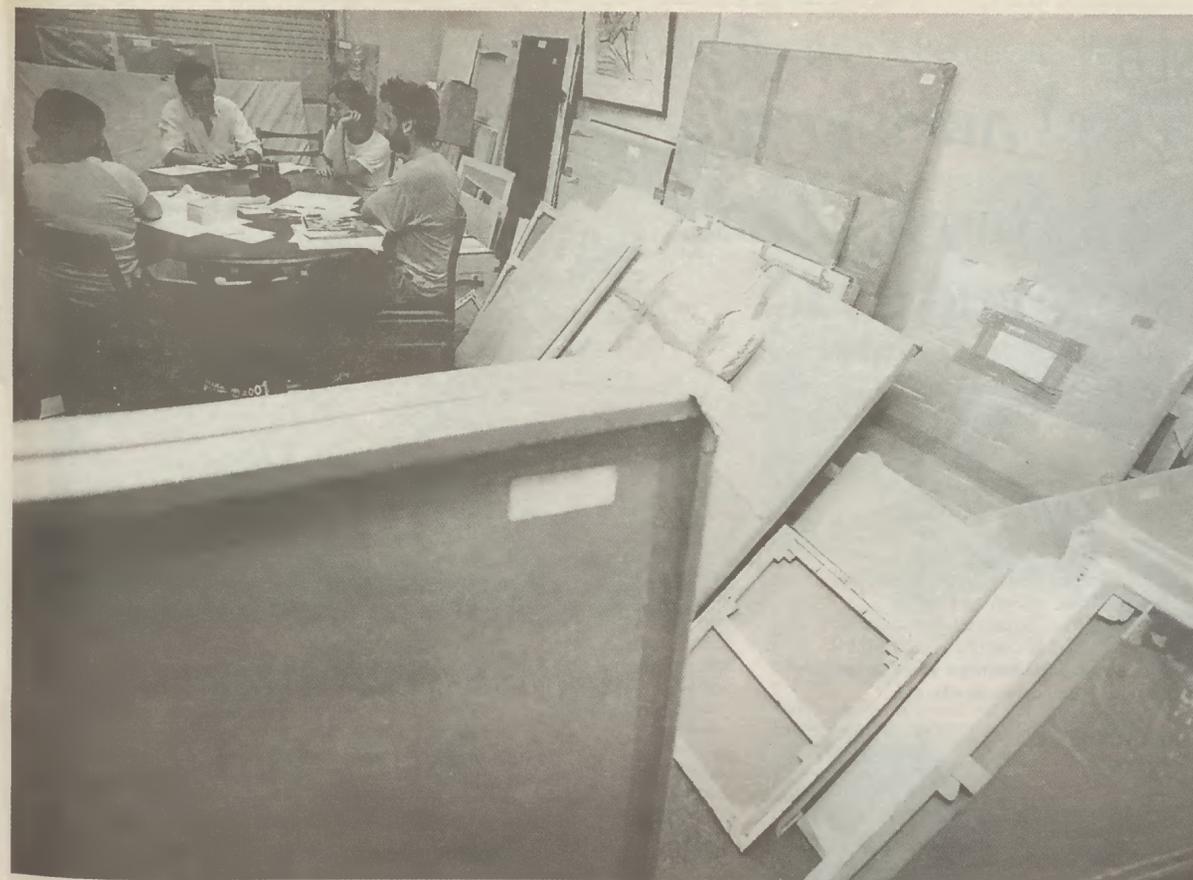
Como explica Sérgio Martins, as áreas com mais trabalhos são as mais tradicionais: a pintura e a escultura. Em menos quantidade surgem obras em fotografia, desenho, cerâmica e vídeo-arte.

Democratizar

«A Festa do Avante! foi a primeira realização nacional em que o teatro, a música ao vivo e as exposições estiveram acessíveis a grandes massas... Desde a primeira Festa que ficou marcado o objectivo de disponibilizar a cultura em todas as suas dimensões, incluindo a mais elaborada e mais inovadora.»

Como sublinha Filipe Dinis, a democratização da cultura é uma das componentes mais importantes da Festa do «Avante!». Isso prova-se com a quantidade de artistas que concorrem e as suas díspares carreiras.

«Há artistas com nome feito, há jovens que têm na Bienal uma primeira oportunidade de expor e há também um grande número de artistas amadores que concorrem pelo gosto de ver a sua obra exposta», explica Filipe Dinis. «Há artistas que, se não fosse a



Concorreram cerca de 200 obras à Bienal. Filipe Dinis, Irina Raimundo e Sérgio Martins na sala onde estão guardadas algumas das obras a concurso

Bienal, não teriam grande oportunidade de expor as suas obras. Essa é uma das facetas mais importantes da Bienal», acrescenta. Outro traço da Festa – e naturalmente da Bienal – é a partilha não só dos espaços entre público e artistas, mas também de opiniões.

«A relação de igualdade que existe em todos os aspectos da Festa – e que tem a ver com a natureza do Partido –, a igualdade entre pessoas que conhecem a arte e outras que estão a ver uma pintura pela primeira vez, a igualdade entre um criador consagrado e uma pessoa que ali passou, esta igualdade assenta numa partilha de emoções», refere Filipe Dinis.

Público variado

Sérgio Martins fala com entusiasmo na Bienal: «É bom que a Festa

proporcione uma acção cultural junto dos visitantes. É um motivo de orgulho para o Partido ter na Festa uma bienal.»

É na Bienal da Festa que muita gente toma contacto directo pela primeira vez com as artes plásticas. «Não é só tomar contacto com aquela diversidade e quantidade de obras de grande qualidade, mas também contactar com formas de expressão artística com os quais não estavam familiarizados. E não há nunca uma reacção de rejeição em relação a qualquer forma de expressão artística.», acrescenta Filipe Dinis.

E dá o exemplo de Rogério Amaral: «Ele pintou quilómetros de painéis na Festa, muitos deles figurativos, com coretejos de bandeiras. Mas a pintura de cavalete dele era muito abstracta, com tons rosa e terra. A adesão do público era igual.» A Festa do «Avante!»

é um espaço privilegiado para a comunicação entre um público vasto e os artistas. Isso fica patente no hábito de alguns criadores de passar os três dias da Festa no espaço da Bienal, a conversar com os visitantes.

O papel da arte

Mas qual o papel da arte na sociedade? Filipe Dinis lembra que a expressão artística é intrínseca ao ser humano. «As formas de arte mais antigas antecedem dezenas de milhares de anos a agricultura. Um dos aspectos que distingue o humano é a capacidade de construir instrumentos musicais. Até ao século XIX, os objectos mais complexos produzidos pelo homem eram instrumentos musicais, como os órgãos. Só eram comparáveis a alguns mecanismos de relojoaria.»

Para Sérgio Martins, «a arte serve sobretudo para lavar os olhos das pessoas, para tirar o filtro que não nos permite ver a realidade». Irina Raimundo acrescenta: «A arte é indispensável para a qualidade de vida. Remete as pessoas para uma dimensão mais transcendente, para um mundo mais feliz e sonhador. A arte deixa-nos voar um bocadinho.» Filipe Dinis acrescenta que «a arte tem a capacidade de abrir horizontes e essa característica é uma das pontes entre os revolucionários e os artistas. No nosso século houve em vários momentos uma grande coincidência entre a vanguarda artística e a vanguarda revolucionária, com os construtivistas, os surrealistas, os neo-realistas... Não é um acidente histórico. O desejo de transformação que movimenta a revolução e a arte coincidem em muitos aspectos».

Em 1999 foi assim: para além das obras seleccionadas em concurso e das criações dos artistas convidados, esteve patente uma exposição de homenagem ao escultor Jorge Vieira e uma apresentação das ilustrações de Rogério Ribeiro para o livro «Até amanhã, camaradas!»





Não há Festa como esta

Depoimentos sobre a Festa do «Avante!»



Paulo Marques
dirigente estudantil

A Festa do «Avante!» é a festa do futuro. Nela afirmam-se os ideais do futuro, o trabalho colectivo, a camaradagem, a vontade de criar e transformar. A juventude, que é, para o PCP e a JCP, defensora desse futuro que queremos construir, encontra na Festa o seu espaço de liberdade e fantasia. Com simplicidade e energia os trabalhadores e a juventude constroem a mais jovem das festas, a Festa do «Avante!».

Arménio Carlos
dirigente sindical

Para além de construir um evento político, cultural e social sem paralelo na sociedade portuguesa, a Festa do «Avante!» é, sobretudo, um espaço fraterno e solidário para com todos os que, recusando a tese totalitária do pensamento único, trabalham e lutam pela valorização e dignificação dos trabalhadores e pela transformação da sociedade.



Concurso de pesca a 5 de Agosto

O concurso de pesca da Festa do «Avante!» já tem dia e local marcado: 5 de Agosto, domingo, na baía do Seixal. Podem inscrever-se individual ou colectivamente todos os agrupamentos ou

pescadores desportivos isolados. As inscrições devem ser enviadas até 3 de Agosto para o fax 21 227 25 16 ou feitas através do telefone 96 255 04 20.

A organização avisa que não são permitidas alterações às equipas depois de inscritas.

Custos de inscrição

Inscrição	Acção
Individual	1000\$00
Equipas	500\$00
Agrupamentos	500\$00

Horário

Horas	Acção	Local
7.30h.	Concentração	Largo dos Restauradores, Seixal
8h.	Sorteio da entrega dos documentos	Largo dos Restauradores, Seixal
9h.	Início do concurso	Baía do Seixal
13h.	Fim do concurso	Pesqueiros
13h.	Início da pesagem	Pesqueiros
14h.	Almoço-convívio	Atalaia, recinto da Festa
15.30h.	Entrega de prémios	Atalaia, recinto da Festa

Já tens a tua EP?

Dirige-te a qualquer centro de trabalho do PCP e compra já a tua EP. Se a adquirires antes de 6 de Setembro estás a contribuir para a construção da Festa... e a poupar mil escudos. Até esta data a Entrada Permanente custa 2500\$00. Nos três dias da Festa o preço é de 3500\$00.



Concurso de bandas em Évora, Braga e Aveiro

Estão abertas as inscrições para o concurso de bandas do distrito de Évora, que terá lugar a 28 de Julho. A banda vencedora tocará no palco Novos Valores, na Festa do «Avante!». As inscrições devem ser feitas na Rua de Aviz, 97, Évora. Para mais informações, contactar o 266 76 06 60 ou o 93 864 52 84.

A Organização Regional de Aveiro da JCP realiza o seu concurso amanhã e no dia 27, às 23 horas, no centro de trabalho do PCP de Santa Maria da Feira. Amanhã apresentam-se as seguintes bandas: «Sonic Flower» (Anadia), «Vírus» (Ílhavo) e «DoMar» (Esmoriz). No dia 27 actuam «DagUida (Feira), «Celtiberia», «Stolen Miseries» e «Flunk» (as três de Oliveira de Azeméis). O concurso organizado pela Organização Regional de Braga da JCP tem lugar no próximo sábado, pelas 21 horas, na Praça Santiago, em Guimarães. Estarão presentes cinco bandas: «Submarine», «Xará» (ambas de Vila Nova de Famalicão), «Hurpen (Fafe), «Braga Crew» (Braga) e «Nothem» (Guimarães).

Juventude CDU Marcar a diferença

«Dar mais força à CDU!» foi o compromisso deixado nas muitas iniciativas da Juventude CDU realizadas no passado fim-de-semana.

Durante três dias, em Constância, a Juventude CDU do distrito de **Santarém** realizou o seu 5.º acampamento, com a participação de mais de 60 jovens. As actividades realizadas foram, para além do debate político sobre a importância da participação dos jovens nas autarquias, um torneio de futebol, uma visita à vila e canoagem.

Também o distrito de **Coimbra** escolheu os dias 13, 14 e 15 de Julho para realizar o seu acampamento regional. Cerca de trinta jovens deslocaram-se até ao Parque de Campismo de Penacova para realizarem muitas actividades, como a participação nas festas populares da região, uma descida do rio Mondego, um jantar comunitário e um debate sobre ambiente, com a participação de João Pauzinho, dirigente da JCP e membro do Comité Central do PCP, José António Andrade, membro da concelhia de Penacova do PCP, Anabela Bragança, candidata da CDU àquele concelho, e Fernando Pezinho, dirigente do PEV.

Em **Sintra**, cerca de uma centena de jovens esteve presente na eliminatória que seleccionou a banda que vai representar o concelho no Festival regional de apuramento de bandas para a Festa do *Avante!*, a realizar no próximo sábado. Realizada no dia 7, a eliminatória apurou a banda «Nua» e teve a presença do candidato da Coligação Democrática Unitária à presidência da Câmara de Sintra, Baptista Alves.

Em **Almada**, na sexta-feira, dia 13, decorreu o lançamento da Juventude CDU e a apresentação dos candidatos jovens aos órgãos municipais do concelho, com a presença de Vanessa Silva, da direcção da JCP e do Comité Central do PCP, Bruno Dias, membro da Assembleia Municipal, Maria João Barradas, da Direcção Nacional da JCP e membro da coordenadora da Juventude CDU local, e José Lourenço, vereador da autarquia. Após lembrarem o trabalho feito pela Câmara, os jovens da CDU rejeitaram, no seu Manifesto, as torres biónicas, as *manhattan*, os favores a clientelas e quaisquer «atentados urbanísticos como aqueles que nos deixou a herança do fascismo».

CDU tem propostas para a Península de Setúbal Ouvir, projectar, fazer

A apresentação das Linhas Programáticas para a Península de Setúbal, que decorreu no passado dia 12, confirmou a determinação da CDU de concorrer a «todos os órgãos autárquicos da Península para vencer».

Promover a «gestão aberta, incentivando a participação de todos na vida local» é uma das propostas da

CDU para a Península. «Da sua palavra aos nossos actos – ouvimos, projectamos, fazemos» é o lema da coligação para a região, que José Manuel Maia, da DORS do PCP, lembrou ser – sobretudo devido ao poder local – «uma das mais desenvolvidas do País, segundo indicadores oficiais». Para promover a participação, a CDU compromete-se a realizar «encontros e reuniões regulares com as populações e com as suas estruturas representativas para a preparação dos Planos de Actividades e para a realização de grandes obras

e projectos», bem como a dinamizar os conselhos municipais.

Para tornar a Península mais coesa, a coligação apresentou seis propostas. A construção do Metropolitano Sul do Tejo (MST), a requalificação da linha das Praias do Sado e a ligação Fogueteiro-Pinhal Novo, a construção da CRIPS (Circular Regional Interna da Península de Setúbal), a expansão e melhoria dos transportes públicos e a criação de um Passe Social Intermodal para todos os transportes da Região, foram as ideias anunciadas para responder ao objectivo de fazer com que todos fiquem «mais perto de tudo e de todos».

Incentivar a participação das populações é parte do projecto da CDU



A abolição das portagens e o Metro Sul do Tejo foram duas das medidas propostas pela CDU

Para garantir um «novo lugar na Área Metropolitana de Lisboa e no País», a CDU reclama a ponte Chelas-Barreiro e a requalificação da Linha do Sul, até ao Algarve, exigindo ainda a abolição das portagens na Ponte 25 de Abril e nas auto-estradas entre Palme-

la e Setúbal, Barreiro e Lisboa e Pinhal Novo e Montijo.

Soluções de qualidade

Atingir os 100 por cento de cobertura de tratamento de águas residuais, proteger o Parque Natural da Arrábida, continuando a combater a instalação da co-incineração no Outão, são duas das propostas para uma «península cada vez mais limpa».

A solidariedade, uma das tradicionais bandeiras, não foi esquecida, comprometendo-se a CDU a lutar por mais e melhores equipamentos públicos de saúde – com os necessários recursos humanos – e por medidas claras para apoio e tratamento a toxicodependentes. O apoio às instituições de carácter social e às etnias, a par da promoção de mais habitação social são marcas da gestão autárquica da CDU na região.

A apresentação não ficou por aqui. O incentivo à

«criatividade individual e a inovação no quadro do interesse e da participação colectiva», o apoio às escolas do primeiro ciclo e do pré-escolar e ao movimento associativo – teatro, artes plásticas, dança, música, produção literária, cultura popular –, na área cultural, e a promoção e valorização das potencialidades turísticas e económicas da região, na vertente económica, foram outras das propostas lançadas.

Na sessão não quiseram deixar de estar presentes muitas pessoas ligadas aos sindicatos, colectividades, associações de carácter social e vários candidatos, eleitos e activistas da CDU. Na mesa estiveram os candidatos à presidência das câmaras do Seixal, Montijo, Barreiro e Almada e alguns membros da coordenadora regional da coligação: Hélio Bexiga, da ID, Fernando Pezinho, do PEV, José Manuel Maia, do Executivo da DORS, e José Capucho, também da DORS e do Comité Central do PCP.



A requalificação da Caparica deve-se, em muito, à insistência da autarquia

Costa de Caparica

O maior Polis de todos

A Câmara Municipal de Almada saudou, na edição de Julho da publicação «Turis-Costa», a chegada àquela zona do Programa Polis, «após 15 anos de luta das autarquias do concelho de Almada» pela requalificação da orla costeira. Luta essa que se traduziu, «só entre 1995 e 1998, em 53 reuniões com as mais diversas entidades da administração central». A autarquia lembra ainda que a falta de soluções revelada pelo executivo levou a que a CMA apresentasse em 1998, ao primeiro-ministro, o «Pacto para o Desenvolvimento Turístico de Almada/Costa de Caparica» que desembocou na criação, por decreto-lei, da Costagest, que entretanto ficou no papel. Posteriormente, foi a Costa integrada no Polis, um Programa que visa a requalificação urbana e ambiental das cidades.

Das 18 cidades abrangidas, o Polis da Costa de Caparica é aquele que implica um maior investimento por parte de todas as entidades participantes no processo, cerca de 40 milhões de contos.

Por pressão da autarquia, a área de intervenção do Polis na Costa de Caparica foi alargada e foram ouvidos os principais actores locais, com interesses legítimos na área de intervenção, como as colectividades, a Comissão de Moradores do Bairro do Campo

da Bola, os pescadores. Cumpridas estas duas particularidades avançou-se para a concretização do Plano Estratégico que, segundo a autarquia, vai ao encontro da maior parte das propostas apresentadas no «Pacto para o Desenvolvimento Turístico de Almada/Costa de Caparica».

Abrangendo uma área de mais de 600 hectares, a intervenção na Costa de Caparica prevê a transferência de parques de campismo para os noventa e cinco hectares de pinhal na Fonte da Telha, a requalificação do Bairro do Campo da Bola – com novas habitações para os moradores, uma alameda, espaços de estacionamento e de ocupação de tempos livres –, a construção de um jardim urbano, cerca de nove mil lugares de estacionamento e o realojamento na área de intervenção das mais de 400 famílias que vivem nas barracas existentes.

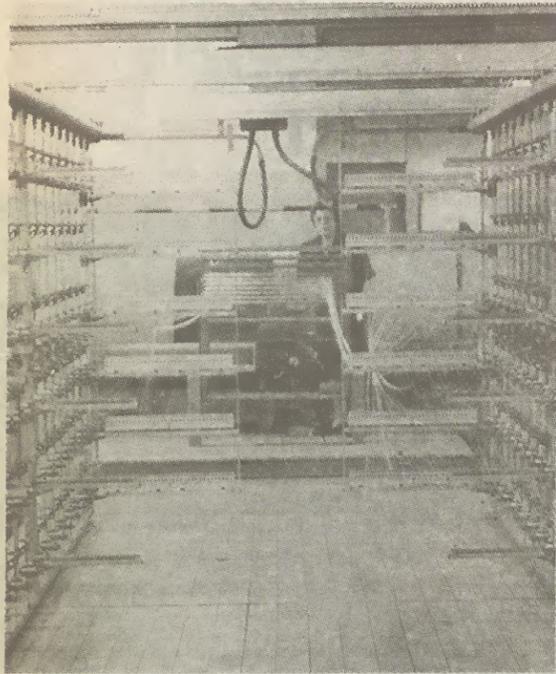
Aprovado por unanimidade pela Câmara e Assembleia Municipal, o Plano Estratégico para a Caparica foi comemorado anteontem com a música dos GNR, fogo de artifício e a colocação de um relógio – que marcará o início da contagem decrescente para a conclusão das obras, cujo início está dependente da aprovação dos primeiros dos sete planos de pormenor previstos para a zona.

Montemor-o-Novo Inauguradas piscinas municipais



Carlos Pinto de Sá

O presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo inaugurou, no passado dia 7, as Piscinas Recreativas Municipais do concelho. Carlos Sá, presidente e mais uma vez candidato à presidência, destacou a importância da obra no contexto de um concelho em crescimento, como revelado no último censo. As piscinas, localizadas no coração do Parque Urbano, são voltadas para o lazer, tendo sido pensadas para poderem ser usadas também por crianças e pessoas portadoras de deficiência.



Empresas têxteis praticam «tortura psicológica»

O Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes acusou duas empresas do sector de usarem «violência e tortura psicológica» contra trabalhadoras. As acções públicas de denúncia tiveram lugar no dia 12, quinta-feira.

A primeira foi feita às portas da Graçafil, em Padim da Graça, que, segundo Francisco Vieira, «move uma perseguição a três mulheres, mães trabalhadoras, por estas se recusarem a deslocar-se regularmente a Valongo do Vouga, a mais de 130 quilómetros» – como referimos na edição da semana passada. Face à recusa das trabalhadoras, que afirmam não poder deixar os filhos às quatro da manhã para se deslocar àquele local, onde a empresa se instalou a laborar noutra unidade (a Graçafil), a entidade patronal «isola-as num corredor, num acto de verdadeira tortura psicológica», afirmou o sindicalista, citado pela Lusa, adiantando que se realizaria esta semana uma reunião no Governo Civil, tendo em vista tentar resolver a situação.

Este caso é considerado pelo sindicato como «particularmente grave», pois ocorre «numa região onde os empresários dizem não ter mão-de-obra suficiente e pedem ao Governo para abrir as portas a imigrantes de Leste».

Na Arcotex 2, em Arcozelo (Barcelos), o sindicato promoveu mesmo um desfile em que participaram as 11 trabalhadoras da fábrica e também vários sindicalistas. Francisco Vieira acusou a empresa de pretender forçar as trabalhadoras a passarem para uma outra unidade que possui em Padim da Graça, ou simplesmente a demitirem-se, para poder fechar a fábrica «por motivos relacionados com um projecto imobiliário para o local». Desde Novembro, revelou o sindicato, a empresa mantém «uma atitude de vingança» e, desde há três semanas, fecha as portas e impede as trabalhadoras de cumprirem metade do seu horário normal.

Confelis

Mais de 50 trabalhadoras da Confelis, em Almada, concentraram-se sexta-feira frente às instalações da fábrica de confecções, em protesto contra a ameaça de desemprego surgida na sequência da decisão da gerência de abrir falência. Pouco depois das onze horas, noticiou a Lusa, as manifestantes cortaram, por segundos, o trânsito na Avenida D. Nuno Álvares Pereira, gritando palavras de ordem. No edifício da fábrica foram afixados panos negros e brancos, com inscrições denunciando «160 trabalhadoras sem salários, queremos o nosso trabalho de volta» e «Confelis quer despedir 160 trabalhadoras».

Os trabalhadores foram de férias no final de Junho sem receberem o salário e o subsídio de férias (metade do qual foi pago em finais desse mês e no início de Julho), mas uma semana antes a empresa apresentara no Tribunal de Comércio de Lisboa um processo de falência, alegando uma dívida de cerca de 500 mil contos. O processo de falência, segundo a Lusa, deu entrada no Tribunal de Comércio de Lisboa a 20 de Junho.

Para anteontem estava marcada uma ida à Assembleia da República, onde as trabalhadoras e o Sindicato dos Têxteis do Sul pretendiam expor a situação aos diferentes grupos parlamentares. No dia 1 de Agosto terá lugar um plenário nas instalações da empresa – que, conforme resolução aprovada sexta-feira, poderá ser antecipado.

O Governo e os responsáveis das obras mantêm o erro em prejuízo das populações

USP insiste no Metro

Em vez de duplicar e electrificar a via férrea que já serve a Póvoa e a Trofa, o Governo acelera para substituir o comboio pelo Metro.

«Onde não há nada, nada vai continuar a haver», protesta a União dos Sindicatos do Porto. Para a estrutura distrital da CGTP, a decisão do Conselho de Ministros, de congelar a segunda fase da construção do metropolitano portuense, representa uma tentativa de «emendar erros cometidos, através de novos erros».

O congelamento das obras é mais um «corte cego» que afecta os mais carenciados

Para a USP, o Governo «acordou e começou a fazer cortes a torto e a direito», mas só depois da destruição e privatização do sector empresarial do Estado e de serviços públicos; da desastrosa utilização dos fundos comunitários e do Orçamento do Estado; da desvalorização do aparelho produtivo; da insistência num modelo esgotado de competitividade, assente em baixos salários e emprego precário; e de muita indiferença nas despesas sumptuárias de dirigentes da Administração Pública.

Depois de tudo isto, as primeiras vítimas da decisão tomada pelo Governo, «como de costume, são os trabalhadores e as popula-

ções carenciadas», protesta a USP, que inclui o congelamento das obras naquela política de cortes cegos.

Salientando «a falta que faz o Metro para as nossas gentes», a USP declara que «não se pode deixar passar em claro mais este atentado aos interesses e legítimos anseios do povo do distrito». As obras «não

podem ser afectadas por uma crise construída pelo grande capital e que só a este interessa «dinamizar», afirma a União, contrapondo que, «se há falta de dinheiro para obras desta importância, o Governo que o vá buscar aos especuladores financeiros, aos banqueiros, aos que fogem aos impostos, e que dê o exemplo, baixando os salários dos ministros, secretários de Estado, deputados, presidentes de câmaras, institutos e outras organizações do Estado ou a ele ligadas».

Duplo engano

Há «muito tempo» que a USP reclama para a Linha



De portas fechadas ao diálogo, o Governo defrauda as expectativas e necessidades das populações do distrito do Porto

da Póvoa soluções que têm merecido «quase unanimidade», como «as mais adequadas» para aquele troço. Mas, apesar de possuir desde 3 de Maio um pedido de audiência, o ministro da tutela ainda não respondeu à União. Em vez de escutarem as muitas vezes que apontam outro caminho, «os responsáveis pelas obras e o próprio Governo fazem orelhas moucas, acelerando a solução Metro até à Póvoa e Trofa, e congelando a segunda fase do Metro», lamenta a

USP, considerando que «onde, em tempos, foram apropriados terrenos, com vista à duplicação da linha da CP, a população foi duplamente enganada»; na Linha da Póvoa, as pessoas «ficaram sem terrenos e sem a via dupla que garantirá melhores transportes», denuncia a União de Sindicatos do Porto, que reafirma a sua determinação de prosseguir a luta para conciliar soluções harmoniosas entre os diversos meios de transporte nos diferentes troços.

Sindicatos da TAP acusam Governo e gestão

Os sindicatos representantes do pessoal de terra da TAP enviaram segunda-feira uma carta aberta ao ministro do Equipamento, contestando afirmações públicas de Ferro Rodrigues, feitas em Leiria, na semana passada, as quais «provocaram forte indignação dos trabalhadores».

O documento, divulgado pelo Sitava, é subscrito por dez sindicatos. As estruturas representativas da quase totalidade dos trabalhadores da TAP recordam que enviaram ao ministro, durante o corrente ano, três

pedidos de audiência que não foram atendidos. As declarações de dia 11, em Leiria, foram o motivo mais recente para a tomada de posição dos sindicatos, que consideram não ser «justo nem verdadeiro» querer imputar aos trabalhadores de terra «a responsabilidade e o ónus da recuperação» da empresa.

Os trabalhadores de terra, recordam os sindicatos, já tiveram os seus salários congelados durante 3 anos, sofreram a diminuição de direitos e regalias sociais e o agravamento dos

horários e ritmos de trabalho. Para quem, apesar disto, continua «a dar o seu melhor à empresa», o facto de o ministro «afirmar que os protestos de 2,5 horas nos dias 6 e 10 de Julho podem pôr em causa o futuro da TAP» foi visto como, «no mínimo, sintoma de desconhecimento da realidade». Os sindicatos, que não foram tidos em conta por Ferro Rodrigues, perguntam se, «com semelhante subterfúgio, se pretende fugir a uma análise crítica e objectiva da gestão, em especial da desastrosa polí-

tica comercial» dos responsáveis da transportadora.

O caso é que «os resultados até Maio não atingem o orçamentado», isto apesar de ter havido «a tão reclamada paz social» e as paralisações só terem ocorrido dois meses depois. Sendo assim, é legítimo questionar as opções comerciais da administração, designadamente «qual a razão para continuar no mercado estrangeiro a depender das estruturas do Qualiflyer» ou «como justificar a manutenção do representante da Swissair».

«As paralisações de trabalhadores devem-se exclusivamente ao facto de o actual administrador-delegado recusar negociações credíveis com vista à reposição do poder de compra dos salários», afirmam os sindicatos, reafirmando que «o problema da empresa não reside nos custos dos salários dos trabalhadores de terra, mas sim na manutenção desta política». No comunicado chama-se a atenção para a contradição entre as pressões para a diminuição de trabalhadores, ao abrigo do chamado Programa Social, e o aumento «desmesurado» dos custos de chefia e de gestão.



Os sacrifícios dos trabalhadores de terra de nada valeram, face às desastrosas opções políticas e de gestão, pelas quais lhes exigem agora que paguem outra vez

Transportes urbanos

Deslocar-se à Secretaria de Estado da Administração Local foi a decisão que dirigentes sindicais do sector de transportes colectivos urbanos municipais tomaram, no final de uma reunião realizada terça-feira em Lisboa. Esta deslocação, informou o STAL/CGTP, foi uma forma de protesto contra o «continuado incumprimento, por parte do Governo, de compromissos assumidos». Os sindicalistas foram exigir informação sobre quando pensam os governantes passar das palavras aos actos, designadamente em matérias como as distorções provocadas com a aplicação do decreto que veio reduzir a progressão nas carreiras (de 4 para 3 anos) e o incumprimento da legislação sobre o suplemento de insalubridade, penosidade e risco.

Automóvel

Arrastam-se sem acordo as negociações do contrato colectivo de trabalho para o sector automóvel, uma vez que o patronato não apresenta uma proposta salarial aceitável e insiste em pretender desqualificar as profissões e pôr em causa os horários de trabalho. A Fequimetal/CGTP, já por duas vezes este mês, fez deslocar dirigentes sindicais do sector às instalações de empresas com cargos de direcção na associação patronal: a Salvador Caetano, no dia 12, em Vila Nova de Gaia, e a Fiat (do Grupo Santogal, que preside à ACAP), em Alfragide, no dia 5. Nesta data os sindicalistas apresentaram-se igualmente na Alstom, que ocupa um cargo dirigente na **associação patronal da metalurgia**, onde também não há acordo na negociação da contratação colectiva. Um grave objectivo é comum aos patrões de ambos os sectores: implantar o horário anual, «com o qual pretendiam pôr em causa os horários diários e semanais e, consequentemente, o pagamento das horas extras», denunciou a federação sindical.

Carrefour

A presença de dirigentes sindicais no Carrefour de Oeiras é «inconveniente» para a direcção do hipermercado, que na semana passada recusou autorização ao Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal para ali receber quotização e contactar os trabalhadores. A comunicação da visita, «como é prática habitual», foi feita de véspera, para uma deslocação de dirigentes que teria lugar no dia 12, entre as 12 e as 15 horas, refere um comunicado do CESP/CGTP. Face à resposta da direcção, o sindicato decidiu promover uma acção de distribuição de informação aos trabalhadores, no dia e hora previstos, na praça de vendas do hipermercado.

Vai crescer a luta na Administração Pública Despesista é o Governo

Após o plenário de dia 12, convocado pela Frente Comum de Sindicatos, milhares de trabalhadores foram entregar ao primeiro-ministro um manifesto em que recusam «pagar a factura» dos erros do Governo.

Cerca de três mil trabalhadores, segundo a Agência Lusa, participaram no plenário nacional realizado na passada quinta-feira, em Lisboa, pela Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública. O principal tema em discussão foi o *pacote* governamental das 50 medidas de reforma da despesa

Os problemas da despesa pública não residem nos salários dos trabalhadores

pública. No plenário, que quase encheu o Pavilhão Carlos Lopes, dirigentes de vários sindicatos exortaram os trabalhadores a lutar pelos seus direitos e contra este ataque. «Esperamos que o Governo e o primeiro-ministro tenham em conta esta jornada de luta e este aviso», disse Paulo Trindade. O porta-voz da Frente Comum alertou que «a partir de hoje, todas as formas de luta, incluindo a greve, estão em cima da mesa».

Os participantes no plenário aprovaram, por unanimidade e aclamação, um manifesto que foram de seguida entregar na residência oficial do primeiro-ministro, lembrando que as organizações sindicais da desde há muito exigem medidas para melhorar o funcionamento dos serviços públicos e denunciam o desbaratamento de dinheiros e bens públicos.

Os representantes dos trabalhadores responsabilizam o Governo pela situação de descontrolo orçamental e consideram que as 50 medidas preconizadas pelo executivo do PS não resolvem nada de fundamental e apenas prejudicam funcionários e utentes.

No desfile até S. Bento a combatividade foi marcada também com algum tom festivo, dado pela música dos acordeões, das castanholas e dos tambores, típica de romaria, e pelo colorido das bandeiras sindicais, maioritariamente vermelhas. À frente do desfile seguiam mulheres e homens envergando trajes típicos do Minho e empunhando *pergaminhos* gigantes com

frases alusivas à derrapagem da despesa pública. Simbolizando um cortejo de oferendas, para ajudar o Governo a reduzir os gastos públicos, seguiam logo atrás um TGV de papelão, um submarino só com periscópio e uma bola de futebol gigante.

Em alternativa aos «cortes» do Governo, a Frente Comum e os trabalhadores propõem medidas como a redução dos efectivos dos gabinetes ministeriais e a diminuição dos vencimentos principescos dos gestores e presidentes de institutos públicos e a abolição das respectivas mordomias.

Intoxicação

No manifesto «aos trabalhadores e à população» afirma-se que a aposta em serviços públicos de qualidade é indis-



Se o Governo persistir no ataque, os trabalhadores vão intensificar a luta

sociável da dignificação e da motivação dos trabalhadores da Administração Pública, que são os mais mal pagos da União Europeia, que não se motivam com a sujeição a gestões desastrosas e que não aceitam ser os bodes expiatórios das políticas do Governo.

Denunciando «uma despuddorada e vergonhosa campanha de intoxicação da opinião pública visando inculcar a ideia de que os problemas com que o País se defronta tinham como responsáveis os trabalha-

dores da Administração Pública, com o objectivo de desvalorizar os serviços públicos e os privatizar», são apresentados alguns factos que contrariam tais objectivos, nomeadamente:

- apregoa-se o **gigantismo dos efectivos**, mas desde 1996 não é actualizado o recenseamento desses efectivos e só com autorização expressa do ministro das Finanças é possível a admissão de novos funcionários;

- fala-se da **grande fatia do Orçamento de Estado**

dispendida em salários, mas Portugal é o país da União Europeia cujo custo com a Administração Pública é o menor por habitante, enquanto o Governo faz proliferar institutos públicos de gestão privada, cujos custos de funcionamento triplicaram ou quintuplicaram os dos organismos predecessores, cujos gestores ganham fora da tabela da Função Pública e usufruem escandalosas mordomias, e onde a contratação de pessoal não obedece a quaisquer regras.

Na agenda da CGTP

O secretário-geral da CGTP, que participou no plenário e no desfile de dia 12, considerou que esta manifestação mostrou bem que os trabalhadores estão a corresponder aos apelos dos sindicatos para mostrar ao Governo que tem que alterar a sua política. «Se o Governo quiser abrir bem os olhos, pode ver o que se está a passar aqui hoje», disse Manuel Carvalho da Silva à Lusa, salientando que não se trata apenas dos trabalhadores da Administração Pública. Garantindo que actividade sindical vai continuar ao longo do Verão, recordou que a CGTP marcou para **20 de Setembro** uma **Conferência Sindical Extraordinária**, que deverá contar com a participação de um milhar de delegados e onde serão definidas as estratégias e os conteúdos das lutas a desenvolver de imediato e nos meses seguintes.

Segurança Social

Para ontem à tarde, na Praça de Londres, a *Inter* convocou um **plenário nacional de sindicatos**, que tinha como ponto único da ordem de trabalhos a Lei de Bases da Segurança Social, em fase de regulamentação. A discussão, nas proximidades do Ministério do Trabalho, deveria culminar com a aprovação de uma resolução, que prontamente seria entregue na portaria de Paulo Pedrosa.

A CGTP defende que, na regulamentação, a Lei de Bases aprovada pela Assembleia da República e em vigor desde Fevereiro precisa de ser concretizada nos seus objectivos e princípios, através de disposições e compromissos claros e concretos.



Greve nas OGME

Os trabalhadores das Oficinas Gerais de Material de Engenharia, em Lisboa, iniciaram, na terça-feira, uma greve diária de meia hora contra a anulação de uma pausa de 30 minutos que utilizam para lanchar no bar. A greve, que coincidirá exactamente com essa pausa, prolonga-se por tempo indeterminado. Estas oficinas empregam 126 trabalhadores, que se encarregam da reparação de carros de combate.

A greve foi decidida em plenário de trabalhadores, onde foi repudiada a tentativa de corte da pausa no segundo período de laboração, sem que os responsáveis das OGME tivessem tentado qualquer esforço de diálogo, mas simplesmente «determinando e mandando publicar», refere uma nota do Sindicato dos Trabalhadores Civis das Forças Armadas, Estabelecimentos Fabris e Empresas de Defesa (STEFFAs/CGTP).

Aquela pausa foi incluída, após o 25 de Abril, no horário dos trabalhadores, que é de 40 horas semanais. Se lhes for retirada a pausa, deixam de poder tomar a refeição no bar e terão de o fazer na oficina, sem quaisquer condições, considera o sindicato, que aponta este acto da Direcção do estabelecimento como uma consequência das 50 medidas de redução da despesa pública preconizadas pelo Governo.

«Os trabalhadores dos estabelecimentos fabris do Exército já começaram a sentir na pele a retirada de direitos, com o argumento de que é necessário poupar, sob pena de não haver dinheiro para os salários», denuncia o sindicato, que marcou para ontem uma deslocação, à residência do primeiro-ministro, de representantes do pessoal civil das OGME, OGFE (fardamento), Manutenção Militar e Laboratório Militar.

A António Guterres, os representantes de cerca de 2 mil trabalhadores pretendem «dar a conhecer as reais preocupações», pois «a falta de estratégia, por parte do Governo e das hierarquias do Exército leva a que nada tenha sido feito na organização e modernização dos estabelecimentos fabris do Exército, nem na resolução dos problemas dos trabalhadores, nomeadamente no que diz respeito à revisão das tabelas salariais e carreiras».

Greve nacional na Argentina

As duas maiores centrais sindicais da Argentina convocaram para hoje uma greve nacional em protesto contra o plano de austeridade e ajuste económico anunciado pelo presidente Fernando de la Rúa e o ministro da Economia, Domingo Cavallo. A convocação foi feita pela Confederação Geral do Trabalho (CGT) e o Movimento dos Trabalhadores Argentinos (MTA), após o anúncio de uma paralisação, na quarta-feira, realizada pelos funcionários públicos. O ajuste do governo foi anunciado no momento em que a economia entra no terceiro ano de recessão, com a taxa de desemprego a atingir 16 por cento.

Moçambique

O governo de Moçambique pediu quinta-feira à comunidade internacional uma ajuda de 31 milhões de contos para reconstruir as infra-estruturas que ficaram destruídas pelas cheias de Fevereiro passado, na zona Centro do país. O apelo foi lançado formalmente na Conferência de doadores, que se realizou em Maputo, onde estiveram diplomatas, organismos das Nações Unidas e representantes do sector privado e da sociedade civil. As cheias deste ano afectaram 400 mil pessoas, das quais 80 morreram, além dos prejuízos elevados em infra-estruturas.

Recolher obrigatório em França

Um recolher obrigatório para as crianças menores de 13 anos foi instaurado durante as noites de Verão em Orléans, centro de França, a pedido da Câmara local, por razões de segurança. O Conselho de Estado, a mais alta jurisdição administrativa francesa, deu parecer favorável a este recolher obrigatório das 23 às 6 horas em três bairros de Orléans, cidade situada a cerca de cem quilómetros de Paris. O Conselho de Estado considera que o edil de Orléans pretende desta forma «proteger» os menores de 13 anos contra «os perigos que correm quanto ao risco de serem pessoalmente vítimas de actos de violência ou de serem envolvidos, incitados ou habituados a tais actos».

Distúrbios em Belfast

Vários polícias ficaram feridos, na segunda-feira, em distúrbios entre cerca de cem jovens católicos e protestantes nas ruas de Belfast, informaram fontes policiais. As forças de segurança foram atacadas com bombas incendiárias, tijolos e garrafas quando tentavam manter separados grupos de católicos e protestantes nas ruas da capital da Irlanda do Norte.

Tentativa de acordo para pôr fim a cinco décadas de hostilidades falhou

Caxemira no centro da discórdia

A complexa questão de Caxemira fez fracassar, na segunda-feira, a cimeira indopaquistanesa de Agra.

Sem acordo sobre Caxemira, ao cabo de três dias de conversações em Agra (Índia) - naquela que foi a primeira cimeira conjunta dos dois países -, o presidente paquistanês, Musharraf Pervez, despediu-se do chefe do executivo de Nova Deli, Atal Behari Vajpayee, e regressou ao seu país.

Na ocasião, o porta-voz paquistanês, Anwar Mahmood, lamentou que não tenha sido alcançada uma plataforma de entendimento entre as partes, mas manifestou «esperança» num próximo reatamento dos trabalhos.

Também o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros indiano, Nirupama Rao, confessou «desilusão» por não ter sido produzida uma declaração final.

Como consequência, caíram por terra as negociações para resolver o problema do terrorismo transfronteiriço, decorrente de queixas india-

nas contra combatentes islâmicos, apoiados pelos paquistaneses, a operar em Caxemira.

A segurança nacional e o narcotráfico foram outros temas que ficaram sem solução no imediato.

«Caxemira é um contencioso para resolver»

Os ministros dos Negócios Estrangeiros indiano e paquistanês, respectivamente, Jaswant Singh e Abdul Sattar, numa reunião de sete horas não lograram ultrapassar a menção da «centralidade» de Caxemira, tão reclamada por Islamabad.

Entretanto, Musharraf Pervez apresentou, em conferência de imprensa, uma proposta que consiste em três etapas para pôr fim às hostilidades entre o Paquistão e a Índia. Segundo Musharraf, a primeira etapa já foi conseguida, «com o restabelecimento do diálogo entre os dois países». A segunda etapa deverá ser a aceitação que Caxemira é o

principal problema a revolver. A terceira deverá ser «a rejeição de algumas soluções para Caxemira que não sejam mutuamente aceitáveis».

Desde o dia do início da cimeira que a violência foi retomada, 24 pessoas morreram, na segunda-feira, e 15 ficaram feridas, valores que fazem subir para 60 o número de vítimas mortais desde sábado.

Conflito

A 15 de Agosto de 1947, deu-se a independência da União Indiana face à Grã-Bretanha. Foi então que se procedeu à divisão do território asiático, em duas regiões autónomas: a Índia, hindu, e o Paquistão, islâmico.

Com a divisão, nasceram revoltas e conflitos, devido ao estabelecimento de muçulmanos e hindus nas mesmas linhas fronteiriças então traçadas. Caxemira tem sido, desde então, a região mais problemática. A sua população é maioritariamente muçulmana, mas dirigida por um chefe hindu. O facto divi-

de o Paquistão e a Índia, que reclamam, ambos, a posse do território.

O Paquistão reclama um referendo à população de Caxemira, a fim de decidir sobre o seu futuro. Por seu lado, a Índia recusa qualquer

aumentou com a corrida ao armamento. A Índia começou a produzir o seu armamento nuclear próprio. Anos depois, em 1974, levou a cabo o primeiro teste nuclear. Mais tarde, o Paquistão decidiu desenvolver o seu programa

Estado de guerra

O conflito sobre Caxemira originou duas guerras entre Paquistão e Índia: uma em 1947 e outra em 1965.

Outros incidentes explodiram em 1971, altura em que os dois países combateram também pela independência do Bangladesh. Em 1999, um novo conflito quase acabou em guerra, quando as forças paquistanesas infiltraram a «linha de controlo» de Caxemira.

Um terço da zona de Caxemira é hoje administrada pelo Paquistão, sendo que a região restante está sob o controlo indiano. Desde 1989 que a Índia acusa o Paquistão de treinar e fornecer armamento aos separatistas militares da região. O Paquistão nega as acusações e garante fornecer apoio moral aos militares.

debate internacional e reitera a importância do acordo de 1947, que concedia poderes de governação a Deli.

Força nuclear

Entretanto, em meados dos anos 60 a tensão na região

de armamento e, desde então, os dois países tornaram-se potências nucleares.

As Nações Unidas mantêm uma presença contínua em Caxemira desde 1949. A sua missão é «observar, na maior extensão possível, possíveis desenvolvimentos do cessar-fogo de 1971».

Vaga de despedimentos continua

O fabricante francês de equipamentos móveis Alcatel anunciou na passada semana o despedimento de 2500 funcionários e o encerramento de várias fábricas nos Estados Unidos.

A Siemens vai despedir 2000 dos 35 mil trabalhadores que tem na filial de serviços de tecnologias e informação, até ao final de 2002. Só na Ale-

holandesa Philips, por seu lado, vai abandonar a produção de telefones móveis, actividade que passará a ser assegurada pela sua parceira chinesa CEC. Segundo um comunicado da empresa esta medida insere-se no âmbito de uma reestruturação da sua actividade, onde se prevê igualmente o despedimento de cerca de 1230 funcionários, a

trabalhadores, este ano, a fim de economizar cerca de 900 milhões de dólares.

Entretanto, a maior fornecedora de serviços de computação da Europa, a francesa Cap. Gemini Ernst & Young, vai despedir 2700 trabalhadores. A empresa é a mais recente vítima no sector da tecnologias a rever a sua projecção de vendas

do que o previsto na sua força laboral.

Siderúrgica mexicana despede 740 trabalhadores

A companhia mexicana de aço e ferro Ahmsa (Altos Hornos do México SA) aumentou o seu programa de redução de custos com mais uma rodada de despedimentos.

A Ahmsa despediu 120 trabalhadores contratados e 620 que ainda não tinha contrato, segundo anunciou a empresa. Outros 350 funcionários aceitaram programas de demissão voluntária.

Como meio adicional de cortar gastos com salários, a Ahmsa despediu temporariamente cerca de 872 trabalhadores por um período de seis meses, durante os quais «eles continuarão a receber 40 por cento do seu salário», afirmou Francisco Orduna, porta-voz da empresa. «Se a perspectiva económica da Ahmsa não melhorar no período de seis meses, os funcionários serão definitivamente despedidos», concluiu.

A companhia, controlada pelo grupo GAN, possui ainda duas fábricas em Monclava, no Noroeste do estado mexicano de Coahuila, e é a maior fábricas siderúrgica do país.



Centenas de empresas da «Nova Economia» espalhadas por todo o mundo fecharam as portas, lançando milhares de trabalhadores no desemprego

manha deverão ser cortados 1600 postos de trabalho, de um total de 15 mil.

Também a Nokia, maior fabricante de telefones celulares do mundo, anunciou que despedirá até 1000 trabalhadores devido à quebra das vendas do sector das telecomunicações. Os despedimentos serão feitos no sector das redes de trabalho da Nokia, que fabrica equipamentos como estações-base e antenas para operadores de celulares que emprega cerca de 23 mil pessoas.

maior parte dos quais em França.

A fabricante de equipamentos para telecomunicações Lucent anunciou recentemente o despedimento de 20 por cento da sua força laboral, na sequência da reestruturação da sua actividade. Segundo o «Wall Street Journal», a empresa sediada em New Jersey irá anunciar os despedimentos no final do mês de Julho.

A segunda maior fabricante mundial de computadores, Compaq, vai despedir 8500

devido à quebra da procura no continente americano e europeu.

A maior fabricante mundial de fibra óptica, JDS Uniphase, admitiu por seu turno que o número de postos de trabalho a despedir deverá ultrapassar o número previamente anunciado. «Deverão ocorrer mais do que 5000 despedimentos», afirmou a porta-voz da JDS Uniphase, Lori Goulet. O jornal canadiano «National Post» revelou que a JDS iria ponderar mais 1000 despedimentos

Despedimentos nos EUA dispararam em Junho

Os anúncios de despedimentos nos Estados Unidos dispararam em Junho, com as empresas a reduzirem os seus quadros de funcionários para enfrentar o abrandamento da economia.

Só no mês de Junho as empresas norte-americanas anunciaram 124 852 despedimentos. Em Junho de 2000, foram comunicados 17 241 mil - o que significa, no espaço de um ano, um aumento de 624 por cento, segundo um relatório da Challenger Gray & Christmas Inc.

Em relação a Maio, esse aumento foi de 56 por cento.

Desde o início do ano, diz a Challenger, foram anunciados, no total, 777 362 despedimentos - mais do que três vezes o número anunciado no mesmo período do ano anterior, o que mostra que a liquidação de postos de trabalho tem sido a principal resposta das empresas norte-americanas ao abrandamento da economia.

O sector que mais despediu, segundo o relatório, foi o das telecomunicações, que anunciou a dispensa de 27 446 trabalhadores em Junho. A seguir, vêm as indústrias de automóveis, de informática, de bens industriais e de electrónica.

Despedimentos anunciados em 2001: Janeiro: 142 208; Fevereiro: 101 731; Março: 162 867; Abril: 165 554; Maio: 80 140; Junho: 124 852.

EUA

Guerra das estrelas avança

Em vésperas da viagem de Bush à Europa para participar na cimeira do G-7/G-8, a Casa Branca confirma intenção de avançar com a «guerra das estrelas».

O quarto ensaio do escudo antimísseis, realizado na madrugada de domingo, foi um sucesso. O *Kill Vehicle* (veículo assassino, na tradução literal) lançado do atol de Kwajalein, nas ilhas Marshall, alcançou e destruiu como lhe competia o míssil balístico *Minuteman 2*, que, sem

carga explosiva, havia sido disparado da base aérea de Vandenberg, na Califórnia, a 7725 quilómetros de distância. A explosão ocorreu no Pacífico Central, a cerca de 230 quilómetros de altitude.

Bush rejubilou com este novo passo para a «guerra das estrelas» e garantiu que, com ou sem apoio do Congresso, o programa vai prosseguir de forma a estar operacional em 2004. Ao *Kill Vehicle* deverão juntar-se, até lá, outros lançados a partir do mar e do ar. Já em

construção está um canhão laser, montado num *Boeing 747*, destinado a abater ogivas múltiplas que eventualmente escapem aos mísseis assassinos.

Para 2002 prevê-se o gasto de mais de 8300 milhões de dólares

De acordo com as informações vindas a público, estima-se que o ensaio tenha custado cem milhões de dólares (24 milhões de contos). Uma bagatela, tendo em conta que só o orçamento de 2002 prevê o gasto de mais de 8300 milhões de dólares para ensaios e estudos do «escudo». Para o total do projecto, estima-se o dispendio de uma verba entre os 80 000 e os 300 000 milhões de dólares.

O próximo teste está previsto para Outubro.

Críticas em Moscovo

A satisfação de Washington não teve eco em Mosco-

vo nem em Pequim. De visita à Rússia, o presidente chinês, Jiang Zemin, assinou com Vladimir Putin um tratado de amizade, cooperação e boa vizinhança. Ambos se manifestaram contra o projecto da «guerra das estrelas», mesmo na sua versão reduzida, alertando que os EUA estão a abrir a porta a uma nova corrida armamentista. Em declaração conjunta, a Rússia e a China sublinharam a importância do tratado ABM (assinado entre Washington e Moscovo, que limita o desenvolvimento e a colocação de armas contra mísseis balísticos), considerando que este «constitui a pedra angular da estabilidade estratégica e da redução dos armamentos estratégicos».

A curto prazo, a continuação dos testes norte-americanos implica a violação daquele tratado. Os EUA reconhecem este facto - é «uma questão de meses» dizem -, mas segundo o secretário de estado norte-americano Colin Powell afirmou no sábado, a Casa Branca espera convencer a Rússia a chegar a um acordo.

Miami

Cinco cubanos acusados de espionagem

«A única informação que nos interessa dos Estados Unidos é a relativa às actividades terroristas que a partir dali se organizam e financiam contra Cuba. Não nos interessam absolutamente nada as informações militares sobre os EUA. E as que nos poderiam interessar, associadas a movimentos de unidades próximas do nosso país, num determinado momento, obtêm-se por meios electrónicos. (...) Isso é muito menos arriscado e muito mais económico.»

As palavras são do presidente cubano, Fidel Castro, em entrevista a Lucia Newman, da CNN, realizada em Portugal a 19 de Outubro de 1998. Fidel Castro resumia assim o seu comentário à prisão, um mês antes, na Florida, de 10 cubanos-americanos acusados de espionagem a favor de Cuba.

A 8 de Junho, passados quase três anos, um tribunal de Miami declarou culpados cinco dos acusados.

De acordo com as autoridades cubanas, «um júri combinado, preconceituoso, desinformado, e sob forte pressão das autoridades, dos meios de informação e da atmosfera venenosa e pestilenta de Miami, declarou-os culpados de grosseiras e falsas acções que nunca foram provadas e pelas quais podem ser condenados a permanecer pelo resto das suas vidas nas prisões hostis, desapietadas o

inumanas dos Estados Unidos.»

Cuba acusa ainda os EUA de submeter os cinco cubano-americanos «a todo o tipo de humilhações e vexames», sublinhando o facto de os presos serem mantidos «incomunicáveis por longo tempo em celas solitárias de castigo, e de três deles terem ficado durante 17 meses sem qualquer contacto com as respectivas famílias».

A hora da verdade

Dado o carácter «heróico da sua missão», segundo as autoridades cubanas, foi necessário esperar pela decisão do tribunal para «desmascarar e denunciar a vergonhosa actuação das autoridades policiais e judiciais de Miami». Depois de quase três anos de «anónimo e exemplar heroísmo, chegou a hora de divulgar toda a verdade», afirmam.

Em mensagem ao povo norte-americano entretanto difundida, os cinco presos - Ramón Salazar, licenciado em economia; René Schwerert, instrutor de voo e especialista em técnicas de aviação; Fernando Lloré e Gerardo Nordeño, licenciados em Relações Internacionais; e Antonio Rodríguez, engenheiro civil - afirmam-se vítimas «de uma colossal injustiça».

«Acusaram-nos de pôr em perigo a segurança dos EUA,

imputando-nos numerosas acusações, inclusive delitos como conspiração para assassinar, as quais, pela sua inquestionável falsidade, não foram não poderão ser provados, e pelos quais podemos ser acusados a dezenas de anos de prisão e a prisão perpétua», lê-se na mensagem.

Declarando-se «patriotas cubanos» que nunca tiveram intenção de prejudicar «os valores do povo americano, nem a sua integridade», os signatários reafirmam no entanto o direito de Cuba, «que heroicamente sobreviveu durante 40 anos a agressões e ameaças à sua segurança, a planos de subversão, sabotagens e à desestabilização interna», a «defender-se dos seus inimigos, que utilizam o território norte-americano para planear, organizar e financiar actos terroristas, violando as próprias leis internas que os proíbem».

Questionando a legitimidade de serem julgados pelos EUA, que em 40 anos provocaram 3478 mortos e 2099 incapacitados, para além de elevados custos materiais a Cuba, os acusados nesta causa dizem não se arrependem pelo que fizeram em defesa do seu país e declaram-se «totalmente inocentes».

No caso da alegada «rede de espões» cubanos foram ainda envolvidos três diplomatas daquele país, expulsos da missão em Nova Iorque.

Coreia do Sul - país de contrastes

• José Pascoal

Dentro de menos de um ano, Seul recebe o jogo inaugural do Campeonato do Mundo de futebol. Capital da Coreia do Sul, um dos países co-organizadores — o outro é o Japão — a grande metrópole sul-coreana prepara-se para receber os visitantes com um programa que impressiona e que não se limita a esta urbe gigante com uma população que se aproxima da de Portugal: 10 milhões de habitantes! «Máquina de desenvolvimento e capital do 12.º país mais comercial do Mundo», assim a define o presidente do Governo Metropolitano de Seul, Kun Goh, no *press release* que é oferecido aos jornalistas que a visitam em busca de informação sobre o andamento dos trabalhos de preparação para o Mundial, o segundo maior acontecimento desportivo jamais organizado no país depois dos Jogos Olímpicos de 1988.

Mas Seul é também — diz ainda Kun Goh — importante entreposto comercial e económico, ligando as principais cidades do Nordeste asiático. Mas nem era preciso dizê-lo. Sente-se, palmilhando as ruas da *city*, entre arranha-céus que tapam com cimento armado e vidro a fisionomia

seja o percurso curto de 10 ou 15 minutos ou longo de mais de uma hora — é o mesmo que se trava de razões com a polícia, se necessário for e sem medos de qualquer espécie, na luta por direitos laborais e sindicais numa sociedade que evidencia elevados níveis de desenvolvimento tecnológico, mas onde impera ainda regime de trabalho de 55 horas semanais! Motivo de lutas e combates, a semana inglesa, grande conquista dos trabalhadores no início do século XX, quase cem anos depois, ainda não passa de sonho para o povo sul-coreano.

Mas este povo que *mata* o tempo numa estação de «metro», cultivando hábitos de leitura numa das muitas bibliotecas públicas, sem chaves nos armários nem vigilantes, mas com bancos convidativos à leitura, existentes nesse eficaz meio de transporte colectivo, é também o mesmo que faz greves pelos seus direitos laborais, de cidadania e até pela dignidade. Exemplo elucidativo disso mesmo aquela a que assistimos em Seul, tendo como protagonistas trabalhadores do serviço público de radiodifusão, que se recusavam a assinar um documento imposto pelo seu novo director, exigindo deles fidelidade absoluta até final do seu mandato.



oriental de uma urbe centenar e que, sobretudo, escondem o fervilhar da vida de uma população orgulhosa de um passado de luta pela independência.

É preciso ir lá e ver, arrepiar-se com aquele formigueiro humano (!), sentir o pulsar, as cores e os cheiros das suas ruas estreitas e vielas, onde o ritmo de uma actividade frenética contrasta com o andamento *pastoso* do trânsito automóvel através de amplas avenidas de quatro a seis faixas de rodagem em cada sentido. É preciso ir lá e ver, admirar-se com o mundo subterrâneo que é a rede de metropolitano, moderna e limpa como poucas (oito linhas!), e deliciar-se com tudo o que lhe oferece aquele que é, indiscutivelmente, o melhor meio de transporte da cidade. É preciso ir lá e ver, receber o sorriso, a simpatia e a solicitude de um povo culto e trabalhador.

Choques

Mas este povo que lê o jornal no «metro» e, finda leitura ou a viagem, o deixa dobrado sobre a prateleira para malas e embrulhos, para que outro *mata* também o tempo com a leitura —

E, contudo, este povo cuja delicadeza de gestos contrasta com a violência com que *martela* os seus tradicionais tambores, símbolos de comunicação num passado sem telefones nem faxes e de comunhão de ideias no tempo da internet, é capaz de enfrentar a polícia com determinação proporcional à violência física com que se esforça por dispersar qualquer movimento de protesto. Em nome da ordem, claro! Argumento de políticos e patrões que continuam a assentar o poder económico na mão-de-obra barata e na imposição de obediência dos subordinados. Se possível cega. E, contudo, orgulham-se governantes e patrões do bom nível de qualificação que ela tem. Talvez, por isso mesmo, continua o povo sul-coreano a suportar, dentro da cidade e no país, a humilhante presença militar estrangeira — mais impressionante do que o aquartelamento das tropas norte-americanas em Seul, talvez só o perímetro militar que os EUA mantiveram no Panamá até ao ano 2000. Talvez por isso também cultiva, no estilo de vida e nos hábitos, até valores que, aparentemente, se opõem aos do nacionalismo e da independência.

Temas da presidência belga

• Ilda Figueiredo

A mudança semestral da presidência da União Europeia lança um conjunto de expectativas relativamente às prioridades do Governo que assume tal responsabilidade. Desta vez coube à Bélgica apresentar um programa que o próprio primeiro-ministro belga considerou ambicioso, dado o momento reconhecidamente difícil que se vive depois do Não irlandês ao Tratado de Nice, mesmo que o procurem

social. Veremos qual o seu efectivo conteúdo. É que é preciso ter presente que, até ao final do ano, será preparado um relatório intercalar a fixar os objectivos e métodos de trabalho no sector das pensões, para ser presente ao Conselho europeu de Laeken, em preparação do Conselho da Primavera de 2002, a realizar em Barcelona, já na presidência espanhola. E a pressa da Comissão Europeia é de tal ordem que, no seu documento intitulado «Apoiar as estratégias nacionais em prol de regimes de pensões seguros e sustentáveis através da abordagem integrada», pretende que em Julho de 2002 os estados-membros já apresentem os documentos estratégicos nacionais, centrando-se nas reformas empreendidas ou previstas, para ir ao encontro dos objectivos comuns. Note-se que estes, segundo a Comissão, deverão passar por um contributo acrescido dos segundo e terceiro pilares, ou seja, dos regimes de pensões profissionais e individuais. Logo, trata-se de reforçar o contributo dos regimes privados à medida que os estados-membros, sob pretexto de necessidade de cumprimento das metas do Pacto de Estabilidade prosseguirem «os esforços de contenção do peso nas

finanças públicas dos encargos crescentes com pensões». Urge, pois, acompanhar e denunciar com a maior veemência o caminho de ataque ao sistema público da segurança social que as instituições da União Europeia estão a preparar para o final do ano, pese embora a crítica da presidência belga. Mais do que nunca, é necessário defender os sistemas públicos e o seu funcionamento na base da solidariedade e da não-discriminação.

Qualidade do emprego

Quanto à qualidade do emprego, que assume particular importância nos objectivos expressos da presidência belga já que afirma «a qualidade do emprego como característica essencial do modelo social europeu», importa ter presente que nem todos falam do mesmo quando se referem a este assunto.

Não se pode negligenciar a quantidade em favor da qualidade, como alguns estados-membros defendem, ou fazer o contrário como em Portugal se tem praticado, nem tão pouco excluir do conceito o valor das remunerações salariais, a luta contra a precariedade, a melhoria das condições de saúde e segurança, a redução do horário de trabalho sem perda de remuneração, a informação e consulta vinculativa dos trabalhadores nos processos de reestruturação, deslocalização e tentativas de despedimento de grupos económicos e multinacionais. Também nesta área vão ser preparados indicadores de qualidade a que importa dar a maior importância, dado que há enormes pressões para que não sejam incluídos no conceito de qualidade de emprego várias componentes essenciais a um verdadeiro emprego de qualidade.

desvalorizar, das pressões dos países da adesão para que os responsáveis comunitários assumam as suas promessas e compromissos, e promovam o alargamento, e das crescentes manifestações de desagrado que as políticas neoliberais provocam nos trabalhadores e em cada vez mais vastos sectores da sociedade. Mas, apesar das declarações do responsável belga, a sensação que fica é que vamos ter mais do mesmo, com a intensificação altamente perigosa da extensão das liberalizações a sectores sociais, para beneficiação dos sectores financeiros e do capital especulativo bolsista, sobretudo através de um ataque frontal ao sistema público da segurança social, sob o título de «reforma do sistema de pensões», embora acompanhada de alguns paliativos que reflectem as preocupações com o crescente descontentamento social.

Reforma do sistema de pensões

Daí que, perante uma proposta da Comissão Europeia que propõe determinar uma percentagem fixa do PIB consagrado às pensões e a fixação das despesas a este nível, o que significaria uma baixa automática das prestações pagas a cada reformado dado o aumento previsível do número de reformados, a presidência belga a tenha criticado insistindo na necessidade do aumento da taxa de emprego, numa passagem mais flexível do pleno emprego à reforma, (o que também pode significar aumento da idade da reforma), e numa reflexão mais profunda da protecção dos empregos atípicos. Igualmente propõe criar novos indicadores, mais multidimensionais e qualitativos, uma espécie de indicadores da coesão



Milhares de manifestantes convergem para Génova

G-8 barricado

Génova acolhe o G-8 em estado de sítio. Instalados num luxuoso navio e protegidos por cerca de 20 mil polícias, os grandes de mundo debatem a globalização.

O paradoxo é total. Alegando «razões de segurança», mas efectivamente para impedir a esperada manifestação de 150 000 pessoas em Génova, contra a globalização, e outras que possam ocorrer no futuro, a União Europeia (UE) tomou nos últimos dias uma série de medidas que reduziram a nada a famigerada «Europa dos cidadãos».

Reunidos em Bruxelas na sexta-feira, os ministros do Interior e da Justiça dos Quinze decidiram proibir, durante vários dias antes de cada cimeira de dirigentes políticos, a saída do seu próprio país de todos os «suspeitos» de provocar perturbações. A medida é ilegal dado que, à excepção da Alemanha e do Reino Unido, onde existe legislação para o efeito, só os tribunais podem coarctar a liberdade de circulação dos cidadãos. Conscientes das dificuldades em aplicar semelhante medida, os ministros acordaram que, por ocasião das cimeiras, o país anfitrião suspenda o Acordo de Schengen, justamente o que consagra a livre circulação no espaço comunitário, à excepção do Reino Unido e da Irlanda.

Não contentes com estas medidas, os Quinze decidiram ainda trocar informações sobre as pessoas que consideram susceptíveis de causar problemas. Ao contrário do que pretendia a Alemanha,

não se trata ainda da criação de um banco de dados comum, para lá se caminha. Mais, os ministros encaram a possibilidade de formar patrulhas comuns para controlar os cidadãos nos países onde se realizem eventos deste tipo.

A Itália inaugura o novo modelo da Europa sitiada para receber o G-8, cujo conclave começa amanhã e decorre até domingo, em Génova.

A Itália inaugura modelo da Europa sitiada para receber o G-8

transformou Génova num autêntico bunker. O centro histórico da cidade, onde se situa o Palácio Ducal, sede das sessões do G-8, foi declarado zona vermelha; blocos de cimento com vedações de mais de quatro metros de altura isolam o local. Segue-se uma zona amarela, mais ampla, igualmente de acesso reservado. Mas não é tudo: a partir de hoje e até domingo, o aeroporto, as estações de caminho-de-ferro, carreiras de barcos e a maior parte dos acessos por estrada à cidade são encerrados, o mesmo sucedendo com o comércio na zona histórica da cidade.

Brigadas antiterrorismo, barcos patrulha, milhares de

Marcha internacional

Sem se deixar intimidar com as restrições ao direito de circulação e manifestação impostas pelas autoridades italianas, o Fórum Social de Génova (FSG) convocou, para além de uma série de debates sobre as consequências da globalização, uma Marcha Internacional a realizar dia 21.

A convite do Partido da Refundação Comunista, que integra a FSG, o PCP e a JCP participam na Marcha com uma delegação de 20 pessoas, entre as quais Ângelo Alves, Miguel Madeira e José Pedro Rodrigues, membros do Comité Central.

Barricados

A reunião de chefes de Estado e de governo do Canadá, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Estados Unidos, Japão e Rússia, juntamente com representantes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Trabalho (OMT),

polícias e soldados fardados e à paisana, mergulhadores no porto de Génova e mísseis terra-ar no aeroporto completam o cenário.

Diz-se que a Itália gastou cerca de 4,5 milhões de contos para garantir o sossego dos representantes do G-8. Dentro da barricada, longe do clamor dos que exigem um mundo mais justo, os problemas do planeta serão discutidos entre o champanhe e o caviar.

Aquecimento global discutido em Bona

Representantes de 180 países iniciam esta segunda-feira, em Bona, Alemanha, uma conferência organizada pelas Nações Unidas (ONU) com o objectivo de discutir o aquecimento global e tentar salvar o Tratado de Kyoto, que regula a emissão de gases causadores do efeito de estufa.

No mesmo dia, a presidente do Parlamento Europeu, Nicole Fontaine, exortou os países industrializados a ratificarem o protocolo de Kyoto até ao final de 2001. «As mudanças climáticas estão actualmente em curso. As suas consequências far-se-ão sentir à escala de todo o planeta. O tempo urge e a comunidade internacional não se pode permitir a um adiamento das medidas a tomar», afirma um texto publicado pela presidência belga.

«A União Europeia fará tudo para que as negociações em Bona sejam coroadas de êxito», acrescenta a declara-

ção, que foi publicada em nome dos chefes de Estado e de governo da UE.

Os quinze «apelam igualmente a todos os outros países, de cada região e de cada hemisfério, para contribuírem efectivamente para a aplicação rápida do protocolo de Kyoto, em função das suas diversas responsabilidades comuns».

O Tratado de Kyoto tem como objectivo a redução de cinco por cento da emissão de gases poluentes causadores de efeitos de estufa e do aquecimento global entre 1990 e 2010. O acordo foi negociado em 1997, na cidade japonesa de Kyoto, entre os Estados Unidos e outros países industrializados.

O tratado precisa de ser ratificado pelos 55 países que são responsáveis por 55 por cento da emissão de gases causadores do efeito de estufa em 1990. Mais de 80 países já assinaram o tratado, mas nenhum dos

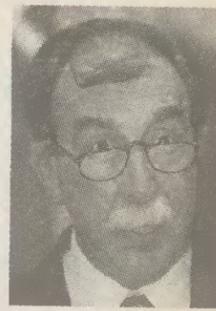
grandes poluidores ainda ratificou o documento.

Este mês, um relatório da ONU mostrou que o planeta está a aquecer mais rápido do que em qualquer outro momento do último milénio. A camada de gases que retém o calor na atmosfera já provocou um aumento médio de 1,5 graus centígrados das temperaturas mundiais e, nos próximos 100 anos, esse ritmo aumentará drasticamente caso a emissão de gases não seja controlada.

Os Estados Unidos são os maiores emissores de dióxido de carbono do mundo, lançando 36,1 por cento do gás que vai para a atmosfera. A União Europeia responde por 24,2 por cento e o Japão, por 8,5 por cento.

Milhares de manifestantes ambientalistas que se opõem à posição norte-americana são esperados na cidade alemã durante as duas semanas de conferência.

A defesa da Língua Portuguesa nos PALOP's e em Timor



• José Sucena (*)

As poucas e esporádicas iniciativas de que os jornais nos dão conta que se vão realizando sobre a língua portuguesa são, por si só, a manifestação da pouca importância que lhe é dada pelos poderes constituídos.

Deixando para trás – pois seria objecto de outra intervenção, seguramente mais longa e preocupante – a necessidade de as escolas ensinarem a falar, hoje mais do que nunca por força das horas diárias que as pessoas estão em frente às televisões, onde normalmente não se fala bem, e da utilização dos equipamentos informáticos onde todo o léxico é em língua estrangeira, vou abordar, sucintamente embora, a urgência em estabelecer uma política estruturada tendente a iniciar, nuns casos, e a aprofundar, noutros, o gosto pela leitura e a divulgar, prioritariamente, a literatura em língua portuguesa nos PALOP's e em Timor, instru-

Quero com isto vincar a grande responsabilidade que cabe a Portugal, enquanto antiga potência colonizadora responsável pela generalização obrigatória do português junto dos vários povos que hoje constituem as nações dos PALOP's, de colaborar no esforço da aprendizagem do português e na divulgação da literatura que se expressa em português.

Em Portugal existem vários institutos com esse objectivo, ao menos aproximado, nas respectivas leis orgânicas.

O papel de Portugal

Sob tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros, há o Instituto da Cooperação Portuguesa, cuja actividade neste aspecto concreto é demais diminuta. Temos, depois, o Instituto Camões vocacionado para a divulgação da cultura portuguesa nos seus variados aspectos, junto dos muitos países onde há comunidades de portugueses e natu-

países que falam o português esquecendo que as pontes servem para constantemente as pessoas de um lado passarem para o outro e vice-versa.

Com tutela do Ministério da Cultura, existe o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas que tem como objectivo desenvolver o gosto pela leitura e divulgar o livro, além de ser de sua responsabilidade a recuperação das bibliotecas públicas respectivo apetrechamento e a formação de bibliotecários, aqui em colaboração mais estreita com as autarquias locais, quer em Portugal, quer nos PALOP's.

Finalmente, há o ICEP que, embora mais vocacionado para a promoção no estrangeiro do comércio e turismo portugueses, tem vindo a entender que o prestígio e o conhecimento de Portugal no exterior também se pode fazer, e deve ser feito, através de iniciativas de carácter cultural como foi o caso das presenças do ICEP nas Feiras do Livro do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Frankfurt, ou na ocasião da entrega do

Prémio Nobel a José Saramago em 1998 em Estocolmo, isto em paralelo e em simultâneo com iniciativas e a presença do Instituto Camões e do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas nos mesmos acontecimentos ou na maioria deles.

Acresce que todos estes institutos são responsáveis por feiras do livro de realização pontual, mas que constituem a única ocasião em que os leitores dos PALOP's têm de facto acesso a livros, quer pela sua diversidade e quantidade, quer pelo preço que os

res de países estrangeiros, há que constituir, porventura no Instituto Português da Cooperação, um departamento que programe e coordene as acções direccionadas apenas aos PALOP's, e a Timor de modo a obter uma melhor utilização dos meios financeiros e humanos disponíveis e a conseguir maior eficácia.

Fomentar a leitura, divulgar o livro

É, então, necessário que o Instituto Camões deixe de ter iniciativas junto dos PALOP's, quedando-se com as restantes responsabilidades, que já não são poucas, junto das comunidades portuguesas; que o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas se confina a um trabalho imprescindível e árduo de fomento do gosto pela leitura, divulgação do livro, apetrechamento e actualização das bibliotecas públicas e formação de bibliotecários em Portugal; e que o ICEP, que até agora não tem conhecido os PALOP's ou Timor no que à cultura se refere, disponibilize alguns meios financeiros, sem prejuízo de continuar a intervir como entidade interessada na divulgação de Portugal nos restantes países estrangeiros também através da cultura.

Esta entidade a quem seria atribuído um objectivo cultural preciso direccionado para a defesa da língua portuguesa, dotada de um orçamento anual de acordo com o programa a desenvolver sem os vícios, e as contradições e os atropelos que hoje imperam entre as existentes, pode desenvolver uma acção de grande mérito e inovadora junto dos PALOP's, e em Timor cooperando estreitamente com os escritores e as editoras e com as entidades públicas que naqueles países são responsáveis pela cultura, promovendo o conhecimento das literaturas e dos autores dos diferentes países através de um programa de distribuição às bibliotecas dos livros que se forem editando em cada um deles e através de conferências com escritores, por ocasião do lançamento de um novo livro, ou de forma programada e sistemática devidamente coordenada entre todos os interessados.

Esta dinâmica e o seu constante reforço com novas ideias e mais iniciativas vai garantir, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Timor, a continuação do português como língua nacional, o aprofundamento do seu conhecimento e vai permitir uma melhor e mais correcta utilização, bem como proporcionar uma maior cooperação e um mais profundo conhecimento entre os povos que falam a nossa língua, além de que ajudará ao desenvolvimento cultural, único caminho de acesso do homem ao conhecimento da sua condição de interveniente fundamental na sociedade e, em consequência, de reforço da sua liberdade.

(*) Intervenção no encontro promovido pelo PCP, a 9 de Julho, em Lisboa, sobre «A língua portuguesa e a sua presença no mundo».



mentos fundamentais na defesa e consolidação do português.

Os contactos que, em consequência do ofício, fui tendo nos países de língua oficial portuguesa levaram-me a concluir sobre a importância do português como elemento agregador da nação que constitui cada um daqueles países.

Na verdade, salvo o caso do Brasil onde a declaração de independência já leva quase dois séculos e por via disso, nos restantes países de língua oficial portuguesa, onde ainda subsistem, e muito bem, as línguas maternas de cada povo que constituem cada uma das nações, não é tanto o Governo, nem o orçamento, nem talvez a bandeira que fazem com que, por exemplo, em Angola, um habitante do Uige e outro do Namibe se sintam angolanos, mas a língua comum – a língua portuguesa – em que ambos se expressam, se relacionam, se entendem e através da qual têm acesso ao conhecimento.

ralmente também nos países onde se fala o português. Com uma visibilidade acentuada, nomeadamente através dos centros culturais, o Instituto Camões mantém em funcionamento bibliotecas próprias de consulta livre e leva a cabo algumas iniciativas interessantes de divulgação da música, do teatro, da escultura e da pintura que se vai fazendo em Portugal, promovendo, aqui e ali, intercâmbios culturais, como, por exemplo, a exposição de pintura e escultura moçambicanas que no ano passado esteve patente nas suas novas instalações.

Também são da iniciativa do Instituto Camões as chamadas “Pontes Lusófonas” de realização esporádica, com custos de centenas de milhares de contos e com uma perspectiva, até agora, de afirmação “patronal” de Portugal, em vez da intervenção e colaboração interessada dos vários agentes culturais de todos os

subsídios tornam menos caros.

Sendo estas as entidades mais vocacionadas e a quem compete a defesa de português e da literatura em língua portuguesa, fica a sensação de ser gente a mais a tratar da mesma coisa, com pouca ou nenhuma coordenação, com programas autónomos, logo com os consequentes gastos em excesso e desvirtuamento de objectivos.

Assim, deve ser reequacionada a forma de ensinar e defender a língua portuguesa, através de uma intervenção sistemática, previamente programada e coordenada para assim se obterem resultados mais eficazes e que perdurem.

Para isso, e além de algumas iniciativas de editoras portuguesas que têm permitido que os autores que escrevem em português sejam editados e lidos nos PALOP's, dando lugar a um conhecimento mútuo das várias literaturas e até o contacto dos leitores com escrito-

• Rogério Feitor

Acção!

Códigos e condutas

O Homem nasce e a aventura começa. Desde que sai da barriga da mãe sente o desconforto da nova situação, sente frio (e, por certo, recorda-se instintivamente do calor interior e anterior) e chora. Inevitavelmente é este o primeiro sinal, a primeira comunicação. Depois, um reflexo claro e uma lâmina corta a sua ligação umbilical e ele segue, segue até que o retorno a uma outra situação permanente seja atingida.

No princípio, estando o meio envolvente espantado com a nossa fragilidade e impotência, tudo nos é dado ao mais pequeno gesto, ruído. Basta chorar ou rir, levantar os braços ou fechar os olhos e imaginar, que tudo se torna realidade. Todos os nossos sinais, por tão primários, são imediatamente compreendidos. Mas o processo não pára. Cientes que não se descobre o mundo, a vida, apenas comendo e dormindo, novos meios são descobertos. Os sons circundantes

começam a ser imitados, depois passa-se para uma utilização inconsciente dos significantes para, com uma análise exaustiva e/ou comparativa, destapar os significados. Num processo artístico e criativo, novos significados são descobertos e significantes criados. A Arte surge-nos então como etapa última do diálogo, mesmo que ainda prisioneira de uma assimilação e compreensão colectivas.

Para Raoul Walsh, realizador norte-americano, códigos e condutas excessivas ou demasiado aprofundadas eram inúteis. Como matemático prático, utilizava sempre o caminho mais curto entre dois pontos, etapas, momentos. Dizia que os seus filmes nada tinham de duplos sentidos e os seus heróis eram solitários porque terrenos. E recusavam todas as situações de conforto porque, para eles, exclusivas contemplações eram obstáculos. Obstáculos à vida, pois o fundamental é viver agindo. É preciso chegar à Acção, aceitar o desconforto como motivador principal do gesto humano. Viver, se necessário, lutando.

A Cinemateca Portuguesa, numa programação acertada, exhibe integralmente a obra de Walsh. Perdê-la seria aceitar regras pré-definidas para a vida. Seria aprisionar a Condição Humana a códigos e condutas inaceitáveis.



Raoul Walsh

Heróis

Ao longo da sua carreira, Raoul Walsh fez mais de 100 filmes, abordando todos os temas desde o musical aos filmes de gangsters, dos westerns às comédias. Inserindo-se em Hollywood porque sabia montar a cavalo, descobriu o cinema pelas mãos do mestre Griffith. Consciente de um erotismo terreno e carnal, os seus filmes descobrem personagens práticas e justas. Num retrato global do herói (masculino, porque quase todos o eram) de Walsh, a certeza é a impulsividade do movimento e a inadaptação à sociedade tal como ela está a mola da revolução individual. Mas Walsh era sábio: sabia que um homem revoltando-se através do cinema não era só de revolução individual que se tratava - era um gesto colectivo, com a força de um cinema que já não se faz.

Falemos de dois filmes inconformáveis: «White Heat» ou «Fúria Sanguinária», o apogeu de um actor e de

um género. Um James Cagney cósmico na interpretação de um psicopata sanguinário, que ouve vozes e é tutelado por uma figura materna vestida de negro, como se o reflexo, a lâmina não tivesse ainda cortado o cordão umbilical. Longe dela, julga arranjar um amigo no seio do seu gang, mas descobre tardiamente que este não é mais do que um polícia em missão legal. Enlouquecido, só, Cagney explode, orgulhoso com o seu sucesso, rodeado de chamas, as labaredas da sua psique. Ou o fogo de um carácter impossível de se aprisionar; «Colorado Territory» ou «Golpe de Misericórdia» é um western, revisita de Walsh a um antigo filme seu. Joel McCrea é um cowboy trintão e solitário que é contratado para um último golpe. A seu lado dois comparsas novos e impetuosos, crianças ainda e uma mulher, uma só - Virgínia Mayo. O herói de Walsh, para compreensão comparativa do significante família, visita regularmente uma onde uma outra mulher, falsa, existe. E apaixona-se, sente-se atraído pelo conforto, pelo engano e sofre. E com ele sofre Virgínia que o ama poeticamente. No fim, perseguido eternamente por pretensos donadores de homens, sacrifica-se com a morena Virgínia, morte e vida e amor simbolizados no mais luminoso toque de mãos do cinema. Para Walsh desistir é impensável. Quando a um gesto está associado o pensamento puro, este deixa de ser físico para passar a ser um raio de luz. Dois filmes que não chegam para descrever uma obra mas que são monumentais. Depois, cada descoberta da obra deste realizador é um golpe profundo na hipocrisia actualmente instalada em todos os meios de Produção Cinematográfica.

Crenças

Raoul Walsh era um aventureiro. Incansável, como demonstra a sua extensa obra. Amante da vida, teve muitas e belas mulheres, incluindo a mítica Gloria Swanson, estrela dos filmes mudos. Perdeu um olho na guerra, fez filmes de propaganda contra o nazismo não deixando de, ao mesmo tempo, atacar instituições e costumes que, à conta da rotina, há muito se tinham tornado obsoletos.

Primava pela acção invés a contemplação. O ambiente circundante ao seu herói esbatia-se perante a sua dimensão trágica, quando não era mesmo assimilado por este. E não acreditava noutra coisa (mas haverá gente que não acredite?) que a Vida era a aventura mais bela, a aventura. A Arte, neste caso o Cinema, como etapa última da comunicação? A Vida, na sua pureza, na sua responsabilidade, na sua oposição de contrários, na sua dialéctica: o gesto e o pensamento humano como único móbil da felicidade.



James Cagney em «White Heat»

Comunicação

• Francisco Silva

Desde que a Internet chegou ao grande público, assim que extravasou para lá do círculo dos especialistas e dos *hackers*, começou a preocupação dos poderes e, por arrastamento, dos estados. Ai que aí estão os conteúdos ilícitos, a pornografia e a pedofilia a atacar os jovens, mesmo as especificações de material explosivo... e a troca grátis e ilícita de conteúdos sujeitos a direitos de reprodução. Como de poucos utilizadores se estava a passar a dimensões de mercado e de controlo social, entendem-se bem estas preocupações.

Agora, quando já se contabilizam em algumas centenas de milhões os utilizadores da Internet em todo o Mundo, as preocupações cresceram e do que sobretudo se fala é do combate ao cibercrime, incluindo, devido à natureza eminentemente global da Internet, da colaboração transfronteiriça – transfronteiriça, um termo afinal bem territorializado! – das diversas autoridades policiais.

Estou plenamente de acordo que o emergir do ciberespaço está a contribuir para uma redefinição dos espa-

Já a caminho o verdadeiro Big Brother?



ços onde as sociedades se manifestam, incluindo aqui as muitas malhas de interconexão. Como consequência, os desafios que se colocam à manutenção da segurança civil das sociedades exigem respostas diferenciadas das anteriores. Mas será que as tendências para a invasão da privacidade dos cidadãos em geral serão uma maneira eficaz e aceitável de actuação?

Vejamos primeiro quais são as medidas em fase de preparação/implementação.

É verdade que certas vozes o tinham vindo, há bastante tempo, a clamar: a protecção da privacidade dos

indivíduos, tal como está – isto é, a impossibilidade das intercepções do tráfego da Internet, das «escutas», ou melhor, das «leituras» –, não confere com a necessária capacidade de uma eficaz intervenção dos organismos policiais para fazerem cumprir a lei.

Portanto, vamos todos fazer como no liberalíssimo Reino Unido já se faz. Vamos dar às autoridades policiais o direito de intercepção e registo das comunicações via *e-mail* e da navegação na *Web*. Vamos obrigar os *ISPs* a instalarem equipamentos de acesso às suas redes para permitir a intercepção do tráfego Internet pelas autoridades policiais. Mais. Aproveitemos a oportunidade e vamos exigir – as autoridades assim se exprimem – a manutenção dos registos do tráfego de telecomunicações, incluindo o da Internet, durante um período de sete anos, para fins de pesquisas governamentais, sem obrigação de ordem por parte dos tribunais (acabemos com esta ineficiência burocrática!).

Avisar a malta

Há uns anos, participei num debate de campanha eleitoral para a AR com José Magalhães, do PS, agora membro do Governo. Este cavaleiro da sociedade da informação afirmou então que tudo o que havia fazer do ponto de vista legislativo para a sociedade da informação já eles o tinham concluído – respondia assim, cheio do vento das suas certezas, em crítica ao facto de ter sido levantada a necessidade de seguir atentamente o desenvolvimento jurídico para esta área. O que dirá

ele agora? Com certeza não irá pintar outra vez a cara de preto, até porque tal debate já terá caído no seu esquecimento.

Quanto à eficácia das medidas, pobre do cidadão que não se pode proteger da intrusão na sua privacidade. Porque se não está protegido da intromissão das autoridades, também não o está em relação a outros, nomeadamente em relação aos especialistas que se dedicam ao cibercrime. E estes, supostos alvos das autoridades policiais, como são especialistas, para além de atingirem a maioria dos cidadãos desprevenidos, conseguem escapar com relativa facilidade à observação das autoridades. Este, um efeito perverso.

De tudo isto, acaba por resultar não apenas um desprezo, tão actual, por direitos e garantias fundamentais dos cidadãos. Resulta também um travão à propalada – pelas autoridades – desejada expansão universal da sociedade da informação, por falta de confiança na utilização dos novos meios de comunicação. E podem ainda resultar aumentos dos preços dos serviços devidos ao aumento dos custos dos fornecedores de acesso à Internet e, em geral, aos serviços de telecomunicações.

Pelo caminho que as coisas levam – a deriva securitária a justificar sempre a gula do verdadeiro Big Brother, todos a serem observados pelas autoridades e não todos a observarem os Zés Marias –, o que é preciso é avisar a malta!

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Quadras em que me enquadro

I
O gesto que a lapa lava
(giz efémero, se mente)
assim caminhas, palavra,
arma, lâmpada, semente.

II
Como nasceu a poesia?
Já a palavra suave
se erguia do pó, e se ia
feita lume, céu e ave.

III
Mesmo longe, estou contigo.
Sementes do teu encanto!
Sou como o vento com trigo
às costas, de canto em canto.

IV
Toda a noite amor teceu
e, levando-me ele, o dia
veio, e não amorteceu
o fulgor da melodia.

V
Disse o amor ao céu: «Traz-me água
já sinto a minha flor ir!»
Veio a chuva, foi-se a mágoa
ficou a terra a florir.

VI
Nenhuns temporais me domem
nos confins de mar a mar
porque não é próprio de homem
obrigar-se a não amar.

VII
«Abre-te Sésamo!» do
ladrão se escutou a voz.
É de um tipo ficar mudo
com a estirpe dos avós...

VIII
Aquela mudança que houve
não matou o berço natal.
Olha a lagarta da couve
se vive sem ser na tal...

IX
Não chega a decoração
pra dar valor ao querer.
Se ele vem do coração
apenas lhe basta crer.

X
Ficou Adão espedado
com Deus sem se comprazer:
– Senhor, então é pecado
fazer vida, com prazer?

XI
Lama que desce do vale
uns pobres campos enluta.
Passar pela vida só vale
quando vivemos em luta.

XII
PCP – Povo: par tido
por tudo ter em comum.
Um, o Povo; outro, o Partido
os dois na História, como um.

Cartoon

• Monginho

SEGUNDO ESTUDO INTERNACIONAL
SOBRE CORRUPÇÃO
PORTUGAL ESTA A NÍVEL MUNDIAL
EM 24º LUGAR,
O QUE NÃO É MAU...!

MAU? NÃO. É ÓPTIMO!
O GUTERRES, MUDA
O GOVERNO OUTRA VEZ
PARA SUBIRMOS
MAIS UM PONTINHO!



Religiões

• Jorge Messias

A aliança do capital com a igreja (IV)

A ordem dinâmica

Atentos às exigências da aceleração da história, os teólogos-capitalistas logo perceberam que a convergência do liberalismo moderno com os mediatismos de uma igreja que se afirma cristã teria de passar por uma *nova ordem* e por metodologias *dinâmicas*, capazes de fazer esquecer os séculos e séculos do imobilismo dogmático da doutrina católica. Foi então que releeram e reinterpretaram um dos teoremas básicos do materialismo histórico: o progresso é mutação e movimento. Traduz-se em formulações sucessivas, cujo sentido é alterar - melhorando - o conhecimento herdado de gerações anteriores. A escola tecnocrática de João Paulo II adopta esta tese marxista do materialismo histórico que transparece, depois, em várias das encíclicas

acção tem um espaço e um tempo limitados. E a hierarquia cometeu erros crassos. Recorde-se o que afirmava, em 1989, Robert Heilbroner, fiel discípulo do cardeal Wojtyła: «Menos de 75 anos depois de ter começado oficialmente, a disputa entre o capitalismo e o socialismo terminou - ganhou o capitalismo!» Afirmação precipitada.

Depois foi o que se viu: a miséria e a violência instaladas na Europa, uma igreja perplexa em busca de si própria, um autoritarismo eclesiástico arrogante mas incapaz de comunicar com os homens. E a noção irrealista de um capitalismo *cristão* naturalmente contraditório, gestor amoral de tecnologias que ele próprio não produziu e eco retórico da multiplicação do lucro e da acumulação da riqueza - um discurso sem dúvida mais velho do que a própria igreja.

Uma ressalva

Uma ressalva, como cumpre fazer. Se a crítica impiedosa deve ser dirigida àqueles que se pavoneiam entre os poderosos, outros cristãos ainda existem que assumem posições solidárias com os ideais de justiça e com os direitos e interesses dos pobres e dos explorados. Esses homens e estas forças ocultam-se dispersos por entre um povo católico que vai perdendo esperança e ideais. Ou que se rende, por culpa dos seus pastores, à magia do dinheiro e do sucesso individual. Quando, enfim, se apercebe da mistificação em que caiu é para si tarde de mais. Há erros sem retorno. E há dogmas que morrem subitamente.

Ainda há poucas semanas, por exemplo, deparámos com uma pequena obra exemplar de um padre católico, o teólogo dominicano suíço Herbert Haag, intitulada «A Igreja Católica ainda tem futuro?». Trata-se de um corajoso trabalho que vem de dentro da própria igreja e a coloca estruturalmente em causa. Pouco interessa que Haag não venha a ser escutado. Ele provou que há católicos capazes de se erguerem e de arriscarem, de deixarem herança válida. Sem relação com o livro mas quase que em paralelo, revistas missionárias continuaram a fornecer números sobre a fome, índices sociais da pobreza e da riqueza e caracterizações da «globalização» do Terceiro Mundo, suficientes para cruamente

desmentirem as leituras oportunistas e distorcidas de Novak e dos seus amigos da Universidade Católica Portuguesa: cresce o número de pobres e miseráveis, aumenta o saldo da doença e da miséria, é cada vez maior o fosso que separa a Europa dos ricos e a África dos pobres. O problema ecológico, da guerra, da droga, da dívida externa, da cidadania, da saúde e dos medicamentos, gera-se na área da distribuição da riqueza e do tráfico de influências. Quatro simples cidadãos norte-americanos - Bill Gates, Paul Allen, Warren Buffett e Larry Ellison - detêm fortunas pessoais equivalentes aos rendimentos de 600 milhões de habitantes da Terra. E a igreja católica continuará a ser, nos próximos decénios, aquilo que hoje é. Reflexo desfocado da injustiça social.



sociais. Mas sem confessar, naturalmente, ter sido o marxismo a fonte alternativa onde fora beber.

Os teólogos oficiais declaram de forma aberrante e grosseira: «A criatividade da mente humana está na origem da ordem democrática e capitalista» (Novak, «A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo», pág. 155). Como é evidente, esta brusca inversão do discurso teológico tradicional choca-se frontalmente com os princípios ortodoxos da confissão católica que assentam na Revelação e nos fatalismos da predestinação da humanidade.

Os teólogos-capitalistas lançaram assim na mesa uma cartada arriscada. O movimento é o oposto do dogma. Mas a igreja age pressionada por compromissos tomados. A

desmentirem as leituras oportunistas e distorcidas de Novak e dos seus amigos da Universidade Católica Portuguesa: cresce o número de pobres e miseráveis, aumenta o saldo da doença e da miséria, é cada vez maior o fosso que separa a Europa dos ricos e a África dos pobres. O problema ecológico, da guerra, da droga, da dívida externa, da cidadania, da saúde e dos medicamentos, gera-se na área da distribuição da riqueza e do tráfico de influências. Quatro simples cidadãos norte-americanos - Bill Gates, Paul Allen, Warren Buffett e Larry Ellison - detêm fortunas pessoais equivalentes aos rendimentos de 600 milhões de habitantes da Terra. E a igreja católica continuará a ser, nos próximos decénios, aquilo que hoje é. Reflexo desfocado da injustiça social.

Pontos Cardeais

Promoções

Armando Vara saiu do Governo de António Guterres com um escândalo às costas - o da Fundação para a Segurança Rodoviária - e regressou ao seu antigo emprego na Caixa Geral de Depósitos (CGD), onde era quadro efectivo e de onde saíra com suspensão de funções para o desempenho de cargos políticos, como está previsto na lei. A lei também previa (e prevê, para qualquer cidadão em iguais circunstâncias) que Armando Vara fosse reintegrado sem perda de direitos, nomeadamente os que dizem respeito à progressão na carreira. Ao que consta, neste ponto a lei não foi cumprida com Armando Vara, que não foi reintegrado na categoria profissional a que tinha direito se tivesse progredido normalmente na carreira através do exercício efectivo de funções: foi reintegrado, sim, mas num lugar de topo na administração.

Pelos vistos, Vara não foi reintegrado - foi promovido *ad hoc*. Em nome de quê, pode saber-se?

Por serviços prestados à CGD não foi, com certeza, dado lá não trabalhar há uma data de anos...

Só se foi pela sua passagem pelo Governo. Se o critério foi esse, é caso para dizer que o escândalo persegue Armando Vara...

Pressas

Pedro Santana Lopes anda tão sôfrego com a sua candidatura à Câmara Municipal de Lisboa, que já realizou um comício de pré-campanha. E mais uma vez se confirma que quanto mais depressa mais devagar: o comício foi um fiasco de tal ordem

que as televisões, condóidas, só mostraram planos apertados com meia dúzia de rostos. Mas não perdeu tudo, o Pedro: em contrapartida, teve largo tempo de antena nos mesmos canais televisivos, o que lhe permitiu transformar um comício sem gente numa arenga a nível nacional. É obra...

Promessas

Aproveitando o tempo de antena no tal comício sem gente mas com muitas câmaras de televisão, Santana Lopes prometeu «devolver Lisboa aos lisboetas», nomeadamente fazendo regressar à cidade «as 250 mil pessoas que se mudaram para os arredores nos últimos anos». Isto sim, é obra e da grande. Só resta saber onde vai o Pedro buscar dinheiro para realojar um quarto de milhão de pessoas.

Descréditos

«Durão Barroso é irresponsável quando diz que vota contra este Orçamento sem o conhecer. É um descrédito para a democracia!», trovejou há dias Daniel Campelo, presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, deputado recém-independente do CDS/PP e creditado democrata especializado em viabilizar Orçamentos com negócios de queijos.

Acontece que o mesmo Daniel Campelo já se mostrou disponível para viabilizar, com o seu voto de deputado recém-independente, o novo Orçamento de Estado. E acontece, ainda, que Daniel Campelo também não conhece o futuro Orçamento...

Afinal, onde ficamos, quanto a irresponsabilidades e descréditos?

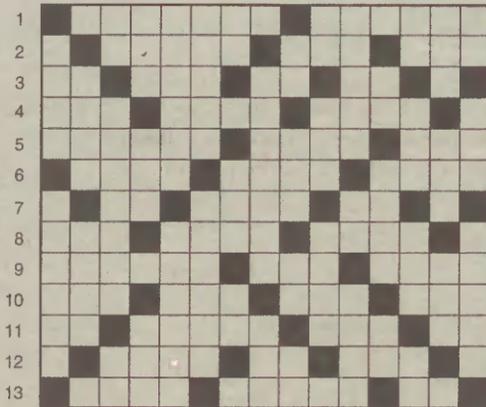
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Ancorar; relativo ao correio. 2 - Animal aracnídeo de pequenas dimensões (alguns microscópicos), que parasitam os animais e provocam no homem a sarna e alergias; anuência; o m. q. eiró. 3 - Avenida (abrev.); escudeiro; medida itinerária chinesa; bismuto (s.q.). 4 - Meio e modo de locomoção (das aves, insectos, morcegos, aeroplanos, etc.), através do ar; quartos traseiros dos animais; deserto. 5 - Que padece de albinismo; cavalo de pelagem cor de ouro; caminha. 6 - Completo; sara; carne de porco ensacada em tripa de intestino grosso. 7 - Caminhava; re. de fotografia; observa. 8 - Aqui está; rosto; antigo instrumento musical de cordas. 9 - Lotar; monarca; espírito. 10 - Suf. nom., de origem grega, que exprime a ideia de filiação, descendência; pertencente à minha pessoa; certamente; contr. da prep. a com o art. def. o (pl.). 11 - Contr. do pron. pess. compl. me com o pron. pess. o; boldrié; emissão de voz; batráquio anfíbio aquático, anuro, da família dos ranídeos. 12 - Receio; atmosfera; dez vezes cem. 13 - Planta trepadeira da família das araliáceas; cada um dos cinco escudos das armas de Portugal; carta de jogar.

VERTICAIS: 1 - Planta leguminosa hortense de semente comestível; o conjunto das velas náuticas ou o conjunto das velas de um navio. 2 - Forma internacional de vóltio; elemento químico metálico, sólido, com o símbolo I, mas ou menos parecido com a plumbagina, e que se sublima a baixa temperatura, produzindo vapores de cor violeta e que pertence ao grupo dos halogéneos. 3 - Espádua; pessoa que toca oboé; a mim. 4 - Vazia; partida; possuir. 5 - Da raia; estrato. 6 - A soberania; a parte mais grossa que se separa da farinha depois da primeira peneiração. 7 - Contr. da prep. a com o art. def. o; coloração da face; designa dor, admiração, repugnância (interj.). 8 - Trabalhar; nocivo. 9 - Sétima nota da escala musical; caixilho de madeira; prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações, sorri. 10 - Nome da letra grega que corresponde ao P latino; emprega-se para excitar ou animar (interj.); Jurássico inferior. 11 - A parte mais alta do braço humano; contempler; adição. 12 - Transitar; barba que se deixa crescer na parte inferior do queixo; terceira nota da escala musical. 13 - Planta liliácea da China; ovário dos peixes; fileira; naquele lugar. 14 - Espécie de sapo da região do Amazonas; camareira; maior. 15 - Tecido fino como escumilha; cordel delgado; casa muito grande.

SOLUÇÃO: HORIZONTAIS: 1 - Aportar postal. 2 - Acaar; sim; inq. 3 - Av; a; h; b; i. 4 - Av; a; h; b; i. 5 - Av; a; h; b; i. 6 - Av; a; h; b; i. 7 - Av; a; h; b; i. 8 - Av; a; h; b; i. 9 - Av; a; h; b; i. 10 - Av; a; h; b; i. 11 - Av; a; h; b; i. 12 - Av; a; h; b; i. 13 - Av; a; h; b; i. 14 - Av; a; h; b; i. 15 - Av; a; h; b; i. VERTICAIS: 1 - Fava; velame. 2 - Volt; ida. 3 - Pay; obolista; mc. 4 - Oca; ida; ter. 5 - Ralato; camada. 6 - Ralato; camada. 7 - Ralato; camada. 8 - Ralato; camada. 9 - Ralato; camada. 10 - Ralato; camada. 11 - Ralato; camada. 12 - Ralato; camada. 13 - Ralato; camada. 14 - Ralato; camada. 15 - Ralato; camada.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

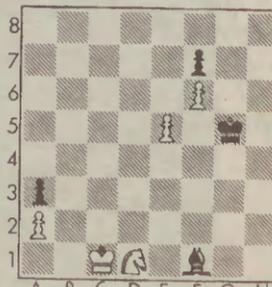


Xadrez

DCCCV - 19 DE JULHO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001X23

Por: A. Troitzky
«Deutsche Schachzeitung», 1911

Pr.: [4]: Ps. a3, f7 - Bf1 - Rg5
Br.: [5]: Ps. a 2, f6 - Cd1 - Rç1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001X23 [A.T.]
1. e6l, Rf6; 2. Cc3, Bh3 [e2/d3/h5/a6];
3. Cd5+, R#6; 4. Cf4 [g7] e.g.

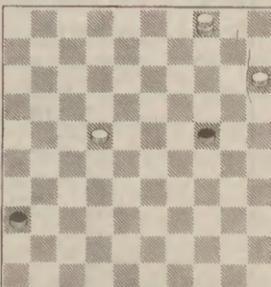
A. de M. M.

Damas

DCCCV - 19 DE JULHO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001D23

Por: Leo Springer
NL., 1972

Pr.: [2]: 24-36
Br.: [3]: (4)-15-23



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001D23 [L.S.]
1. 15-10 (24-29); 2. 10-5=D, (29-33);
3. 5-371, (36-41*); 4. 37x46, (-);
5. 22-18... +
1. ..., (36-41); 2. 10-5=D +

A. de M. M.



Juventude CDU



Acampamentos da Juventude CDU

Em VILA NOVA DE MILFONTES

Acampamento Regional de Beja
Dias 20, 21 e 22 de Julho
Informações: Centro de Trabalho do PCP de Beja (Márcio ou Rodrigo)

Na Mata de MONTE GORDO

Acampamento Regional de Faro
Dias 27, 28 e 29 de Julho
Praia - Convívio
Animação Musical - Festival de bandas - Workshop de malabares
Teatro - Visitas guiadas - Teatro
Informações e inscrições:
tel. 289805734

No Parque de Campismo de MELIDES

Acampamento Regional de Setúbal
Dias 20, 21 e 22 de Julho
Concerto - Debates - Desporto
Informações: tel. 265521180

Braga

Concurso de Bandas «Avante Minho 2001».
- selecção da banda que actuará no Palco da Juventude
Praça Santiago em Guimarães - Sábado às 21h.

Coimbra

Jantar comemorativo do final do ano lectivo promovido pela JCP Coimbra.
CT do PCP - hoje, quinta-feira, às 20h.

Damaia

Inauguração da «Garagem» da JCP Damaia - música ao vivo.
CT do PCP - Domingo das 15 às 20h.

Sintra

Sessão de cinema com o filme «El Che, o Revolucionário», promovida pela Juventude CDU Sintra.
CT do PCP de Algueirão - Sábado às 21h30.

Torres Novas

Debate e música ao vivo pelos 80 anos das Juv. Comunistas, promovido pela JCP Torres Novas.
CT do PCP - Sábado às 21h30.

Iniciativas integradas na Campanha de Fundos promovida pela JCP de Santiago do Cacém

- Vila Nova de Santo André, sábado, 21 - Concerto: «The Sounds of Freedom».
- Pavilhão do Estrela, sábado, 21h30 - Bandas jovens, música de intervenção e malabarismo.
- CT do PCP de Santiago do Cacém, sábado, 21h30. - Café Concerto «Noite ao Rubro».
- Sines, frente ao Castelo, quarta-feira, 25. - Café Concerto da JCP Sines.

Carlos Carvalhas

Além das apresentações de candidatos da CDU em que participará, em destaque nesta página, o secretário-geral do PCP estará ainda presente nas seguintes iniciativas públicas do PCP:

Hoje, integrando a delegação do Partido que visita às 11h o Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, no quadro das preocupações do PCP no que toca à defesa do Património.

Hoje ainda, cerca das 19h30, numa visita à Festa do Associativismo e às Tasquinhas das freguesias rurais do concelho de Peniche, em Ferrel.

Domingo, dia 22, às 17h, Carlos Carvalhas visita em Odemira a FACECO - Feira de Actividades Culturais e Económicas do Concelho de Odemira, e a partir das 20h a Feira de Santiago, em Setúbal.

Quarta-feira, dia 25, visita cerca das 21h às Festas de Loures.

Plenário em Sarilhos Pequenos

Para prosseguir a discussão de aspectos das eleições autárquicas na freguesia, reúnem-se no próximo sábado em plenário os camaradas de Sarilhos Pequenos - a partir das 16 horas, no Centro de Trabalho local e com a participação de Valdemar Santos.

Para dia 29, domingo, está a ser organizado um almoço-convívio no Centro de Trabalho.

Deputado do PCP em visita ao Algarve

Bernardino Soares desloca-se hoje ao Algarve, em visita a estabelecimentos de saúde da região.

Depois de uma primeira reunião no Centro de Saúde de Loulé com a respectiva Direcção, às 9 e 30, estará com idêntico objectivo às 11 e 30 no Hospital do Barlavento Algarvio e às 16 horas no Hospital de Faro, participando às 18 e 30, no Centro de Trabalho do PCP de Faro, numa conferência de imprensa sobre estes contactos e as questões da saúde no distrito.

Plenários de Lisboa

Realiza-se na próxima terça-feira, dia 24, um plenário de militantes da organização dos bancários de Lisboa, sobre a situação política e tarefas decorrentes. A partir das 17 horas, no Centro de Trabalho Vitória, com a participação do camarada Carlos Grilo.

O sector dos Arquitectos, Artistas Plásticos e Designers do SI da ORL tem agendado um plenário para hoje, quinta-feira, às 19h, no Centro de Trabalho Vitória.

Debate em Alhos Vedros

Um debate sobre questões da Saúde com a participação dos médicos Joaquim Judas, Sónia Vaz e Raul Coelho terá lugar amanhã, sexta-feira, com início às 21h30, na Capela de Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros.

Sector de Transportes da ORL

NOITE CUBANA

no 48.º aniversário do 26 de Julho, de solidariedade com a Revolução cubana

Dia 27 a partir das 20h no Terraço do Vitória com a presença de do Emb. de Cuba, Reinaldo Calviac e de José Casanova
Música e bebidas cubanas



CDU apresenta candidatos no Algarve, com a participação de Carlos Carvalhas

FARO

Sábado, dia 21, 20h - Instituto da Juventude
Jantar de apresentação do cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Faro

ALBUFEIRA

Domingo, dia 22, 13h - Restaurante «Lores», Olhos de Água
Almoço de apresentação dos candidatos da CDU aos órgãos municipais de Albufeira
Também com a participação de Isabel de Castro, do Partido Ecologista «Os Verdes»

ÁGUEDA

Segunda-feira, dia 23, 18h,
no Salão de Caça do Parque Municipal de Alta Vila
Apresentação dos cabeças de lista da CDU à Câmara e Assembleia Municipal de Águeda

CAMPO MAIOR

Sábado, dia 21, 18h30, no Salão da CURPI
Apresentação da candidata da CDU à presidência da Câmara Municipal de Campo Maior
Com a participação de Luísa Araújo

MOGADOURO

Sábado, dia 21, 13h, no Restaurante «Primavera»
Apresentação da candidatura da CDU à Câmara e Assembleia Municipal de Mogadouro
Com a participação de José Brinquete

VILA DO CONDE

Quinta-feira, dia 19, 17h30, no Restaurante «Barca»
Apresentação dos primeiros candidatos da CDU à Câmara, Assembleia Municipal e Assembleia de Freguesia

Freguesia de CAMPO/Valongo

Sábado, dia 21, 21h - na Junta de Freguesia de Campo
Apresentação pública do primeiro candidatura da CDU à Assembleia de Freguesia

Freguesia de FUZETA/Olhão

Sexta-feira, dia 20, 20h - no Restaurante «Flor do Burguel»
Jantar de apresentação dos candidatos da CDU à Assembleia de Freguesia



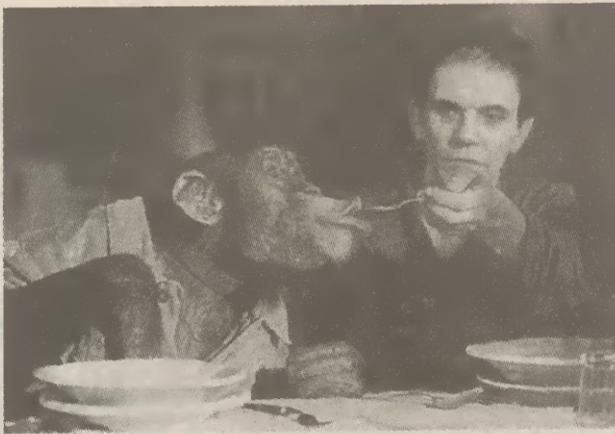
Coligação Amar Lisboa

Freguesia de CARNIDE/Lisboa

Segunda-feira, dia 23, 19h30 - na Escola Primária do Bairro Padre Cruz
Apresentação pública da primeira candidatura da Coligação Amar Lisboa à Assembleia de Freguesia
com a participação de António Abreu, Adão Barata e José Araújo

ATVer

Em *Underground - Era Uma Vez um País* Kusturika continua a abordar, pelo absurdo, as grandes contradições e dramas que têm dilacerado a Jugoslávia e os Balcãs



Underground - Era Uma Vez um País

(Quinta-feira, 19.07.01, RTP-2)

Com este filme, o realizador jugoslavo Emir Kusturika conquistou em 1995 a sua segunda Palma de Ouro no Festival de Cannes (a primeira ganhara-a 10 anos antes com *O Pai foi em viagem de negócios*), confirmando a sua consagração no cinema europeu. Sempre num registo entre o irónico e o sarcástico, em *Underground - Era Uma Vez um País* Kusturika continua a abordar, pelo absurdo, as grandes contradições e dramas que têm dilacerado a Jugoslávia e os Balcãs, utilizando uma engenhosa adaptação da platónica Alegoria da Caverna para nos dar a

Street, de Wes Craven, que lançou às plateias ávidas de emoções fortes o grotesco Freddy Krueger, um psicopata desfigurado que atacava adolescentes com lâminas incrustadas numa luva mas... apenas através dos seus sonhos, enquanto dormiam! A inverosimilhança da personagem e da situação dramática não impediu que o filme se transformasse num sucesso estrondoso e num filme de culto no género. As sequelas limitaram-se a explorar o filão até o exaurir.

António, um Rapaz de Lisboa

(Sábado, 21.07.01, RTP-2)

Crónica urbana de Jorge Silva Melo sobre a trajectória de um jovem no limiar dos 30 anos a braços com problemas actuais: frustrações profissionais, desencontros afectivos, alienação com passagem pela toxicodpendência. Com Manuel Wiborg, Sylvie Rocha, Lia Gama, Marco Delgado, entre outros.

Nikita, Dura de Matar

(Domingo, 22.07.01, RTP-1)

O realizador francês Luc Bresson confirmou mais uma vez o seu talento e originalidade ao construir, em 1990, este *Nikita, Dura de Matar*, um trepidante thriller sobre uma jovem marginal que a Justiça condena à morte pelo assassinio de um polícia mas que os serviços secretos «resgatam» em segredo, para a transformarem - através de sofisticadas técnicas de condicionamento psicológico - numa assassina profissional por conta do próprio governo...

Homens e Lobos

(Segunda-feira, 23.07.01, RTP-1)

Do veterano cineasta italiano Giuseppe De Santis (autor, por exemplo, de *Arroz Amargo*, um título que ficou na história do cinema neo-realista italiano), este *Homens e Lobos* é uma boa revisitação a esse importante período do cinema europeu, contando a progressiva remissão de um vagabundo mentiroso e sedutor que começa por se fazer passar por caçador de lobos nas inóspitas montanhas de Itália e acaba a tomar conta da família do rival que procurara tripudiar, entretanto tragicamente morto pelos lobos. Interpretações impressionantes da italiana Silvana Mangano, do francês Yves Montand e do mexicano Pedro Armendariz, todos muito populares na época.

Imperdoável

(Quarta-feira, 25.07.01, RTP-1)

Produzido, realizado e interpretado por Clint Eastwood (à frente de um elenco onde pontificam igualmente Gene Hackman, Morgan Freeman e Richard Harris), *Imperdoável* é um western magistral realizado em 1992, onde o autor desconstrói as referências do género que lhe deram fama e proveito no seu início de carreira como actor (o pistoleiro duro e infalível que mata os maus com um sorriso nos lábios...) para erguer uma obra densa, sombria e simultaneamente telúrica, onde o Oeste selvagem não é habitado por impolutos justiceiros mas por selváticas lutas de poder, onde a sobrevivência é a questão central. Ganhou, com justiça, vários óscares.

Quinta, 19

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Futebol de Praia
15.60 Vidas Cruzadas
16.30 Privilégio de Amar
18.05 Meu Pé de Laranja-Lima
18.55 Quebra-Cabeças
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Bastidores
21.30 Benny Hill
22.30 Grande Repórter
23.30 Noites de Verão
01.10 24 Horas
01.40 «A Salvação de Grace» (de Costa Botes, Can/1997, com Kirsty Hamilton, Jim Moriarty. *Drama*)

VRTP2

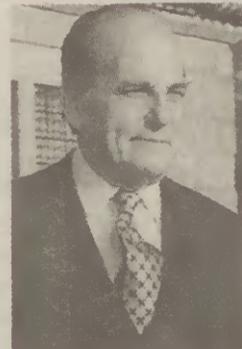
07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 O Tal Canal
15.00 Volta a França em Bicicleta
16.30 Informação Gestual
17.30 Cidade Louca
18.00 3º Calhau a Contar do Sol
18.30 Informação Religiosa
19.00 Andamentos
19.30 Hugo
20.00 Viver no Campo
20.40 Sabrina
21.50 RTP Economia
22.30 Jornal 2
23.00 Artigo 37
00.30 «Underground - Era Uma Vez um País» (de Emir Kusturika, Fr-Alem-Hung/1995, com Miki Manojlovic, Lazar Ristovski. *Ver Destaque*)

VSIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem



«Sinaís do Tempo», apresentado por Vasco Trigo, distingue-se por regra pela selecção e tratamento de temas



O Prof. Saraiva, que prossegue a sua «volta a Portugal» mesmo no Verão

16.20 New Wave
17.00 Estrela Guia
18.00 Um Anjo Caiu do Céu
19.30 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.30 Serafim Saudade - O Regresso do Herói
22.00 Porto dos Milagres
23.30 O Bar da TV
24.00 «Tentação Perfeita» (de Lyndon Chubbuck, 2000, com Kiefer Sutherland, Rebecca de Mornay, Dana Delany, Adam Baldwin. *Thriller*)
02.00 Portugal Radical

VTVI

08.30 Tiro e Queda
09.30 Animação
12.15 Bora Lá Marina
13.00 TVJ Jornal
14.00 112
15.00 Chiquititas
16.00 Batatoon
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
22.00 Olhos de Água
23.00 «Teia Assassina» (de Gail Harvey, EUA/1995, com Adam Baldwin, Ben Cross. *Thriller*)
00.40 Que Loucura de Família

Sexta, 20

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Privilégio de Amar
18.05 Meu Pé de Laranja-Lima
18.55 Quebra-Cabeças
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Bastidores
21.55 Benny Hill
22.30 Histórias da Noite
23.00 «Nascido para Matar» (de Stanley Kubrick, EUA/1987, com Matthew Modine, Adam Baldwin, Vincent D'Onofrio. *Ver Destaque*)
01.10 24 Horas
01.40 «Pesadelo em Elm Street» (de Wes Craven, EUA/1984, com John Saxon,

Sábado, 21

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.25 Scarlett
15.25 Futebol de Praia
17.30 «Mesmo a Tempo» (Longo Metragem)
19.00 Alves dos Reis
20.00 Telejornal
20.55 Futebol - F.C. Porto-PSG
23.00 Sábado à Noite
00.30 Lei Marcial
01.15 24 Horas
01.35 Máquinas
02.35 «Gritos no Silêncio» (de Avery Crouse, EUA/1996, com Kathleen York, Karen Black, Ed Nelson. *Drama*)

VRTP2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta



A equipa de «Planeta Azul», coordenada por Pedro Oliveira

Ronee Blakley, Amanda Wyss, Robert Englund. *Ver Destaque*)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.10 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
14.30 Volta a França
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Cidade Louca
18.00 3º Calhau a Contar do Sol
18.30 Informação Religiosa
19.00 Pontos de Fuga
19.30 Hugo
20.00 Viver no Campo
20.30 Sabrina
21.00 Personagens
22.30 Jornal 2
23.10 Dharma e Greg
24.00 Um Café no Majestic
01.00 Jazz a Preto e Branco
02.00 «O Casal» (de Carl Dreyer, Suécia/1945, com Georg Rydeberg, Wanda Rothgardt. *Drama*)

VSIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.00 New Wave
16.45 Estrela Guia
18.00 Um Anjo Caiu do Céu
19.30 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.00 Porto dos Milagres
23.20 O Bar da TV
24.00 «Marcas de Bítão» (de Andy Walk, EUA/1992, com James Belushi, Lorraine Bracco, Tony Goldwyn. *Thriller*)
02.00 Cinemania
02.30 Portugal Radical

VTVI

08.30 Tiro e Queda
09.30 Animação
12.15 Olhó Vídeo
13.00 TVJ Jornal
14.00 112
15.00 Chiquititas
16.00 Batatoon
18.15 Olhó Vídeo
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Futebol
23.00 Olhos de Água
24.00 «A Confissão» (de David Jones, EUA/1999, com Alec Baldwin, Ben Kingsley, Amy Irving. *Thriller*)
02.00 «O Último Suicídio» (de Stephen Ray, EUA/1997, com Keanu Reeves, Thomas Jane, Claire Firlani. *Drama*)
03.10 Que Loucura de Família

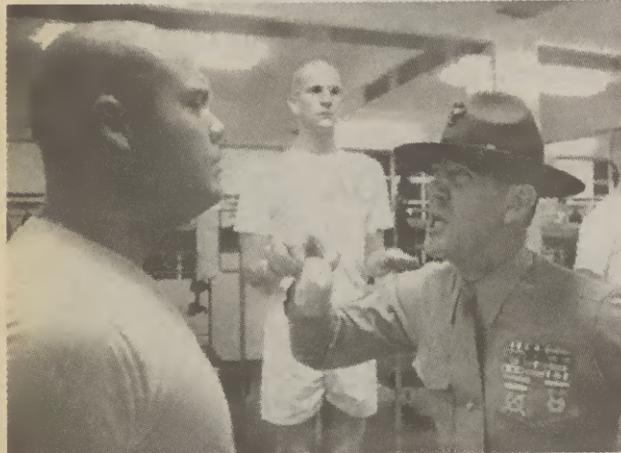
12.00 Iniciativa
14.00 Programa não designado
17.00 Desporto 2
19.00 «António, Um Rapaz de Lisboa» (de Jorge Silva Melo, Port/1999, com Manuel Wiborg, Sylvie Rocha, Lia Gama. *Ver Destaque*)
21.00 Horizontes da Memória
21.30 Bombordo
22.00 Jornal África
22.30 Jornal 2
23.00 O Lugar da História
24.00 Britcom
01.40 «A Vida Sonhada dos Anjos» (de Eric Zanca, Fr/1998, com Élodie Bouchez, Natacha Régnier. *Drama*)

VSIC

07.00 Zip Zap
11.15 Dá-lhe Gás
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Walker, O Ranger do Texas
15.00 «Confusão a Dois» (de David Beard, EUA/1988, com George Newbern, Leslie Hope. *Comédia*)
16.30 «Amor Louco» (de Antonia Bird, EUA/1995, com Drew Barrymore, Chris O'Donnell, Joan Allen. *Comédia*)
19.10 Mundo Vip
20.00 Jornal da Noite
21.20 Maluco do Riso
21.50 Cuidado com as Aparências
22.30 Miss Mundo Portugal 2001
00.30 Sexappeal
01.50 «Os Olhos da Serpente» (de Brian De Palma, EUA/1998, com Nicholas Cage, Gari Sinise, Carla Gugino. *Thriller*)
02.30 Portugal Radical

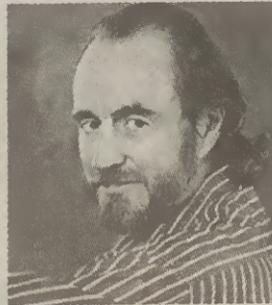
VTVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVJ Jornal
14.00 Contra-Ataque
14.45 4º a Fundo
15.00 Caras Lindas
16.45 Olhó Vídeo
17.30 «Austin Powers - O Agente Misterioso» (de Jay Roach, EUA/1998, com Myke Myers, Elizabeth Hurley, Michael York, Mimi Rogers. *Comédia*)
19.30 Futebol
21.30 Jornal Nacional
22.30 Olhos de Água
23.30 Tentação
00.30 Lux
01.20 Culpa Formada



Em poucos meses, a RTP passa pela segunda vez *Nascido para Matar*, de Stanley Kubrick. Não é que o filme e o autor não o mereçam mas, que diabo!, há outros filmes de mestre Kubrick que o público bem gostaria de ver...

Robert Englund (à esquerda) interpretou e Wes Craven (à direita) realizou *Pesadelo em Elm Street*, que se tornaria um filme-culto do cinema de terror com e para adolescentes. As sequelas exauriram o filão



delirante história de um grupo de *partisans* jugoslavos que se refugiam numa cave em 1941, para dali fabricarem armamento necessário para resistir à ocupação nazi e que lá se conservam até aos nossos dias, sempre a fabricar armas, sem saberem que a guerra terminara e ignorando que estão a ser explorados por companheiros com «ligação ao exterior» que, na actualidade, fazem fortunas vendendo as armas para a guerra fratricida da Bósnia...

Nascido para Matar

(Sexta-feira, 20.07.01, RTP-1)

Em poucos meses, a RTP passa pela segunda vez *Full Metal Jacket - Nascido para Matar*, de Stanley Kubrick. Não é que o filme e o autor não o mereçam mas, que diabo! há outros filmes de mestre Kubrick que o público bem gostaria de ver, e alguns até nunca passaram na televisão portuguesa, como é por exemplo o caso de *A Laranja Mecânica* ou *Barry Lindon*, para não falarmos da última obra, *De Olhos Bem Fechados* ou de outras que raramente se vêem, como *Shining*. Os cinéfilos agradeceriam...

Pesadelo em Elm Street

(Sexta-feira, 20.07.01, RTP-1)

Os anos 80 foram pródigos, nos EUA, em filmes de terror com e para adolescentes, tal a popularidade deste género entre o público mais jovem do país (o mais numeroso do mercado), ao ponto de cada novo sucesso dar origem a infundáveis sequelas, geralmente cada uma pior que a anterior. Foi o caso deste *Pesadelo em Elm*

Domingo, 22

- VRTP1**
 07.30 Infantil/Juvenil
 12.30 Planeta Azul
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Futebol de Praia
 16.00 Made in Portugal
 17.00 Tourada - Corrida TV Norte
 17.45 Futebol de Praia - Portugal-França
 20.00 Telejornal
 21.10 Estação da Minha Vida
 22.05 Jag - Em Nome da Justiça
 23.00 Teledependentes
 23.45 «Armadilha Mortal» (de Sidney Lumet, EUA/1982, com Michael Caine, Christopher Reeve, Dyan Cannon. *Suspense*)
 02.00 24 Horas
 02.20 «Eastside» (de Lorena David, EUA/2000, com Mario Lopes. *Terror*)

Segunda, 23

- VRTP1**
 07.30 Infantil/Juvenil
 09.30 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 15.30 Vidas Cruzadas
 16.30 Privilégio de Amar
 17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
 18.55 Quebra-Cabeças
 19.30 Regiões
 20.00 Telejornal
 21.00 Sorte Grande
 23.00 Programa não designado
 00.10 24 Horas
 00.40 «Iluminata» (de John Turturro, EUA/1998, com John Turturro, Katherine Borowitz, Susan Sarandon, Christopher Walken. *Comédia*)
 02.30 «O Caçador de Sonhos» (de Ed Radtke,

Terça, 24

- VRTP1**
 07.30 Infantil/Juvenil
 09.30 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 15.30 Vidas Cruzadas
 16.30 Privilégio de Amar
 18.05 Meu Pé de Laranja-Lima
 18.55 Quebra-Cabeças
 19.30 Regiões
 20.00 Telejornal
 21.05 Bastidores
 21.55 Crime Perfeito
 23.00 «Cães Adormecidos» (de Charles Finch, EUA/1991, com Dylan McDermott, Tom Sizemore, Sharon Stone, Mary Woronov. *Suspense*)
 01.20 24 Horas
 01.50 Bandas Fabulosas
 02.35 «O Lago dos Zombies» (de Jean Rollin, Fr-Esp/1980,

Quarta, 25

- VRTP1**
 07.30 Infantil/Juvenil
 09.30 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 15.30 Vidas Cruzadas
 16.30 Privilégio de Amar
 17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
 18.55 Quebra-Cabeças
 19.30 Regiões
 20.00 Telejornal
 21.05 Bastidores
 21.55 Benny Hill
 22.30 «Imperdoável» (de Clint Eastwood, EUA/1992, com Clint Eastwood, Gene Hackman, Morgan Freeman, Richard Harris. *Ver Destaque*)
 00.10 24 Horas
 00.40 «Dr. Lucille - A História de Lucille Teasdale» (de Georges Mihalka, Can/2000, com Marisa Orsini, Massimo Ghiri, Louis Gosset Jr. *Drama. Biográfico*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Euronews
 11.10 Espaço Infantil-Juvenil
 14.00 A Emergência da Reforma
 15.00 Volta a França em Bicicleta
 16.30 Informação Gestual
 17.30 Cidade Louca
 18.00 3º Calhau a Contar do Sol
 18.30 Informação Religiosa
 19.00 Onda Curta
 19.30 Espaço Infantil
 20.30 Sabrina
 21.00 Milongo
 22.30 Jornal 2
 23.20 Amor Ferido (Telefilme)
 00.20 Sinais do Tempo
 01.20 O Reino

- VSIC**
 08.00 Buêré
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.00 A Viagem
 16.00 New Wave
 16.45 Estrela Guia
 18.00 Um Anjo Caiu do Céu
 19.30 Ganância
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Imagens Reais
 22.00 Porto dos Milagres
 23.20 O Bar da TV
 24.00 «Espírito do Sol» (de Michael Cimino, EUA/1996, com Woody Harrison, Anne Bancroft, Talisa Soto. *Drama*)
 02.35 Rotações

- VTVI**
 08.30 Tiro e Queda
 09.30 Animação
 11.45 Olhó Vídeo
 13.00 TVI Jornal
 14.00 112
 15.00 Chiquititas
 16.00 Batatoon
 18.15 Olhó Vídeo
 19.00 Super Pai
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Bora Lá Marina
 22.00 Olhos de Água
 23.00 «Uma Estranha Viagem» (de Tommy Lee Wallace, EUA, com Jacqueline Bisset, Theresa Russell, Nick Mancuso. *Policia*)
 01.00 Ally McBeal
 02.10 Que Loucura de Família
 03.50 Rescure 77

TVisto
 Correia da Fonseca
A outra implosão

Passado fim-de-semana, a programação da TVI, estação que detém agora o recorde de audiências, foi totalmente dominada pelo casamento da Marta e do Marco mais os seus preliminares mais próximos. Não faço a ninguém a ofensa de supor que não sabe quem são o Marco e a Marta, figuras nacionais de uma projeção só igualada pelo Zé Maria, o de Barrancos. E desde já quero avisar que não tenho nada contra a Marta, nem contra o Marco, nem contra o Zé Maria. Nem sequer

tornaram «obrigatórios» para noivas atualizadas, aquele exemplo há-de ter sido muito edificante: suspeito de que, a partir de agora, não faltarão por esse país fora cabecinhas a sonharem com um casamento pelo menos parecido com o da Marta. Há-de haver quem o pague, ainda que para isso sejam os pais a endividarem-se por muitos anos e maus, isso é o menos. Arriscar-me-ia mesmo a dizer que em grande parte dos casos até o noivo é o menos. O que importa, isso sim, é o vestido, é a quinta para o copo de água, é se possível a lua de mel em lugar que seja ou pareça invejável. E não levemos as pequenas muito a mal: é a televisão a ensinar-lhes que esses são agora os valores dominantes. E se, como disse um dia o sábio dr. Rangel, a TV «vende» presidentes como sabonetes, por que não há-de «vender» dívidas como imperiais em tarde estival?

Um ininterrupto soro

Ora, acontece que isto me parece extremamente grave, e talvez não o pareça só a mim. Não tenho pelo que é, entenda-se, como por aquilo de que é claríssimo sinal: o desmoronamento já em adiantada fase daquilo a que se chamou talvez com excessivo optimismo «civilização europeia». Tanto se fala ainda de qualquer coisa que terá «implodido» lá para o Leste e, contudo, poucos parecem reparar em que os valores civilizacionais de que andámos a orgulharmo-nos na Europa encontraríamos desenvolvimentos mediáticos na TV inteligente e útil que foi projectada (ou apenas sonhada?) até há alguns anos e que estão a ser arrastados pela televisão emparvedora («cretinizante», chamou-lhe há muito tempo o norte-americano Schrammer) que está a tomar conta de todo o espaço televisivo, com as irrelevantes excepções que servem lindamente como álibis. É uma outra implosão que, como aquela, também foi induzida do exterior, o que aliás é de regra em qualquer implosão. E, salvo melhor opinião, é igualmente funesta. Se a «implosão» a Leste fez recuar sonhos, felizmente indestrutíveis, por não sei quantos anos, a implosão do projecto de uma TV vocacionada para ajudar as gentes, não para as drogar, pode ser decisiva para uma ruína global. Porque, como apesar de tudo se vai sabendo por breves frestas no nevoeiro informativo que é despejado sobre nós, estão o planeta e os que o habitam a defrontarem-se com questões de sobrevivência cuja solução exige atenção, lucidez e coragem. E está esta televisão de lixo a injectar ininterruptamente uma espécie de soro sucitador de hipnoses envenenadas, de delírios mansos, sob gestões criminosas que vendem todo o futuro por uns patacos que sempre serão poucos mesmo que pareçam muitos. Já se vê, estou a falar de um plano em que não podem estar Marcos, Martas, Zés Marias. Que só estão lá muito em baixo, minúsculos peões num sinistro jogo de que também são vítimas. Como, receio-o, cedo irão entender.



partilho a convicção frequente de que qualquer deles é pateta: bem pelo contrário, até acho que estão longe disso e, por mim, esqueci de todo o famosíssimo pontapé do Marco à Sónia, arranque para a hipermediatização de que o rapaz beneficiou. De resto, se a agredida Sónia logo o desculpu e até surgiu agora como madrinha de casamento, não hei-de ser eu quem há de vir tomar-lhe as dores que há muito ela própria não sente. É natural, porém, que se pergunte por que venho eu gastar colunas do «Avante!» com a Marta, o Marco e o seu casamento. A questão, creio, é que os dois jovens e a microgaláxia de que fazem parte são o que há por aí de mais mobilizador da atenção de milhões de telespectadores portugueses, e é claro que dificilmente se pode sustentar que isso não tem importância nenhuma. No que se refere apenas às reportagens transmitidas nos passados sábado e domingo, afiguram-se-me paradigmáticas dos modelos de vivências e comportamentos que a TV, com todo o seu poder de indução, propõe hoje. No sábado, foi a chamada despedida de solteiro do Marco, acontecimento sem dúvida apoiado financeiramente pela produção do «Big» e dos seus posteriores desenvolvimentos mas surgido aos olhos do público como qualquer coisa de extremamente desejável para qualquer moço que vá casar ou mesmo recasar. No domingo, foi o «casamento de sonho» em quinta de luxo ali para os lados de Linhó. Num tempo em que, como bem se sabe, os casamentos faustosos se



«Cidade Louca»

- VRTP2**
 07.00 Euronews
 09.00 Programa Religioso
 10.30 Missa
 11.15 Horizontes da Memória
 11.45 Nós e os Animais
 12.30 Palácio de Cristal
 13.30 Quem Sai Aos Seus
 14.00 Amor sem Passaporte (de Pascale Bailly, Fr/1998, com Mathilde Seigner, Roschdy Zem. *Drama*)
 16.00 Desporto 2
 18.30 Projecto Golfinho
 19.30 Madame Bovary
 20.30 Onda Curta
 21.00 Simpsons
 21.30 Artes e Letras - Arnold Shoenberg: «My War Years»
 22.30 Jornal 2
 23.00 Travessa do Cotovelo
 00.30 «Nikita, Dura de Matar» (Luc Besson, Fr-It/1990, com Anne Parillaud, Jean-Hugues Anglade. *Ver Destaque*)
 02.45 2010

- VSIC**
 07.00 Zip Zap
 12.00 BBC Vida Selvagem
 13.00 Primeiro Jornal
 13.45 Popstars
 15.00 «O Clube das Babysitters» (de Melany Mayron, EUA/1995, com Ellen Burstyn, Brooke Adams, Bruce Davison, Peter Horton. *Comédia*)
 17.40 «Agnas Mortíferas» (de Mikael Solomon, EUA/1998, com Morgan Freeman, Christian Slater, Randy Quaid. *Ação*)
 20.00 Jornal da Noite
 21.20 Malucos do Riso
 22.00 O Bar da TV
 24.00 «Mitos Urbanos» (de Jamie Blanks, EUA/1998, com Jared Leto, Alicia Witt. *Thriller*)
 02.10 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Animação
 10.00 Cerimónias Religiosas
 13.00 TVI Jornal
 14.00 O Sétimo Papiro (Mini-série)
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Olhos de Água
 22.00 «Arma Mortífera» (de Richard Donner, EUA/1987, com Mel Gibson, Danny Glover, Cary Bussey. *Ação*)
 24.00 «Jude» (Longa Metragem, com Christopher Eccleston, Kate Winslet)
 02.00 Os Últimos Paraísos na Terra

EUA/1999, com Paddy Connor, Maurice Compte. *Drama*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Euronews
 11.00 Espaço Infantil-Juvenil
 14.00 Universidade Aberta
 14.30 «Homens e Lobos» (de Giuseppe De Santis, It-Fr/1956, com Silvana Mangano, Yves Montand, Pedro Armendariz. *Ver Destaque*)
 16.30 Informação Gestual
 17.30 Cidade Louca
 18.00 3º Calhau a Contar do Sol
 18.30 Informação Religiosa
 19.00 Rotações
 19.30 Espaço Infantil
 20.00 Viver no Campo
 20.30 Sabrina
 21.00 Por Outro Lado
 22.30 Jornal 2
 23.20 Artes de Palco - Bailado (por Nacho Duato)
 01.00 Andamentos

- VSIC**
 08.00 Buêré
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.00 A Viagem
 16.00 New Wave



«Alves dos Reis»

- 16.45 Estrela Guia
 18.00 Um Anjo Caiu do Céu
 19.30 Ganância
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 Porto dos Milagres
 23.20 O Bar da TV
 24.00 «Caçadores de Prémios» (de George Erschbamer, EUA/1997. *Ação*)
 02.00 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Tiro e Queda
 09.30 Animação
 11.45 Olhó Vídeo
 13.00 TVI Jornal
 14.00 112
 15.00 Chiquititas
 16.00 Batatoon
 18.15 Olhó Vídeo
 19.00 Super Pai
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Crianças S.O.S.
 22.00 Olhos de Água
 23.10 «Intenção Criminosas» (de Worth Keeter, EUA/1991, com Robert Davi, Joan Severance, Jack Scalia. *Thriller*)
 02.00 Desafio Total
 03.10 Strange World

com Howard Vernon, Anouchka, Antonio Mayans. *Terror*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Euronews
 11.00 Espaço Infantil-Juvenil
 14.00 O Lugar da História
 15.00 Volta a França em Bicicleta
 16.30 Informação Gestual
 17.30 Cidade Louca
 18.00 3º Calhau a Contar do Sol
 18.30 Informação Religiosa
 19.00 Bombordo
 19.30 Espaço Infantil
 20.30 Sabrina
 21.00 Fenómeno
 22.30 Jornal 2
 23.20 Programa não designado
 00.10 «Fim de Uma Era» (de Antonis Kokkinos, Grécia/1994. *Drama*)
 02.35 Rotações

- VSIC**
 08.00 Buêré
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.00 A Viagem
 16.00 New Wave
 16.45 Estrela Guia
 18.00 Um Anjo Caiu do Céu
 19.30 Ganância
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Imagens Reais
 22.00 Porto dos Milagres
 23.20 O Bar da TV
 24.00 «Espírito do Sol» (de Michael Cimino, EUA/1996, com Woody Harrison, Anne Bancroft, Talisa Soto. *Drama*)
 02.00 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Tiro e Queda
 09.30 Animação
 12.15 Bora Lá Marina
 13.00 TVI Jornal
 14.00 112
 15.00 Chiquititas
 16.00 Batatoon
 18.15 Olhó Vídeo
 19.00 Super Pai
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Bora Lá Marina
 22.00 Olhos de Água
 23.00 «Uma Estranha Viagem» (de Tommy Lee Wallace, EUA, com Jacqueline Bisset, Theresa Russell, Nick Mancuso. *Policia*)
 01.00 Ally McBeal
 02.10 Que Loucura de Família
 03.50 Rescure 77

Nota:
 A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

A talhe de foice

• Henrique Custódio

Sequestros

Na passada terça-feira, um jovem ucraniano entrou num café lisboeta a gritar pela polícia e, após deixar claro o seu desespero abanando a máquina registadora sobre o balcão, fez refém o dono do estabelecimento com uma navalha que lhe encostou cuidadosamente ao pescoço, rebocou-o para a rua e repetiu a sua exigência: queria a presença da polícia. Esta chegou rapidamente e procedeu com exemplar competência: isolou a área - mantendo à distância a multidão de curiosos que sempre desabrocha à volta do insólito -, tranquilizou o sequestrador dando-lhe o que de imediato ele reclamava - um telemóvel, através do qual supostamente falou para a família - e aguardou com serenidade que ele se explicasse. Houve alguma demora porque o homem não sabia português, sendo necessário diligenciar um tradutor. Finalmente, a polícia soube o que dela pretendia o jovem ucraniano: solicitava protecção, porque estava a ser ameaçado de morte, e que o ajudassem a voltar à Ucrânia, porque não tinha dinheiro para isso. Cumprido o objectivo, o jovem largou a arma, libertou o refém e entregou-se calmamente à polícia que, sem brusquidão ou nervosismo, o revistou, algemou e conduziu a uma viatura.

O único desacato deveu-se às investidas de meia dúzia de espectadores que, vendo o problema resolvido, quiseram passar de mirones acagaçados a justiceiros por conta própria. Repelidos pela polícia, regressaram, diligentes, à sua posição de valentões de bancada.

Registemos, antes de mais, a curiosa semelhança entre este episódio e outro ocorrido recentemente nas Filipinas, quando um camponês do interior sequestrou uma mulher em plena rua da capital, encostando-lhe também uma faca ao pescoço e reivindicando, exclusiva e igualmente, que lhe fornecessem transporte para casa. Mas a semelhança termina aqui: em Manila, após várias horas de inacreditável cerco policial que se limitou a ser apenas isso - um cerco ameaçador e sedento de retaliação -, o camponês acabou selvaticamente espancado por polícias e populares quando se rendeu para entrar na viatura que, finalmente, lhe puseram à disposição como engodo.

Confrontar os dois episódios - ambos mostrados nos telejornais - é o melhor elogio que se pode e deve fazer à actuação da polícia portuguesa neste caso do jovem ucraniano.

Olhado com displicência, este sequestro parece enquadrar-se no surto de actos semelhantes ocorridos em Portugal nos últimos tempos. Mas a semelhança também acaba aqui. Nos anteriores sequestros - de que o «caso Subtil» nas casas de banho da RTP foi pioneiro e paradigma -, os protagonistas eram cidadãos nacionais a apostar no impacto mediático e decorrente simpatia pública por actos que, encenados de modo a deixar bem à vista a sua real inocuidade, presumiam desforços contra a «injustiça». Neste caso, o cidadão era estrangeiro, a sua reivindicação não demandava justiça mas protecção policial e o seu drama era não apenas genuíno mas obviamente extremo. O certo é que não colheu a simpatia dos mirones, apesar da manifesta encenação da ameaça e do evidente sofrimento do sequestrador que, ainda por cima, teve o desplante de não reclamar «contra o sistema» mas pedir-lhe protecção...

Todavia, foi sempre o sistema que os sequestros questionaram. No caso dos portugueses, verberando a lentidão da Justiça, no do jovem ucraniano, expondo o desamparo público em que vivem no nosso País indeterminadas dezenas de milhares de emigrantes, só para que as fortunas de quem os explora continuem a crescer geometricamente.

Que estes já tenham de recorrer a actos desesperados como sequestros públicos para escaparem às mafias que os exploram e assassinam no nosso próprio País, só mostra que o desprezo do poder político pelos emigrantes é um escândalo que já bateu no fundo da iniquidade, pondo em causa o próprio Estado de Direito.

PCP comenta entrega da Brisa ao grupo Mello

Negócio com prejuízo

A última fase de privatização da Brisa representa um grande negócio para o Grupo José de Mello, mas é um grande prejuízo para o erário público e para os utentes das auto-estradas, denunciam os comunistas.

A quarta e última fase de privatização da Brisa teve lugar na segunda-feira. O Estado alienou a presença que detinha na empresa (4,764 por cento), obtendo um encaixe de cerca de 28 milhões de contos, que o PCP nota estar «muito abaixo do mínimo de 30 milhões que tinha sido previsto».

«Paralelamente» à privatização total, «desenrola-se um processo de reestruturação da empresa que aponta para a "externalização" de um conjunto de áreas, tais como assistência a clientes, patrulhamentos, manutenção de equipamentos, etc., que, a consumir-se, pode conduzir à extinção de centenas de postos de trabalho», alerta-se na nota divulgada pelo Gabinete de Imprensa do Partido.

O PCP afirma que «não pode deixar de condenar e denunciar tais opções do Governo, que, ao mesmo tempo que entrega a Brisa nas mãos do grupo Mello, não acautela a situação dos trabalhadores».

Por outro lado, trata-se de uma empresa que, nos anos de 1998, 1999 e 2000, registou lucros na ordem dos **102 milhões de contos** que estão «praticamente isentos» do pagamento de IRC, o que leva o Partido a comentar: «Que grande negócio! Mas também que grande prejuízo para o erário público!»

Nesta operação, «mais uma vez, para o Governo PS, não é o interesse na-

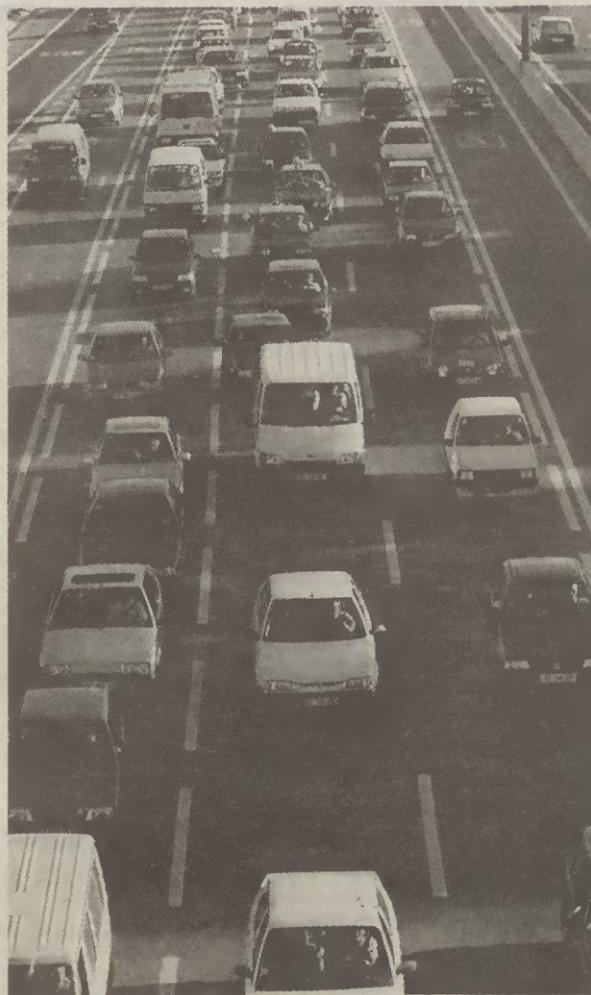
cional, dos trabalhadores e dos utentes que estão primeiro, mas o interesse do capital, numa altura em que o Estado anunciou um plano de contenção da despesa que se vai reflectir sobretudo nos trabalhadores».

Aumentos

O PCP entende que deve «desde já, alertar para a possibilidade de, em resultado da privatização e da entrada em vigor do euro,

em Janeiro, poder estar a ser preparado um aumento no valor das portagens», salientando que tal subida dos preços teria lugar «num quadro em que, por cada cem escudos pagos pelos utentes, 50 são lucro para os accionistas».

A nota do Gabinete de Imprensa conclui reafirmando «a necessidade de alterar esta política», substituindo-a «por uma outra, que defenda os serviços públicos e o interesse nacional». O PCP «chama a atenção do Presidente da República para mais este escândalo de um Governo que faz do leilão do património público um dos meios para aliviar a situação a que chegaram as finanças públicas, em resultado dos erros da sua política».



Metade do valor pago nas portagens vai para o bolso dos accionistas

Rodoviária de Lisboa pode parar hoje

Face à última posição da administração da Rodoviária de Lisboa na negociação salarial, a Festru/CGTP convocou uma greve para hoje, no período até às 12 horas. «Caso a empresa se mantenha irredutível na sua posição», refere um comunicado da Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos, o desenvolvimento da luta será decidido pelos trabalhadores, em plenários marcados para as instalações de Sacavém, Caneças e Bucelas.

A administração limitou-se a aceitar aumentos médios até 3,5 por cento; também não respondeu positivamente a outras reivindicações apresentadas, como a redução da vigência do Acordo de Empresa, o aumento das férias para 25 dias úteis, a redução do horário máximo semanal, a correcção da forma de pagamento do subsídio de agente único e do vencimento dos períodos de descanso compensatório após trabalho suplementar -

informou a Direcção Nacional da Festru.

Revisores

A greve dos revisores da CP que prestam serviço na Linha de Sintra terminou segunda-feira, depois do Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector Ferroviário ter conseguido uma escala de serviço mais humanizada, com uma melhor conjugação dos tempos de serviço e intervalos entre períodos de trabalho.

Quem são eles?

Com esta venda, a Brisa passou completamente para mãos privadas, ficando o Estado sem a «golden-share» de menos de 5 por cento, que detinha na concessionária de auto-estradas.

Por várias vezes, contestando a política de privatizações, se tem dito que o que é público «é nosso», em oposição a ser «deles» - os accionistas privados. Mas, entre estes, também há uns que são mais do que outros e, segundo a imprensa especializada, também a Brisa irá sofrer brevemente diversas movimentações para disputa do controlo accionista.

Na frente desta corrida, referia o *Diário Económico*, «parece estar» o Grupo José Manuel de Mello, que, antes da operação de dia 16, só detinha directamente 6,9 por cento das acções. Contudo, «é corrente a opinião de que o grupo, cujo anterior grande emblema era constituído pela Lisnave, se encontra preparado para assumir o domínio da concessionária de auto-estradas a curto/médio prazo, através de posições detidas por diversas sociedades instrumentais». Aquele jornal, na sua edição *online*, fazia assim as contas: «Além de uma opção de compra de 2,08 por cento do capital ao BCP, diversas fontes do mercado insistem em dizer que existem fortes relações de proximidade entre o Grupo Mello e três sociedades-mistério que constam da lista de accionistas da empresa liderada por Manuel Van Hoof Ribeiro, como sejam a Egadi ou a Window Blue. Uma terceira, a Impegest, tem sede na morada da antiga sede do Grupo Mello.»

O *DE* referia ainda, como grandes accionistas da Brisa: o BCP, supostamente aliado dos Mellos, com 11,22 por cento; o BPI, com 9,96 por cento; a CGD com 5,73 por cento; e a IPE com 5,44 por cento.



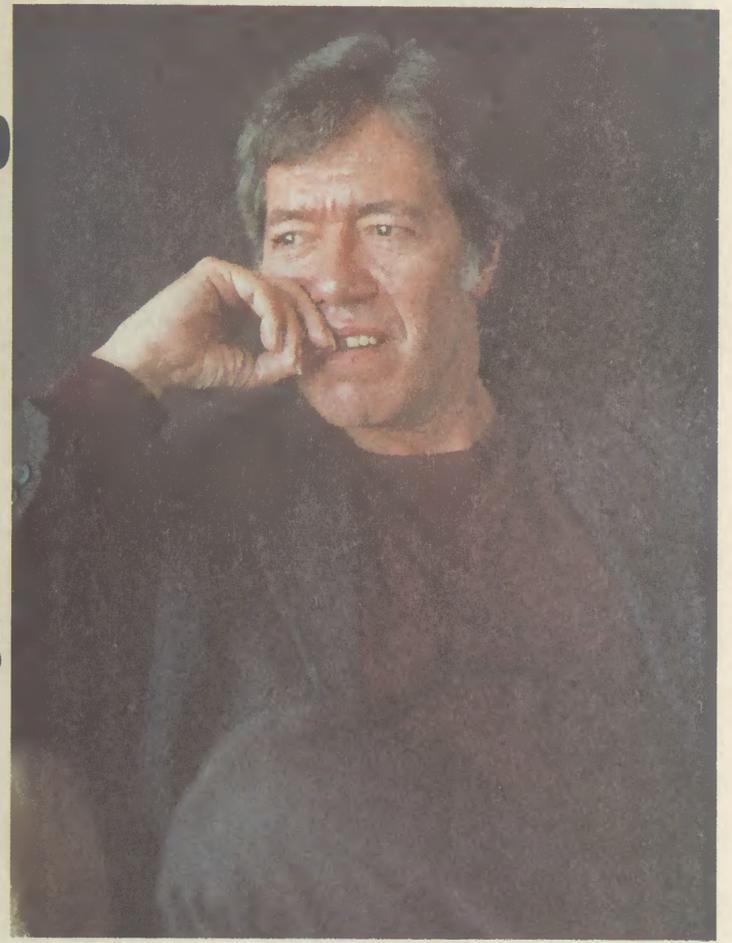
Os artistas da Festa!



Sérgio Godinho

Zeca Baleiro
Brasil

Xutos e Pontapés



Jorge Palma



Rádio Macau

Companya Eléctrica
Dharma
Catalunha

Adquire a EP
Entrada Permanente

Ajuda a Festa!

... e aproveita o desconto de Mil escudos

Agora a EP custa apenas 2500\$00

Nos dias da Festa o preço será de 3500\$00



festa
Avante!
25
anos
1976-2001

Os Artistas da Festa

Sérgio Godinho

Zeca Baleiro

Jorge Palma

Dos novos nomes da música do Brasil ao melhor da música portuguesa

A Festa do "Avante!", em 25 anos de história, foi sempre um local de encontros. Na música aqui se exprimem, sempre, as várias formas populares de cantar em português. De Portugal, do Brasil e de África. E músicas de outros mundos também.

Martinho da Vila com Filipe Mukenga e Tabanka

Djaz Vai ser um momento único e que simboliza na perfeição o espírito da Festa do "Avante!". O facto é este: Martinho da Vila, um nome pouco menos que mítico da música popular brasileira, vai pela primeira vez dar expressão em Portugal ao projecto que anima há já alguns anos e que ele próprio designa por "Lusofonias". Trata-se do resultado prático de uma relação íntima que Martinho da Vila estabeleceu com Angola, país onde se desloca amiúdas vezes e de onde leva, para o Brasil, inúmeros músicos que promove e divulga na sua terra. Na Festa do "Avante!", Martinho da Vila vai dar um espectáculo com o angolano Filipe Mukenga - homem com obra significativa e habitual colaborador de músicos brasileiros como Djavan e Flora Purim - e com os guineenses Tabanka Djaz - o primeiro grupo africano a ganhar em Portugal um disco de Platina - fazendo, com música, a ponte cultural entre três continentes. A carreira de Martinho da Vila não se pode contar num artigo de poucas linhas de jornal. Começou em 1967 no 3.º Festival de Música da TV Record em São Paulo - um cadinho de onde partiram para a popularidade inúmeras estrelas da chamada MPB. De espírito militante, Martinho marcou o carácter da sua música com o tema "O Pequeno Burguês" onde relatava uma história real: um antigo colega de exercício tinha-se formado advogado e foi duramente criticado pelos amigos, que o passaram a chamar de "burguesinho" por não ter convidado os colegas para a festa de formatura. Mas a verdade é que nem o próprio recém advogado foi à festa de formatura por não ter dinheiro para os gastos. Na época a canção impressionou e foi

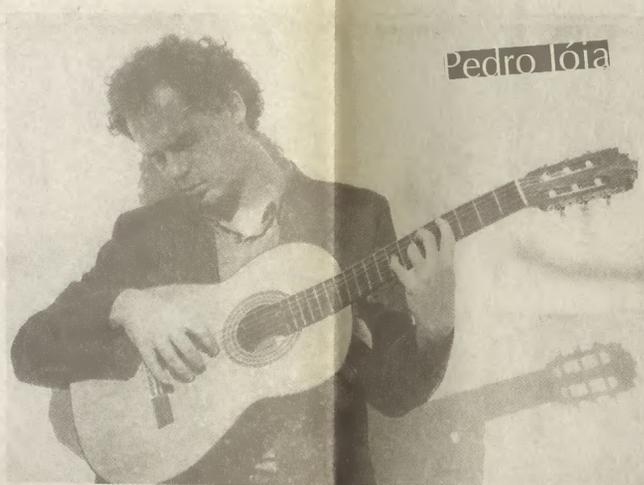
classificada como de contestação, embora não fosse essa a intenção inicial de Martinho. Dos álbuns entretanto saídos da autoria deste músico destacava-se a sua particular habilidade em ludibriar a censura, que tinha uma lista de palavras proibidas que Martinho substitua por sinónimos menos comuns. Passada essa época, Martinho da Vila aumentou o ritmo de edições, e geralmente gravava um disco por ano. Pelo meio colaborou praticamente com todos os nomes - letristas, poetas, compositores, músicos e cantores - relevantes da Música Popular Brasileira, ganhou um incontável número de prémios, vendeu milhões de discos. Agora vem a Portugal mostrar resultados da sua colaboração regular com músicos africanos de países de língua oficial portuguesa.

Sérgio Godinho

Este ano Sérgio Godinho comemora 30 anos de carreira, um número redondo que, curiosamente, coincide com outro, o dos 25 anos da Festa do "Avante!". O músico, que ao longo deste já longo tempo várias vezes actuou nos palcos da Festa, volta até nós este ano com um espectáculo que tem por base o seu mais recente disco, o CD "Lupa", e aprofunda a relação que o compositor iniciou com músicos de uma geração mais recente: no Palco 25 de Abril, Sérgio estará com mais de uma dezena de instrumentistas entre os quais estão Nuno Rafael, João Cardoso, Sérgio Nascimento (três ex-Despe & Siga), Elísio Donas (teclista dos Ornatos Violeta) e um naipe de metais. Diga-se que este ano Sérgio Godinho, para além de lançar várias colectâneas da sua obra, gravará ainda um disco ao vivo com o grupo Clã e fará uma edição comemorativa do

da participação no Acústico MTV da cantora Gal Costa. Baleiro chega até nós com dois discos de ouro no curriculum ("Por Onde Andará Stephen Fry?" e "Vô Imbolá"),

sensual, um humor refinado e uma poesia original a que se junta uma forma peculiar de tocar o violão. Carismático, o artista cativa as plateias e conquista público de todas as



Pedro Ióia

seu aniversário no qual participaram vários convidados. E é nesta aposta de se relacionar com um lote bem alargado de outros compositores e músicos que se integra o espectáculo de Sérgio Godinho na Festa do "Avante!", pois também aqui passarão vários músicos convidados e uma iniciativa inédita: é que um dos convites foi endereçado a um dos mais criativos e originais músicos/compositores da nova geração brasileira, Zeca Baleiro.

Zeca Baleiro

O Brasil é mesmo assim: nunca pára de nos surpreender com formadas ininterruptas de talento. Cada nova geração surge naturalmente, como se a articulação com a velha guarda fosse perfeita. Zeca Baleiro tem vindo, ao longo dos anos, a afinar cada vez mais as suas composições por um diapasão verdadeiramente estimulante. Com uma carreira iniciada há 15 anos nos palcos de São Luís, Belo Horizonte e São Paulo, Zeca Baleiro começou a ter impacto no Brasil depois

uma nomeação para o Grammy da Música Latina do ano 2000 como o "Melhor Álbum Pop", e troféus como o "Melhor Cantor" em 1999 da Associação Paulista dos Críticos de Arte e o Prémio Sharp em 1998 na categoria pop-rock (melhor música, melhor disco e revelação). O primeiro CD atrás referenciado foi lançado em 1997 e revelou um compositor talentoso, com um vozeirão

idades. O segundo disco, "Vô Imbolá" consolidou o nome de Baleiro que resolveu bem o problema que lhe causava o enorme êxito do primeiro trabalho. Até a forma de o lançar no mercado ficou celebrizada: foi na sua cidade-natal, São Luís, através de um desfile, onde o próprio músico se integrou, de bicicletas decoradas a simbolizar o projecto de misturas musicais e culturais



Belle Chase Hotel

que Baleiro concretiza. Para além dos projectos próprios, Baleiro envolveu-se também no espectáculo "Mãe Gentil" do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, fez a produção de discos das cantoras Ceumar e Patrícia Amaral e participou na elaboração do Songbook de Chico Buarque e no Projecto Lusofonia de Martinho da Vila. Acabado de lançar em Portugal está o terceiro disco de Baleiro, intitulado

"Líricas" que mudou a sonoridade habitual do artista, que aqui abandona a valorização rítmica em favor da reflexão e da poesia. Para este ano Zeca Baleiro prevê ainda realizar uma homenagem à escritora Hilda Hilst, produzindo um disco com poemas de Hilda musicados e que resulta da gravação de um espectáculo ao vivo que contou com as participações especiais de

Sivuca, Elza Soares e Rita Ribeiro. Ah!, este homem, que deve ser hiperactivo, ainda quer publicar este ano um CD com canções eróticas e um livro de receitas culinárias...

Companya Eléctrica Dharma

Esta "Companhia Eléctrica Dharma" que visita este ano a

Festa do "Avante!" é proveniente da Catalunha e afirma-se como tendo o objectivo de fazer música que represente a sensibilidade e a mentalidade dos povos do Mediterrâneo. Há já 26 anos que o fazem. Tudo começou em 1976 quando os fundadores do grupo, os irmãos Esteve, Joan e Josep quiseram ligar os instrumentos típicos do rock (bateria, baixo, guitarra

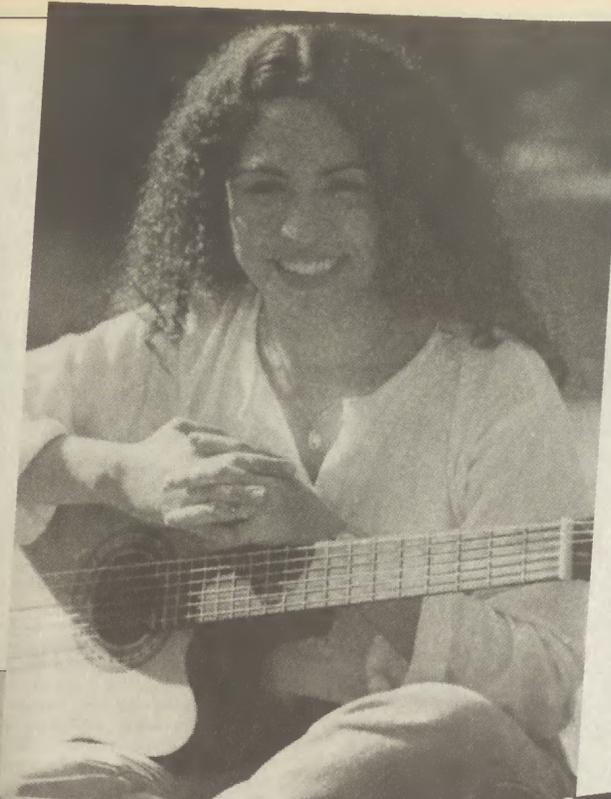


Companya Eléctrica Dharma

Xutos & Pontapés



eléctrica e sintetizadores) à tradição do folclore da Catalunha e dos povos do Mediterrâneo. Para isso juntaram a essa formação um saxofone cuja função é a de reproduzir o papel de um instrumento típico catalão, a "tenora".
Dá até cá já saíram nada mais, nada menos, que 18 discos: "Diumente" (1975); "L'Oucomballa" (1976) em colaboração com a celeberrima companhia de teatro Els Comediants. "Tramuntana" (1977), "L'Angel de la dansa" (1978), "Ordinàries Aventures" (1979)



Marisa Santos

particulares na Casa de Cultura Vicente Lopez, onde realiza as suas primeiras apresentações públicas. Aos 17 anos estuda com a professora de canto Isabel Blanco e, mais tarde, com outros professores. Em 1993 e 1995 Marisa participa no Festival OTI da canção. Nesse período grava dois discos com temas do prestigiado cantautor argentino Fernando Porta. Em 1996 representa o seu país no Festival de Viña del Mar, no Chile.

Turismo de Cabo Verde para inaugurar a Boite Pillon, no Hotel Praia-Mar na Ilha de Santiago. Começava aí um percurso mais sério na música, das ilhas que 27 anos antes a tinham visto nascer. Meia dúzia de anos depois das primeiras actuações na Noite Pillon, Ana Firmino empresta a voz a dois temas do LP "Feiteira di cor Morena" do grande e já falecido Travadinha. Em 1989 passa pelos Encontros Acarte da Gulbenkian e edita "Carta de nha Cretcheu", o seu álbum

Rádio Macau



e "L'Atlàntida" (1981) foi a seqüência que se seguiu com este último disco a justificar um espectáculo em Barcelona no Festivals of La Mercè para uma audiência de 100 mil pessoas. A seguir publicaram-se "Al Palau amb la Coblà Mediterrània" (1982), "Catalunna" (1983), "Força Dharma, Deu anys de resistència" (1985), "No volem ser" (1986), "Homenatge a Esteve Fortuny" (1987) (Esteve, um dos fundadores, morrera depois de um concerto em 1986), "Fibres del cor" (1989), "Tifa head" (1991), "Que no es pedir aquest so" (1993), "20 anys de Companya Elèctrica Dharma" (1994), "El ventre de la bestia" (1996), "Racó de Món" (1998) e o seu último trabalho, "Sonada" (2000) um CD que foi apresentado no grande festival Rock in Rio III em Janeiro deste ano.

Com esta carreira impressionante (que inclui espectáculos na Knitting Factory de Nova York ou International Folk Festival holandês), a presença na Festa do "Avante!" da Companya Elèctrica Dharma, que tenta definir o seu som como "qualquer coisa entre a música progressiva e a world music", cria obrigatoriamente grandes expectativas a todos os que gostam de conhecer outros sons da música popular.

Jorge Palma

Desde a edição de "Bairro do Amor" já no longínquo ano de 1989, que Jorge Palma não editava um álbum com canções originais. Este ano, com produção de Flak (Rádio Macau) saiu, finalmente, um disco que reúne, como seria de esperar, 12 canções verdadeiramente exemplares do que devem ser as composições deste tipo. O espectáculo que Jorge Palma vai realizar na Festa do "Avante!" terá por base este novo trabalho, constituído por 12 canções com letras do próprio Palma, excepto "Beijos e Papas de Leite" e "Disse Fêmea" (textos de Arnold Wesker, traduzidos por Maria

Filipe Mukenga



Velho da Costa) e "Do Pobre B.B." (texto de Bertold Brecht, traduzido por João Barrento). Foi um dos regressos mais esperados do ano e, na Festa do "Avante!", será a oportunidade para Jorge Palma apresentar este CD para uma enorme plateia. Em outros anos, as presenças de Jorge Palma na Festa do "Avante!" tinham uma característica: o público cantava com ele todas as canções. Como será agora?

Rádio Macau

O grupo Rádio Macau está na história do nosso rock. Isso não é novidade para ninguém. O que será novo é apercebermos-nos da coragem que representa o álbum mais recente da banda: "Onde o Tempo Faz a Curva". É que o Rádio Macau não teve medo de arriscar e procurou construir um álbum de canções contemporâneas que fugisse a fórmulas já antigas e a sonoridades gastas pelo tempo. Pontifica a voz de Xana, como seria de esperar, mas os ambientes passam por sugestões de jazz, trip-hop e

drum n'bass por detrás de uma pop sedutora. Há pois expectativa neste regresso do Rádio Macau à Festa do "Avante!", para ver como em palco "funciona" este novo ambiente sonoro, criado oito anos depois do anterior disco, "A Marca Amarela". O Rádio Macau nasceu em 1983 e gravou o seu primeiro disco em 1984. Em 10 anos produziu cinco álbuns originais, dois maxi-singles e um disco gravado ao vivo. Entre 1993 e 1999 a banda fez um interregno em que cada um dos elementos do núcleo do Rádio Macau se dedicou a projectos individuais mas, também, a projectos que aglutinavam outros membros do grupo. Agora reinicia-se um percurso que se adivinha de grande actividade. A Festa será, com certeza, um dos pontos marcante desta nova fase da vida do Rádio Macau.

Xutos & Pontapés

O que é que se pode dizer, de novo, sobre os Xutos? Que se

há rock em Portugal, ele é representado nesta banda? Que se há canções que atravessam gerações no nosso país, são as deste grupo? Que se há exemplo de associação entre a música popular e capacidade de intervir, é dado pelo comportamento dos elementos desta formação? Um anúncio de jornal juntou, em 1979, os elementos originais dos "Xutos" e daí para cá aconteceu uma história exemplar para o rock português – um percurso que se inicia a tocar em ensaios de uma garagem, até ao estrelato e à institucionalização. O que não é nada vulgar é esta permanência constante ao longo do tempo, este saber viver e sobreviver num meio onde tudo, por norma, é curto e efêmero. Ainda por cima marcando posição, muitas vezes marginal, sobre a indústria em que trabalham, ajudando à formação de novas correntes, de novos grupos e à afirmação de novos músicos. Para a Festa do "Avante!" vem, mais uma vez, um grupo que só se pode elogiar e a garantia de um espectáculo enérgico, de um rock que



Ana Firmino



Tabanka Djaz

explica como o rock deve ser. E a garantia de enchente frente ao Palco 25 de Abril com um público a vibrar com grande intensidade.

Pedro Jóia e Os Ciganos de Ouro

"Variações Sobre Carlos Paredes" é um espectáculo que, mais do que confirmar o virtuosismo do instrumentista de viola clássica, é um momento comovente de homenagem ao maior músico de guitarra portuguesa de todos os tempos. Se é impressionante ouvir as composições de Paredes tocadas em guitarra clássica com agilidade mágica – por exemplo, Movimento Perpétuo, tido como de execução quase impossível, tocado da maneira que está por detrás de tudo aquilo: expresso em, certamente, longas horas de estudo, de treino, de ensaio aturado. O próprio Pedro Jóia, numa entrevista ao jornal "Público" explicou que não foi fácil deslocar a guitarra

portuguesa para a guitarra clássica os temas compostos por Carlos Paredes: "São transcrições para um instrumento tão diferente do meu que, como tal, não podiam ser feitas muito à letra, nota a nota. Algumas revelaram-se mesmo impossíveis, como "Mudar de Vida", pelo seu timbre e pela reverberação natural que a guitarra de Paredes possuía. Partindo deste pressuposto, peguei nesta matéria-prima, procurando ser-lhe o mais fiel possível em termos formais. Em termos de conteúdo, porém, era impossível fazer como Paredes..." O espectáculo foi apresentado pela primeira vez no Centro Cultural de Belém, foi gravado e está editado em disco. No entanto, a relação especial que a Festa do "Avante!" tem com Carlos Paredes impunha que essa homenagem ao grande músico fosse aqui feita. E assim será, quanto mais não seja porque o público da Festa não o deixaria de o pedir a Pedro Jóia. E após esta estreia na Festa, virá também o grande grupo de Pedro, a formação Ciganos de

Ouro, um grupo de espectaculares guitarrista que tocam um flamenco evoluído e entusiasmante, bom para os ouvidos, espantoso – mais uma vez – no virtuosismo e, em certas alturas, a impelir, determinante, para a dança.

Marisa Santos

A Festa do "Avante!", ao longo dos seus 25 anos de história, deu sempre a conhecer músicas populares a que habitualmente o público português não tem acesso fácil ou cuja divulgação é mais restrita. Este ano vem até nós, da Argentina a cantora Marisa Santos, nascida em Buenos Aires no ano de 1970. Filha de pai espanhol e mãe argentina, Marisa Santos cresceu num ambiente musical no qual pontificavam o flamenco, o tango e o folclore argentino. Desde muito nova Marisa mostrou uma clara vocação musical: aos doze anos começa a estudar guitarra e aos quinze já compõe as suas primeiras canções. Amplia a sua formação musical frequentando aulas

Entretanto realizou digressões em Espanha em 1996 e 1997 e actualmente tem em preparação a gravação de mais um disco, de corte mais melódico, com cores latino-americanas. Marisa Santos tem um original registo em contralto, de profunda expressividade. Vamos conhecê-la na Festa do "Avante!"

Ana Firmino

Esta é uma voz apadrinhada por Tito Paris. Isto já dirá muito sobre as qualidades de Ana Firmino, que editou o álbum de música cabo verdeana "Amor é Tão Bom" (traduzível por "Amor é Tão Bom") com produção daquele músico e que conta com composições do próprio Tito Paris, Manuel d'Novas, Daniel Spencer Filho, Paulino Vieira, Ildo de Jesus ou Amândio Cabral, alguns dos nomes de referência da música que se faz com origem em Cabo Verde. Ana Firmino tem uma voz já temperada pelo tempo e pela experiência: em 1980 foi convidada pelo Secretário de

de estreia na Kolá Records. Os anos seguintes são feitos de espectáculos, presença na televisão de Cabo Verde e passagem pelo cinema (é actriz em "O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo" de Francisco Manso e "Fintar o Destino" de Fernando Vendrel). Uma nova etapa desta carreira é agora aberta com a edição do seu novo disco e a presença na Festa do "Avante!".

Belle Chase Hotel

Nascidos em Coimbra, os Belle Chase Hotel estrearam-se o ano passado em disco com "Fossanova" e este ano preparam a saída de "La Toilette des Etioiles" produzido por Joe Gore, um prestigiado músico e produtor de São Francisco, EUA, que trabalhou com gente como Tom Waits e PJ Harvey. A música deste grupo mistura cabaret, jazz, soul, funk e easy listening num cozinhado que tem merecido o aplauso geral da crítica e garantido o êxito dos espectáculos da banda.

festa
Avante!
25
anos
1976-2001

Os Artistas da Festa

Tudo o que a música popular tem para ouvir

Das novas vozes do fado até à música improvisada de vanguarda, a programação dos espectáculos da Festa do "Avante!" é um grande mostruário das tendências das nossas dias. Uma oportunidade para saber e entender por onde vão os caminhos da música popular

Janita Salomé com as Vozes do Sul

Uma carreira construída em torno da promoção do cantar alentejano. Esta frase dirá tudo e nada adiantará para explicar o trabalho de Janita Salomé. Não se trata aqui da pura recriação da música popular do Alentejo, é antes a procura dos laços que unem essa tradição com a música tradicional árabe, projecto iniciado em 1983 com a edição do disco "A Cantar ao Sol" e continuado ao longo do tempo por "Lavrav em Teu Peito" (1985), e "Olho de Fogo" (1987). Depois de uma incursão pelo Fado de Coimbra - com "A Cantar à Lua" (1991) - Janita volta a cantar mais puramente alentejano ao formar com os irmãos Carlos e Vitorino, e ainda Filipa Pais, os Lua Extravagante que edita, em 1994, o disco "Raiano". De alguma forma o projecto Lua Extravagante é agora continuado pelo mais recente investimento artístico de Janita Salomé. Trata-se de "Vozes do Sul", um agrupamento que já gravou um disco, com o mesmo nome, onde se ouvem as vozes do próprio Janita e dos grupos corais "As Camponesas de Castro Verde" da Casa do Povo de Serpa, "Os Camponeses de Pias", os Cantadores do Redondo (grupo fundado pelos irmãos Salomé), Bárbara Lagido, Catarina Salomé, Filipa Pais, Marta Salomé, Patrícia Salomé e Vitorino Salomé. Nesse álbum fazem-se ainda algumas experiências de arranjos "insólitos" para este tipo de música, assinados por músicos de jazz como Tomás Pimentel, Mário Delgado e Carlos Bica.

É todo esse mundo particular que vamos poder ver, na sua forma de espectáculo, na Festa do "Avante!" de 2001

Katia Guerreiro

"Uma Vela por Amália" foi um espectáculo que a 8 de Outubro de 2000 assinalou o primeiro ano da morte da fadista. Dezoito cantores interpretaram uma longa e emocionante sequência de fados celebrizados por Amália Rodrigues. A certa altura João Braga, no papel de fadista-apresentador, anunciou Katia Guerreiro e avisou que qualquer elogio feito aquela voz ficaria além da realidade. Ela entrou, enfrentou a plateia e as câmaras da TVI e cantou: "Barco Negro" e "Amor de mel, amor de fel". Dois dias depois, o jornalista do "Público", Fernando Magalhães, na reportagem que escreveu para este jornal sobre essa noite, sintetizava o que passou pela cabeça de muita gente: "um fantasma pairou no Coliseu".

Katia Guerreiro, uma médica-cantora que começou nos Açores, onde viveu grande parte da juventude, por cantar num rancho folclórico, é, assim, uma das melhores representantes de uma nova geração de cantores de fado que, talvez um pouco surpreendentemente, surgiram nos últimos anos. O musicólogo Rui Vieira Nery escreveria acerca disso, numa introdução ao primeiro disco desta cantora, intitulado Fado Maior e editado pela Ocarina, e que resume a modificação que se verificou a este nível dos anos 70/80 para agora: «O sinal evidente de que o fado atravessa hoje um momento de extrema vitalidade está no facto de a última década ter visto aparecer uma nova geração de intérpretes de surpreendente qualidade, num espectro muito amplo de estilos e tendências

estéticas. Alguns optam pela procura da linguagem de fusão que parte do Fado, propriamente dito, para estabelecer um diálogo activo com outros géneros poético-musicais, acabando por conduzir a um produto híbrido que, independentemente dos seus méritos próprios, se pode já considerar ele mesmo um género autónomo, desligado do seu ponto de partida. Outros preferem assumir uma relação de continuidade com a tradição fadista de todo o século XX, marcando-a depois "por dentro", por assim dizer, através de um estilo interpretativo pessoal que acaba por ser, também ele, um factor de mudança. «Ambos os casos atestam bem, contudo, de uma alteração significativa da atitude da juventude portuguesa dos anos 90 relativamente ao Fado, quando comparada com o que sucedera das décadas de 70 e 80, em que fazia parte de uma cultura dominante nos sectores

emblemáticos da fase final de Amália, em especial os do álbum *Lágrima*, e por isso inclui alguns dos mais belos poemas da cantora. Mas se essa filiação se estende também a muitos aspectos da própria abordagem interpretativa, como certos traços da colocação da voz ou do uso da ornamentação melódica que nos podem soar familiares, Katia não se reduz de modo algum a uma postura seguidista, e imprime a cada momento uma tal autenticidade expressiva ao seu canto que ficamos suspensos da sua voz enquanto nos conta histórias tristes de saudade e amargura, num registo em que é patente, ao mesmo tempo, um certo pudor de expressão poética que se impõe pela delicadeza das meias tintas. Mas os representantes nos 25 anos da Festa do "Avante!" desta nova geração de fadistas não se limitam a Katia Guerreiro.



Ana Sofia Varela



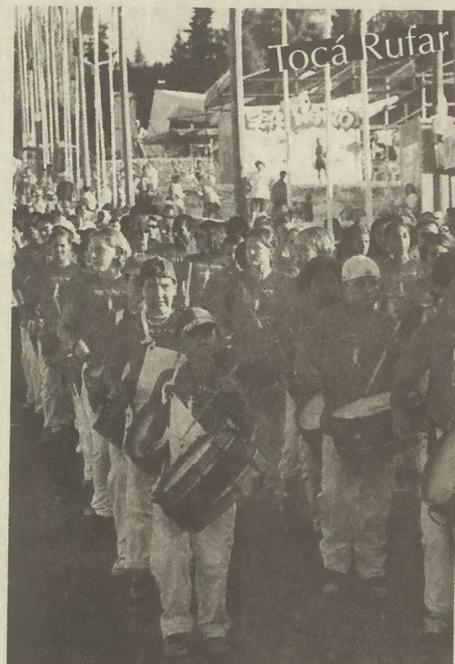
António Chainho



Marta Dias

António Chainho com Marta Dias

António Chainho, um guitarrista de fado que se tornou um nome de referência, convidou várias cantoras para participarem na gravação de um CD chamado "A Guitarra e Outras Mulheres". Entre elas estavam Ana Sofia Varela e Marta Dias. O guitarrista apadrinhou desta forma duas das mais promissoras das novas vozes do Fado e, na "Festa do Avante!" dará um espectáculo com esta última artista. Antes de se dedicar a uma



Tocá Rufar

Ana Sofia Varela

Ana Sofia Varela lançou há pouco tempo um primeiro CD, editado pela Valentim de Carvalho. A jovem, de 27 anos,

A participação num programa televisivo de descoberta de novos talentos - a "Seleção Nacional" da RTP - (onde foi cantora finalista) foi o passo decisivo para Ana Sofia Varela conseguir uma maior divulgação pública da sua voz. Seguiu-se uma Festival da Canção em 1995 e um apadrinhamento decisivo: Carlos Zel apresentou Ana Sofia ao conceituado guitarrista Mário Pacheco com quem a cantora passou a realizar espectáculos que passaram por digressões em Macau, Japão e Itália. Sofia Varela acabou mesmo por integrar o elenco fixo do Clube do Fado, gerido pelo guitarrista.

Outro apadrinhamento decisivo foi o de outro guitarrista de referência no mundo do Fado: António Chainho, que a convidou a participar no CD "A Guitarra e Outras Mulheres" a par de Marta Dias, Teresa Salgueiro, Filipa Pais. O disco motivou uma digressão europeia. A afirmação pública de Ana Sofia Varela foi aumentando com a multiplicação de espectáculos, ao lado de grandes fadistas como Argentina Santos, Maria da Nazaré, Alcindo de Carvalho e Camané. Em 1999, depois de uma participação num espectáculo em Nova Iorque organizado por

nasceu em Lisboa mas cresceu no Alentejo, em Serpa, onde viveu até há quatro anos atrás. Foi com Amália que se verificou o seu primeiro contacto com o fado, primeiro como ouvinte, depois, aos 14 anos, a cantar temas da fadista em noites de fado em Serpa, realizadas na Casa do Povo local, ou em espectáculos em escolas e colectividades. Com o tempo, o entusiasmo pela música foi-se sedimentando e Ana Sofia Varela começou a dar os passos em direcção à profissionalização: os espectáculos foram-se repetindo e aumentando de frequência e começaram as actuações em diversos bares da zona sul. As canções que Ana incluiu no seu repertório tinham por base fados de Amália Rodrigues e Nuno da Câmara Pereira, mas também "hits" de Rui Veloso, Vitorino e Resistência.

João Braga, grava dois temas para o CD "Cem Anos de Fado" e integra-se no elenco do espectáculo "De Sol a Lua - Flamenco e Fado" que pisou palcos de Espanha, Alemanha, Suíça e Holanda. E já este ano a cantora participou em Lisboa no Festival das Músicas e dos Portos num espectáculo de homenagem a Linhares Barbosa. Antes de chegar aos palcos da Festa do "Avante!" Ana Sofia Varela gravou o seu primeiro disco, produzido por Manuel Paulo (Ala dos Namorados) e que revela uma intenção de busca de uma fusão de estilos justificada e explicada pelas próprias palavras da cantora: «O facto de eu ter sido criada em Serpa fez com que eu estivesse desde pequena muito ligada à música tradicional alentejana e à música espanhola. É uma tradição, na



Katia Guerreiro

minha zona, espanhóis e portugueses juntarem-se por altura das festas para cantarem junto e tocarem juntos... O João Monge também é um alentejano desta zona e durante a preparação do disco falámos destas tradições e eu pedi-lhe para me fazer um poema que destas estas histórias - surgiu o tema Ducados; e Manuel Paulo fez um arranjo musical para este tema, inspirado no flamenco e na música do Alentejo. O Pedro João tocou guitarra de flamenco e cajon... Foi uma homenagem à minha ligação musical e pessoal a Serpa». Mas, apesar destas experiências de fusão de estilos, é ainda a própria cantora que afirma: «cante eu o que cantar, soa sempre a fado, porque eu sou fadista».

No espectáculo que Ana Sofia Varela trará à Festa do "Avante!", a cantora será acompanhada pelo guitarrista Mário Pacheco, pelo violão Carlos Manuel Proença e pelo contrabaixista Paulo Paz.

Carlos Barreto Trio

E a propósito de contrabaixo, falemos de um conceituado contrabaixista do jazz português. Carlos Barreto,

nascido em 1957, lidera um trio de músicos com credenciais invulgaes. Começamos pelo próprio Barreto e algumas das frases que a crítica especializada escreveu sobre ele: "Carlos Barreto, contrabaixista que hoje figura entre os actores mais estudiosos e polivalentes do Jazz nacional" (Manuel Jorge Veloso no "Diário de Notícias"); "Magnífico! Dotado de uma musicalidade suprema" (Arnaud Merlin no "Jazz Hot"); "As palavras dizem pouco, tal é

Sublt. Lacy. Jack. John. Preset. estão. de top. Mas se. de si. presl. trio. que. gignall. enativa. portug. Mário. de jazz. Portug. da guit. Peixoto. Acad. Música. Paralela. project. Martins. Sousa. D. regularr. músicos. desloc. Particip. seminár. nomead. Zoller, E. Abercro. Kenny. David. L. Steve. L. Derek. B. Paul. Mo. Lovano. Em 1992. música. i. guitarris. percussiv. (que. reen. Carlos. B. gravou. o. Em 1996. Lib(itum). do Mundo. Ainda. em. de 1996. p. digressão. de Maria. pela Suíça. Alemanha. Festivais. Willissau. Viersen. E. sua partic. Barreto. A. conta. cinco. Não. há. tri. terceiro. e. José. Salgu. Nacion. Clube. de. para. Barco. da improv. trompete. Estudou. o. Hant. Roy. Liebman. Paulo. Mo. realizou. o. espectácul. Mário. Lagido. José. Peixoto. Pelo. meio. fi. participação. gravações. de. Gaiteiros. de. Sasseti, João. Ribeiro. e. cla. José. Salgueir. fundadores. de. por. Tim. Tim. discos. de. pop.

VOZES DO SUL

Outras músicas...

Para além dos dois palcos principais - o 25 de Abril e o 1.º de Maio - muitos espaços espalhados pelo recinto da Quinta da Alameda permitem ao visitante o acesso a diversos tipos de música, interpretada por artistas muitas vezes desconhecidos do público, e que, muitas vezes, têm na festa do PCP a primeira hipótese de mostrar o seu valor que em muitos casos tem garantido sólidas carreiras.

Palco Arraial

A música popular portuguesa continua a ter um espaço privilegiado na Festa do Avante!. Para que não se percam as raízes culturais portuguesas, no Palco Arraial actuam grupos populares e etnográficos de várias regiões do País. Pelo Palco Arraial, representantes das tradições de várias regiões, actuarão: os Erva de Cheiro; o Grupo Etnográfico da Cova da Piedade; o Grupo Coral Alentejano do Laranjeiro «Recordar a Mocidade»; o Grupo Coral Instrumental «Recordar e Viver», da Torre da Marinha; o Rancho Folclórico Danças e Cantares da Fonte da Senhora; o Rancho Folclórico de Aviz; o Rancho Folclórico Ceifeiras e Campinos, de Samora Correia; o Grupo Coral e Instrumental «Os afluentes do Sado», de Alvalade do Sado; o Grupo de cavaquinhos de Almonde; o Rancho Folclórico «Os Camponeses de Peralva»; o Grupo Folclórico de Passos de Silgueiros; o Rancho Tamar da Nazaré; o Rancho Folclórico «As Paliteiras»; o Grupo Folclórico de Esgueira; o grupo «Novo Rumo»; o grupo «Haja Saúde»; o Grupo Folclórico Danças e Cantares «Verde Minho»; e o Grupo Etnográfico «Danças e Cantares do Minho».

Palco Setúbal

No espaço da DORS, funciona o já tradicional Palco Setúbal. Este ano poderão ser escutados os seguintes grupos e artistas: Entrecantos; Sandra Costa; Alcateia; João Queiroz; Dixit; Leticia Vasconcelos; Esmomenosso; Toni da Costa e Amigos; Tripa Cagueira e outros espectáculo, como uma noite de fados.

Conhecido pela sua animação, o Palco Setúbal traz, este ano, música muito diversificada, desde o fado à música tradicional, passando pelo Rock, a Bossa Nova, a música de intervenção e o olodum.

Palco Juventude

Durante o Verão, por todo o País, eliminatórias e festivais sucedem-se a fim de apurar o que de mais significativo se faz em Portugal em termos de música juvenil. Das muitas dezenas de bandas que concorrem aos festivais concelhios e regionais, apenas umas poucas os visitantes terão o prazer de ver actuar - o espaço e o tempo não permitem mais. Para os verdadeiros amantes da música, o Palco Juventude constituirá, certamente, um motivo de interesse por reflectir a arte que muitos milhares de jovens músicos produzem por este País fora.

Por toda a parte

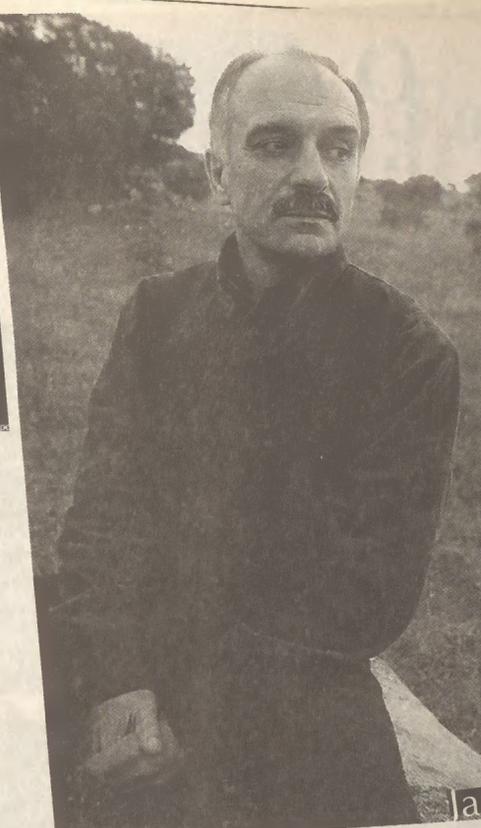
Para além destes palcos, um pouco por todo o recinto da Festa é possível usufruir de momentos musicais de rara beleza e poesia, desde o Espaço Internacional, até ao Café-concerto de Lisboa, passando por vários espaços de outras organizações regionais do Partido. A animação de rua estará presente, garantindo um constante contacto com a cultura, a alegria, a intervenção.



DO SUL

lidera um trio de músicos de renome internacional. Mas se Carlos Barreto tem atrás de si todo aquele trabalho e prestígio, os outros membros do trio que o músico lidera estão, igualmente, nas listas dos mais criativos e importantes músicos portugueses actuais

Subblefield, Steve Potts, Steve Lacy, Gary Bartz, Art Farmer, Jack Walrath, Marlon Jordan, John Betsch ou Gerard Pisencier. Sim, é verdade, estão aqui algumas das figuras de topo do jazz da actualidade. Mas se Carlos Barreto tem atrás de si todo aquele trabalho e prestígio, os outros membros do trio que o músico lidera estão, igualmente, nas listas dos mais criativos e importantes músicos portugueses actuais



Jacinta Salomé

tradicional ou, até, infantil. Em 1998 concebeu para a Expo o espectáculo "Adufe".

Laurent Filipe

É um trompetista eclético, proveniente do mundo do jazz mas que gosta de fazer experiências de fusão, como é o caso da Orquestra Sons do Mundo, um projecto liderado por este músico que, aliás, já esteve anteriormente na Festa do «Avante!».

Para além de músico, Laurent Filipe é também um compositor de reconhecidos méritos e habitualmente apresenta-se em espectáculos a duo com o pianista espanhol Pedro Sarmiento ou em trio, nomeadamente através do projecto "Homenagem a Chet Baker" com trompete/voz-guitarra/contrabaixo ou ainda em formação alargada com 8 a 9 músicos.

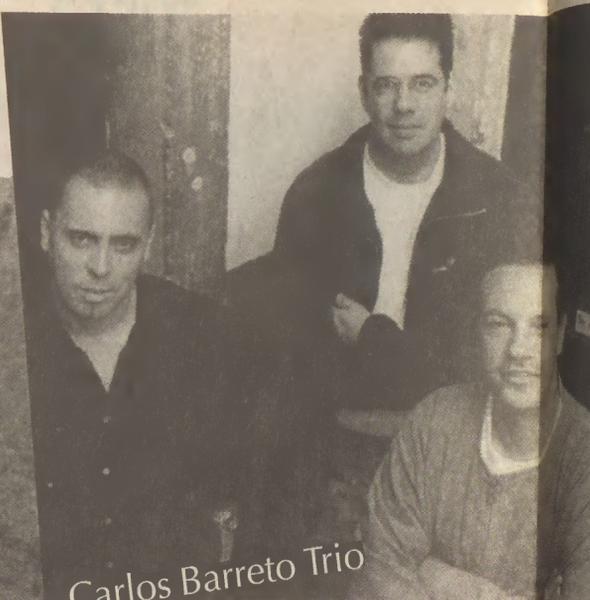
A seu lado, uma voz que o Festival das Músicas e dos Portos revelou em Fevereiro ao público português: Jacinta Duarte, uma portuguesa da Gafanha da Nazaré que, depois de um juvenil triunfo na «Chuva de Estrelas» imitando Ella Fitzgerald, se radicou nos EUA, fez um mestrado em jazz e prossegue uma carreira já consagrada no jazz da West Coast, tocando com músicos como Dave Holland ou Kenny Barron.

Telectu e convidados

Mas no domínio da música improvisada as coisas não ficam por aqui. Presença habitual na Festa do «Avante!» é o duo de Jorge Lima Barreto e Vitor Rua, Telectu, que ao longo dos anos têm proporcionado, ali, o

contacto do público português com uma importante e significativa lista de músicos de vanguarda, quase sempre figuras de topo da área. O caso repete-se este ano com o convite feito a um dos maiores trombonistas da actualidade - Giancarlo Schiaffini - e a um dos bateristas incontornáveis da história do jazz - Barry Altschul. Schiaffini é italiano. Nasceu em Roma em 1942 e licenciou-se em Física enquanto, como autodidacta, estudava música. Já nos finais dos anos 60 surgiu como solista em concertos de free jazz e em 1970 foi para Darmstadt estudar com Stockhausen, Ligeti e

Renasença e ainda hoje é membro regular da conhecida e aplaudida Italian Instabile Orchestra. Actualmente lecciona no Conservatório "Casela" em l'Aquila e orienta cursos de jazz de Verão em Sienna. A sua actividade docente estende-se, nas áreas da música contemporânea, jazz e improvisação, através de 'clínicas' e seminários por todo o mundo: Universidade de Nova Iorque, Monash University Melbourne, Hochschule Freiburg, entre outras. Tem tocado jazz, improvisação e música contemporânea



Carlos Barreto Trio



Les Éléphants Terribles

Colaborou com John Cage, Karole Armitage, Luigi Nonoo Giacinto Scelsi em várias actuações. Obras de trombone e tuba foram-lhe dedicadas por

norte-americano Barry Altschul, nasceu em Nova Iorque em 1943, no lado sul do Bronx e cresceu numa família de músicos. Aos doze anos já tocava clarinete e piano, mas deixou-os para se dedicar à bateria. Estudou com Charlie Persip, Sam Ulano, Lee Konitz ao mesmo tempo que tocava com alguns músicos "lá do bairro": Charles Tolliver, Júnior Cook, Elmo Hope, etc. Em 1964 encontrou Paul Bley e entra para a Jazz Composers Guild Orchestra. Em 1967 toca com Carmell Jones e Leo Wright e vem para a Europa durante um ano. Em 1969 vai para a Califórnia onde toca com Hampton Hawes e Sonny Criss, depois volta a Nova Iorque onde se junta a Tony Scott. Em 1970, com Chick Corea e Dave Holland forma um célebre trio que, com a entrada de Anthony Braxton passará a ser o quarteto Circle.

Depois da dissolução do Circle, Altschul divide o seu tempo entre os grupos de Braxton e Sam Rivers e, a partir de 1977, forma vários grupos com o seu próprio nome e ainda o Brahma onde se associou a Mark Helias e a Ray Anderson (1979-1981). Altschul passou sucessivas temporadas alternativas na Europa e nos Estados Unidos e gravou, entre outros, discos com Paul Bley, o Jazz Composer's Orchestra -, Alan Silva, John Surman, Corea, Amete Peacock, Peter Warren, Dave Holland, Braxton, Rivers, Dave Lehman, Roswell Rudd, Andrew Hill, Julius Hemphill, Pepper Adams, John Lindberg, Kenny Drew e Franco D'Andrea.

Les Éléphants Terribles

Carla Pinto na voz, José Dias na guitarra, Fred no baixo, Diogo Vida no piano, Johans Krigger no trompete e Pedro Lima na bateria. Esta é a formação-base



Laurent Filipe e Jacinta



Telectu com Giancarlo Schiaffini e Barry Altschul

des Les Éléphants Terribles. Começaram por se apresentar como um grupo que recriava a tradição da música de cabaret com duas referências obrigatórias: Brecht e Weil. Mas o projecto acaba por ser um pouco mais do que isso, pois cada um dos músicos deste agrupamento tem influências díspares - jazz, blues, funk, fado - o que origina uma receita que a generalidade da imprensa especializada aponta como tendo grandes qualidades. No Outono de 1996 os Les Éléphants Terribles gravaram um CD de promoção para a Rádio Nova Antena e, em Agosto de 1998, a convite de Sérgio Godinho, participaram na noite dedicada ao músico organizada pela Expo.

Tocá Rufar

Já há muitos anos o percussionista Rui Júnior gravou o álbum "O que som tem?" com base em instrumentos de percussão tradicionais portugueses. Ficou um documento para a história da música tradicional portuguesa e um disco impressionante, cheio de energia e vitalidade. Ao longo dos anos subsequentes o músico tem-se empenhado, de várias formas, em valorizar esse tipo de instrumentos e uma delas é feita através deste projecto Tocá Rufar, uma formação que pode ir das dezenas aos milhares de músicos, pois é feita com base nos músicos (a maioria crianças provenientes de escolas do Seixal) que frequentam cursos organizados pelo Centro de Artes e Ideias Sonoras criado por Rui Júnior. O Projecto Tocá Rufar celebra este ano o 5.º aniversário e para os 25 anos da Festa do "Avante!" vai trazer o espectáculo WOK onde a percussão e a melodia são

exploradas por cerca de 100 músicos, num momento certamente entusiasmante.

Djam Boonda

Mas os momentos de grande animação e festa não se ficarão pelos instrumentos de percussão portuguesa. Rotinado em fazer dos seus espectáculos um grande evento está a formação Djam Boonda, um grupo onde pontifica a percussão africana iniciado em 1992 e cujos espectáculos de maior impacto começaram em 1994. Daí para cá o Djam Boonda não tem parado. Em 1994 tocou nos seguintes locais: Festa da Liberdade; Agrobio; Lisboa, Capital Europeia da Cultura, Festival Internacional de Teatro de Almada; 1.º Encontro de Artistas de Rua de Coimbra; Carnaval de Almada. No ano seguinte estiveram na Semana da Juventude do Barreiro, Semana da Juventude de Almada, Ritz Club, Queima das Fitas em Évora, Festa da Terra, encontro da Associação "Olho Vivo" e Festival de Teatro da Guarda. Em 96 foram ao Carnaval de Ovar, Feira Alternativa de Évora, Festa da Terra, ARCLL, Encontro de Malabarismo de Madrid, Festas de Coimbra, Festas de Loures, e Festival Expressões de Rua em Évora. E por aí fora, sendo que em 1998 passaram pela Expo, pelo Festival Mundial de Juventude, pelo Etnosur de Espanha, em 1999 estiveram com o Tocá Rufar nas Festas de Freamunde e o ano passado foram à Festa da Primavera do Centro Cultural de Belém, entre muitos outros espectáculos.

Mind da Gap

Alguns influências africanas tem certamente o hip hop do Mind da Gap que chega à Festa do "Avante!" com o trunfo do êxito

do seu segundo álbum, "A Verdade", e o relato jornalístico a dar conta de um conjunto de grandes espectáculos.

Só para dar alguns exemplos, citemos os jornais "Blitz", "Diário de Notícias" e "Público", respectivamente: "os Mind da Gap brilharam. Em palco cresceram imenso e são, neste momento, a mais sólida formação hip-hop nacional"; "cheios de humor e energia contaram histórias através das rimas que encheram o espaço (lotado) do recinto" e "colocaram a palavra ao serviço de 'A Verdade' arrebatando as camadas mais jovens com puro RAP". Palavras muitas vezes duras e muita habilidade a manipular a língua portuguesa caracterizam os textos das canções do Mind da Gap, um trio português que criou um universo sonoro rico e de encantador.

The Gift - e mais rock

Sobre rock há que falar mais alguma coisa nesta Festa do "Avante!", para além dos já indicados "Xutos" e "Rádio Macau". Por um lado vem à Atalaia o grupo The Gift, referenciado como tendo uma popularidade crescente e um grupo de fãs incondicional. Depois teremos também o The Guests, uma banda que se dedica ao rockabilly e recria clássicos de Elvis Presley, Gene Vincent, Sonics e Jerry Lee Lewis. Depois, há os Ex Votos. Esta é a banda de Zé Leonel, um dos fundadores dos Xutos & Pontapés, que conta já 10 anos de vida e que chega à "Festa!" depois de gravar o seu quarto CD, intitulado "Cantigas da Vida", que procura ter um som ainda mais próximo do que os seus autores entendem ser o "puro rock". Uma força e uma energia, sem concessões. É assim que se define a música dos Ex Votos.



Globokar e para formar o ensemble de câmara Nuove Forme Sonora. Trabalhou com Franco Evangelisti em 1972 e, desde então, colaborou com o grupo de improvisação Nuova Consonanza, até 1983. Formou em 1975 o Grupo Romano di Ottoni, especializado em música contemporânea e da

nos mais importantes festivais e salas de espectáculo como IRCAM, Donaueschinger Musicstage, Moers, Tage für Neue Musik (Zurique), Fundação Gulbenkian, Alte Oper (Frankfurt), Victoriaville (Canadá), Bimhuis (Amsterdão) ou Lincoln Center (Nova Iorque).

Seelsi, Nono, Villa-Rojo, Slandia, Renosto, Laneri, Guacero. Dispõe de uma extensa discografia de cerca de cem gravações nas mais variadas marcas e há uma livro sobre a sua maestria no trombone (Ricordi). Quanto ao outro convidado para o espectáculo dos Telectu, o

reiro

mos ao ouvir ération, m domina o do Jazz de Carlos Ocio, é, sem or de temas nesta com bom pais do que é Duarte Barreto, um dos

ofunda a jazzman. "ente compositor" o

amos importará uma discosa. A m que xtensa: rge Cables, h Jean Brad Barry own, Cindy mbers, Romano, Galliano, Ferris, Steve rger, John

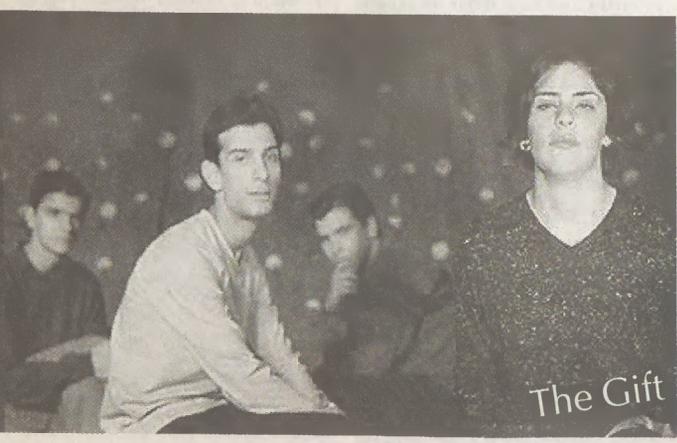
Ex Votos



Mind da Gap



The Guests



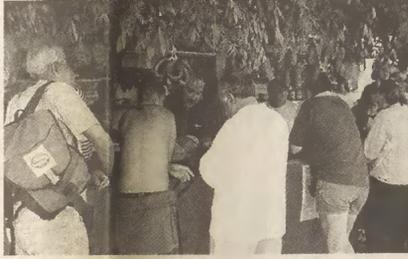
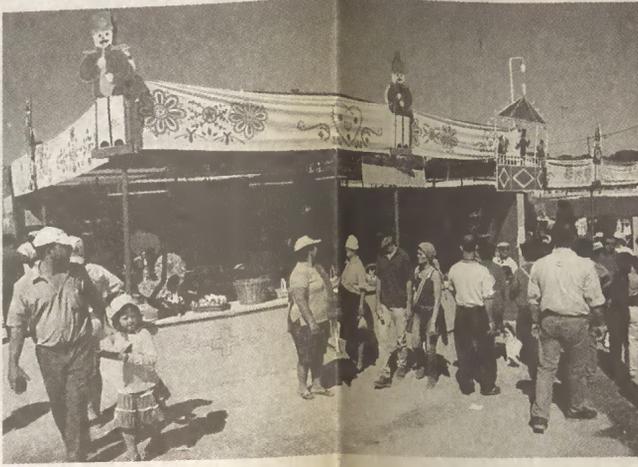
The Gift

O País na Atalaia

Durante três dias, todo o País está na Quinta da Atalaia. De Norte a Sul, continente ou ilhas, o visitante da Festa do *Avante!* pode conhecer realidades distintas daquelas que conhece ou sobre as quais actua. À disposição estará o artesanato, a gastronomia, a cultura, as exposições políticas, a música e a cultura das diversas regiões de Portugal, nos espaços animados pelas respectivas organizações do Partido, que darão ainda a conhecer as suas propostas e a sua intervenção para resolver os problemas das populações e dos trabalhadores das respectivas regiões.

Com quem mais precisa

Evento organizado pelo PCP, a Festa do *Avante!* não esquece e dá voz àqueles que mais sujeitos estão às arbitrariedades das políticas de direita seguidas pelos sucessivos governos. As mulheres; as crianças; os reformados; os deficientes e os emigrantes, todos estes sectores e suas reivindicações terão os seus espaços na Festa, que lhes garantirão a voz necessária, num evento que é, sucessivamente, político e cultural, ao lado dos que mais sofrem e dos que lutam por uma vida melhor: pela efectiva igualdade ou contra o trabalho infantil; por uma vida condigna ou contra a discriminação.



O PCP é o único Partido em Portugal que organiza eventos desportivos, contrariando a lógica mercantilista que mina e domina tais actividades. Durante todo o ano, a promoção da Festa é feita por todo o País também em iniciativas desportivas, como torneios de futebol de salão e de petanca. Nos dias da Festa estará presente o futebol de salão, o andebol, o basquetebol, as lutas amadoras, a ginástica e a dança, o xadrez, as damas, o mahjong, a malha e já referida petanca e os desportos radicais como o paraquedismo, o slide e a escalada. Misturando atletas federados

O desporto é uma festa

e pequenos clubes e abrindo espaços para a participação de visitantes da Festa, o desporto tem sido uma festa ao longo dos últimos 24

anos, nesta magnífica realização dos comunistas portugueses. Para além da prática desportiva, realizar-se-á

uma exposição e um debate sobre a problemática do desporto nas autarquias, valor maior do projecto da CDU.



Primazia ao convívio



A Corrida da Festa reúne anualmente mais de um milhar de participantes. Atletas federados ou não, de ambos os sexos e de várias idades, o corrida não imprime um espírito de competição visto não existirem prémios monetários. Também no domingo da Festa, para todos os que não podem ou não conseguem realizar toda a corrida, a Festa preparou a «Corridinha» comemorativa das 25 edições da Festa do *Avante!*, com um percurso de pouco mais de três quilómetros. Fora do período da Festa, realizam-se muitas outras modalidades. O passeio de ciclismo realiza-se no dia 2 de Setembro e visa lembrar a grande festa do Desporto, a Festa do *Avante!* desde a sua primeira edição, em 1976. Assim, partindo das instalações da antiga FIL — onde se realizou a primeira edição — às 9 horas, a caravana atravessa Lisboa e dirige-se a Vila Franca de Xira onde atravessará a ponte até ao Montijo. A segunda etapa segue daqui até ao recinto da Festa, onde serão entregues as lembranças aos participantes e onde se realizará o almoço-convívio. O concurso de pesca realiza-se a 5 de Agosto, no rio Tejo, junto à Atalaia e terminará igualmente com um almoço.

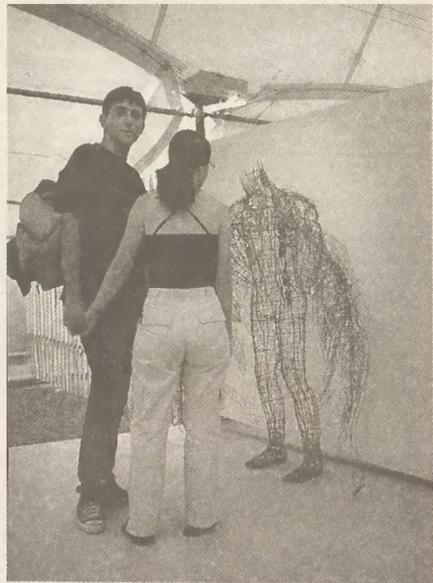


Bienal de Artes Plásticas Cultura para todos

A Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» já se tornou uma iniciativa incontornável no panorama artístico nacional. Este ano concorrerá cerca de 200 trabalhos de mais de 100 autores. A estes juntar-se-ão 50 dezenas de artistas convidados. A grande novidade da Bienal deste ano é a sua

apresentação, com as obras a serem expostas com mais espaço entre si, procurando proporcionar melhores condições de exposição. Mas a Bienal não é a única exposição que a Festa apresenta. Estarão patentes os projectos arquitectónicos e artísticos das 25 edições, um trabalho que envolveu inúmeros artistas, arquitectos,

carpinteiros, pedreiros, pintores... e claro os muitos amadores que têm construído a Festa ao longo dos anos. Artur Pires Martins e José Daniel Santa Rita são dois arquitectos que muito contribuíram para a Festa, ambos falecidos desde a realização da última Bienal. Mas a Festa não os esquece e estarão patentes duas exposições sobre o seu trabalho na área da arquitectura e das artes plásticas. Mas esta é a 25.ª edição da Festa. Para comemorar em grande é apresentada a exposição «25 obras, 25 artistas, 25 painéis». O nome diz tudo: 25 artistas convidados pintaram 25 painéis sobre a Festa. A não perder!



Exposição de astronomia e homenagem a Bento de Jesus Caraça

Quantas estrelas há no céu?

Este ano a exposição de ciência e tecnologia da Festa é sobre astronomia, numa colaboração com o Museu da Ciência e a Associação Aquila. Serão apresentadas experiências interactivas e haverá observações do céu

diurnas e nocturnas com telescópios. Estarão expostos modelos do Sputnik e do programa Apolo, comida e pasta de dentes usadas nas naves, autógrafos de astronautas e outros objectos relacionados com esta

ciência. Os visitantes poderão ainda «brincar» com um jogo electrónico, que os levará numa viagem pelo sistema solar. Este jogo está a ser desenvolvido especialmente para a Festa por um grupo de alunos de

engenharia do Instituto Superior Técnico. Haverá ainda um debate, sob o tema «A ciência ao serviço da humanidade?», e uma peça infantil pela companhia «Teatro Extremo», de Almada, «Os três cosmonautas».

No ano em que se comemora o centenário de Bento de Jesus Caraça, a Festa do «Avante!» não podia esquecer este matemático, pedagogo e escritor, por isso será apresentada uma exposição sobre a sua vida e obra.

2001, odisseia na Atalaia

Entrevista com o astrónomo Máximo Ferreira

— Há 40 anos, Yuri Gagarine tornou-se o primeiro homem a viajar no espaço. Avançaram-se tanto nestes últimos 40 anos como nos 40 anos que precederam a viagem?

— Colocar um homem no espaço é, de facto, um feito histórico. Daí para cá não se terá avançado tanto. O que se ganhou foi muita tecnologia e muita acumulação de conhecimento. Essas primeiras tentativas de colocar naves e homens no espaço foram dando uma maior noção da realidade: que condições são necessárias para ter homens no espaço e para que é preciso ter permanentemente homens no espaço?

Podemos pensar que passou poucos anos entre o homem no espaço e o homem na lua e se não seria razoável que já tivéssemos chegado mais longe. Penso que o progresso foi extraordinariamente mais importante na percepção de que existem limitações físicas para viajar

no espaço, mas que não existem limitações tecnológicas. Podemos conhecer o espaço sem ir lá.

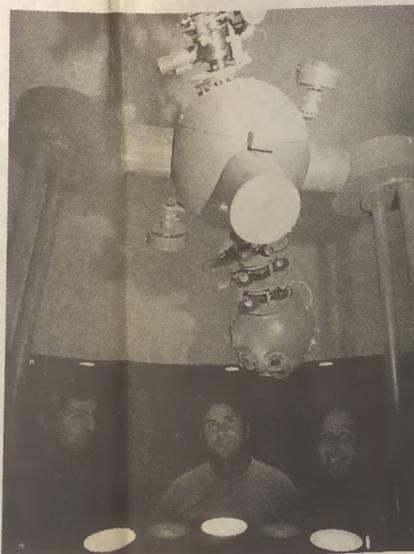
— O lançamento de naves é muitas vezes apresentado pelos media como o mais importante na astronomia. Isso corresponde à realidade?

— Os avanços tecnológicos não se traduzem nisso, mas isso faz falta para os avanços. Por exemplo, se eu quero detectar os primeiros momentos da vida de uma estrela, tenho de detectar a radiação infravermelha que não passa na nossa atmosfera. Para isso tenho de arranjar um sistema mecânico que coloque um satélite no espaço e depois tem de haver um processo electrónico que capte as radiações. A nave utiliza-se hoje como uma ferramenta.

Ver entrevista integral nos próximos números do «Avante!»



Máximo Ferreira



Feira do Livro



Um livro, um amigo

Durante os 25 anos que a Festa leva de existência, os livros sempre tiveram o seu lugar neste espaço de cultura. Este ano a Festa do Livro será de novo o ponto de encontro de todos aqueles que gostam de literatura.

E os motivos para não faltar ao encontro são muitos: a quantidade e diversidade de títulos e géneros presentes (meia centena de editoras já confirmaram a sua presença), as promoções a preços absolutamente fantásticos e a oportunidade de adquirir em primeira mão as novidades editoriais que ali serão lançadas. Sessões de autógrafos com os seus escritores pre-

feridos, descontos absolutamente surpreendentes que podem atingir 40 por cento sobre preço de capa e a «feira de saldos» com livros a partir dos 350\$00 - eis algumas das ofertas que preparámos para si.



Se a Festa do «Avante!» é uma cidade, tem de ter um teatro. E tem! Como é habitual, há espectáculos para todos os gostos e idades, peças recentes com valor social, apresentados por companhias de todo o País. Está já confirmado «A Escola dos Maridos», de Molière, pelo Teatro das Beiras, e «O Regresso das Caravelas», pelo Museu do Pau Preto. Os mais novos têm espectáculos dedicados só para si: «Histórias dentro de uma mala», pelo Teatro Extremo, e uma peça com fantoches. «O investimento do Estado na cultura» será discutido num debate a realizar no espaço do Avante!, sendo abordados problemas como o estado dos equipamentos, o apoio que às companhias teatrais e o incentivo à fruição cultural. Estará ainda patente uma exposição sobre a cultura e as autarquias.

Espaço Central Fazer história construir futuro

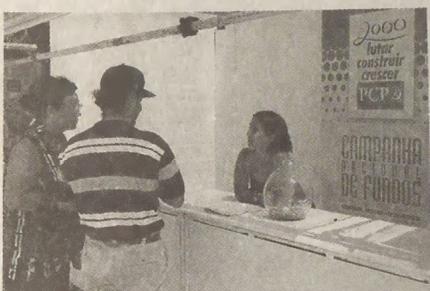
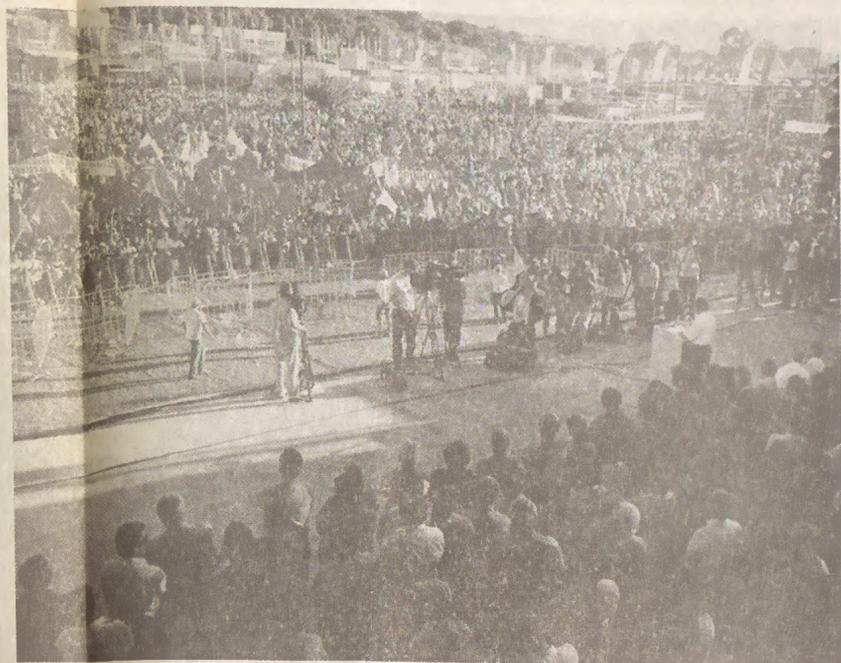
A comemoração do octogésimo aniversário do PCP é um dos grandes temas das exposições políticas do Espaço Central - espaço privilegiado de divulgação dos seus ideais, propostas e posições. Fazendo uma

estabelecendo uma cronologia de todas as edições desde a FIL, em 1976, proceder-se-á a uma seleção de grandes momentos da que é a maior iniciativa político-cultural do País. Além da projecção de

No Espaço Fórum serão, como habitualmente, discutidos temas de grande actualidade política e social.

«Carvalhesa» em CD

Uma das grandes surpresas do ano, possível de encontrar na Banca Central, é o CD da «Carvalhesa». Natural de Trás-os-Montes, incluída na recolha musical de Michel Giacometti, a «Carvalhesa» surgiu pela primeira vez fora da sua terra natal em 1985, após a decisão da Comissão Política do PCP de criar um tema que servisse de suporte musical para a campanha eleitoral que se avizinhava. Após uma demorada busca, surgida a música, fez-se o arranjo e, três meses depois, saía a versão em disco de vinil. Fruto do enorme poder criador do povo trabalhador, a «Carvalhesa» sobreviveria à campanha eleitoral, e manter-se-ia por outras campanhas e nas festas do Avante! Além dos documentos políticos, é na Banca que se encontram diversos materiais de propaganda. Na vigésima quinta Festa do Avante! serão editados materiais comemorativos, como mochilas, pastas e canetas.



Colóquios da Festa

- Migrações Problemas Sociais e Diálogo de Culturas
- Bento de Jesus Caraça: uma homenagem à vida
- Alqueva: uma alavanca para o desenvolvimento
- Os novos desafios do Poder Local: descentralização participada e reforço do Poder Autárquico
- Situação Económica e Social: resposta necessária dos trabalhadores

retrospectiva dos acontecimentos mais marcantes das últimas oito décadas, a exposição realça o papel do Partido como vanguarda da luta do povo português e do Avante! na informação e esclarecimento das massas. Outra exposição versará as próximas eleições autárquicas e a superioridade do projecto da CDU. As muitas lutas dos trabalhadores e do povo ocorridas no último ano, bem como as principais causas que nortearam a intervenção do Partido serão também destacadas. Presentes estarão também as 25 festas do Avante!. Não se

filmes, com a todas, a exposição sobre as 25 festas contará ainda com a projecção de slides das mais marcantes imagens das anteriores edições. Também merecerá o relevo devido à sua importância, a vida e obra do matemático e comunista Bento de Jesus Caraça e o «assalto aos céus» dos operários da Comuna de Paris. Também não faltarão os espaços da Internet, de «O Militante» e o Café da Amizade.

Abertura e comício

Quando a 25.ª edição da Festa do Avante! abrir as suas portas, cerca das 19 horas de sexta-feira, 7 de Setembro, muitos milhares de visitantes entrarão pela Quinta da Atalaia adentro para usufruírem de um espaço único de solidariedade, de alegria e de luta. Lá dentro, muitos são também os que retocam pinturas ou colocam prateleiras. Para que nada falhe. Oficialmente aberta será a Festa momentos depois das 19, quando Carlos Carvalhas fizer a sua intervenção de abertura, na Praça da Paz, que surge mais bela, renovada. O grande Comício - ponto alto do programa político da Festa - terá lugar no domingo pelas 18 horas no palco 25



de Abril, onde intervirão o director do Avante! e membro da Comissão Política, José Casanova, um dirigente da JCP e Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, sobre a situação política actual, as posições do Partido e o ideal comunista.



Transportes e acampamento

Chegar à Quinta da Atalaia é fácil. Se vier de automóvel do Sul ou do nó do Fogueteiro, deixe o carro no parque «Maria Pires» a seguir à escola Paulo Gama, após a Ponte da Fraternidade, que fica a 300 metros da Festa. Se vem do Norte tem duas alternativas. Pode vir pela Ponte Vasco da Gama, apanhando a auto-estrada para Almada, com saída no nó do Fogueteiro (estacionamento no «Maria Pires»). A ponte 25 de Abril é outra hipótese, com a AE/Sul (com saída no nó do Fogueteiro) ou a Estrada Nacional 10. Saindo em frente ao Pão de Açúcar de Almada e indo até Corroios, pode estacionar no Parque da Fertagus da Cruz de Pau (grátis) e usar o vaivém da Sulfertagus (grátis). Há transportes rodoviários que ligam a Festa a Cacilhas e à Baixa da Banheira; transportes fluviais entre o Cais do Sodré e Cacilhas (em articulação com o transporte rodoviário) e o Seixal e Lisboa (com ligação rodoviária até à Festa); e transportes ferroviários entre Entrecampos (Lisboa) e Foros da Amora. Aos visitantes que utilizem o comboio serão assegurados

bilhetes de autocarro gratuito entre a estação dos Foros de Amora e a Quinta da Atalaia (paragem Quinta do Barateiro), ida e volta.

informação) e servem nos dois sentidos nos três dias da Festa, nos autocarros da Sulfertagus. Os autocarros asseguram a ligação até ao último



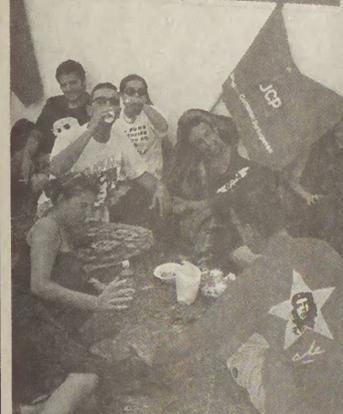
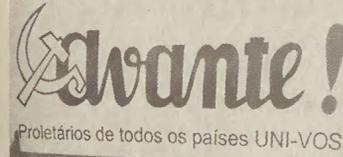
Os bilhetes serão distribuídos na estação de Foros da Amora e na Festa (saídas e postos de

comboio (sexta-feira e sábado às 3 horas e domingo às 0.35 h.).

Espaço da Juventude Uma cidade por três dias

O Espaço da Juventude, erguido do projecto até aos últimos retoques por jovens comunistas, será novamente marcado por uma perfeita simbiose entre animação e intervenção política. 2001 foi um ano de grandes lutas da juventude portuguesa em defesa dos seus direitos e aspirações e isso será recordado na exposição política patente no espaço. Novamente a carga voltarão as Brigadas de Contacto, que contactarão com os jovens visitantes da Festa a fim de recolher apoios e ideias - bem como esclarecer dúvidas - sobre «a Juventude CDU e o trabalho autárquico», mostrando a esses jovens o valor do projecto da CDU e o trabalho realizado nas mais diversas áreas. No Palco Juventude, junto à cidade, será possível ouvir o que de melhor e mais recente se faz de Norte a Sul, com a actuação das bandas apuradas nos festivais realizados durante todo o Verão.

O Espaço Debates - destinado à discussão política e fruição cultural, com momentos de teatro e poesia - e a exposição do mural vencedor do concurso «Tomar a iniciativa», subordinado ao tema «os 80 anos das Juventudes Comunistas», serão outros pontos de interesse. Os bares e a banca, com venda de diversos materiais de propaganda e do jornal AGIT, também não faltarão. Para garantir que ninguém falta à Festa, a JCP organiza, mais uma vez, o já tradicional «Comboio da Juventude», que inicia o seu trajeto na cidade do Porto, passando por Gaia, Espinho, Ovar, Aveiro, Coimbra, Entrecampos, Santarém e Lisboa. Daqui, os visitantes serão encaminhados para o comboio que os levará até ao Seixal, onde os autocarros organizados asseguram a ligação à Quinta da Atalaia.



Espaço Internacional Encontro de lutas e culturas

O Espaço Internacional é um local privilegiado de encontro e de solidariedade entre os visitantes da Festa e as forças políticas af representadas. Nos diferentes pavilhões, além da informação política e do convívio, é possível adquirir lembranças e artesanato típico, bem como saborear pratos tradicionais nos restaurantes de Cabo Verde, Cuba, China, Espanha e Timor Lorosae. E, claro, provar a caipirinha no bar do PT do Brasil. Este ano, o Espaço Internacional é subordinado a dois temas - «80 anos do PCP, partido solidário e internacionalista» e «A luta do povo palestino» -, apresentado uma exposição sobre a Palestina e espectáculos musicais. Está prevista a realização de um debate sobre «Globalização» e será lançada uma campanha de solidariedade com a Palestina.



O ambiente desta zona da Atalaia é bastante particular, pois serão colocadas várias painéis subordinados aos temas deste ano, da autoria de diversos artistas plásticos. Está já confirmada a participação de 14 partidos e organizações oriundos de 12 países: Alemanha, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Cuba, China, Coreia, Colômbia, Espanha, Peru, Timor Lorosae e Sahara Ocidental. Estarão presentes ainda o Conselho Português para a Paz e Cooperação, a Associação Luri Gagarine e a Associação de Amizade Portugal-Cuba.



QUINTA DA ATALAIA • SEXTA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO DE 2001 • 22H00
 Concerto comemorativo da 25.^a edição da Festa do «Avante!»

festa
Avante!

25
 anos
 1976 > 2001

7,8 e 9 Set.
 Atalaia, Amora, Seixal

Pela
 primeira vez
 em
 Portugal
 num palco
 ao ar livre
 versão integral

170

intérpretes

solistas
 orquestra
 coro

Nona Sinfonia

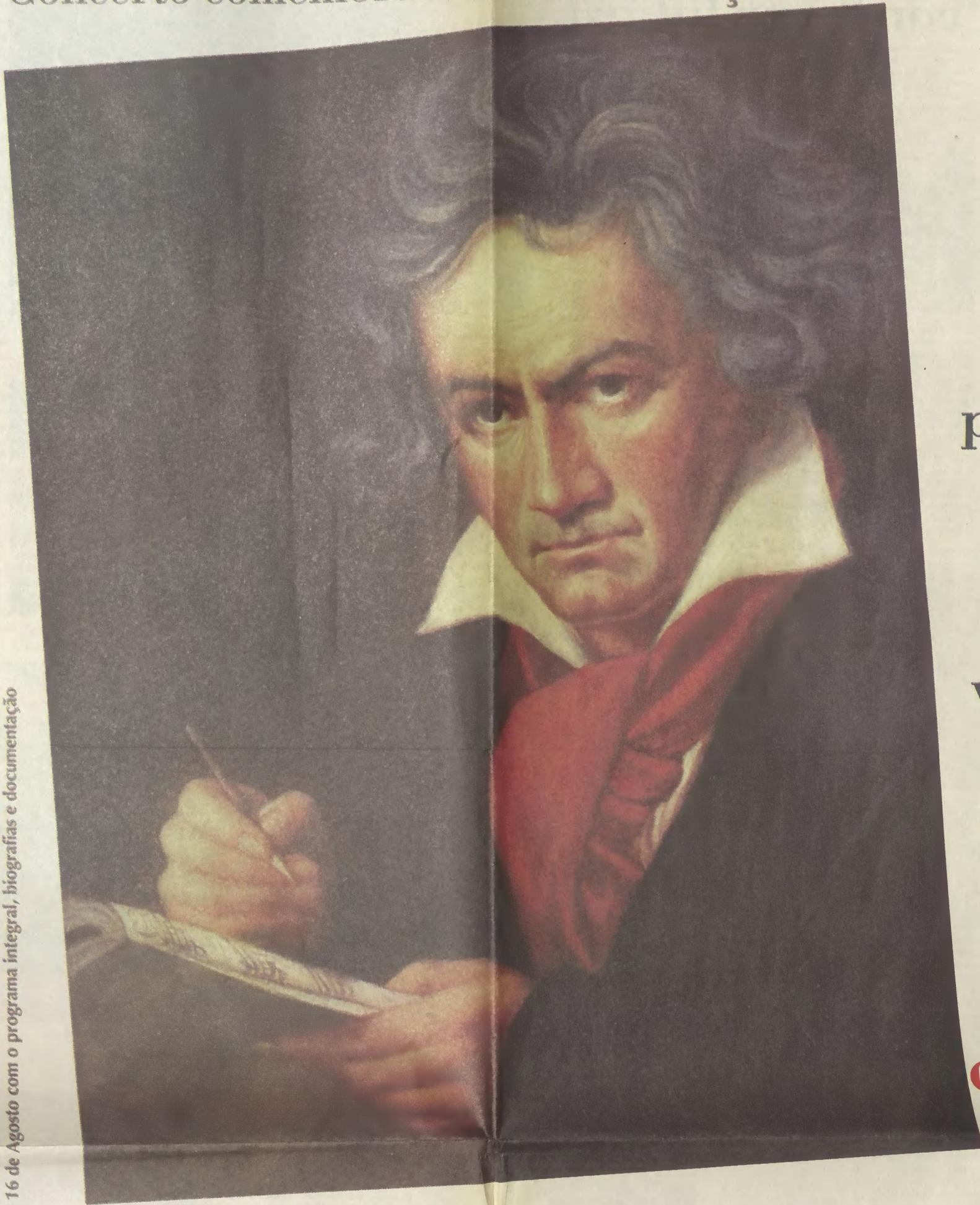
É por dentro de um homem que se ouve
 o tom mais alto que tiver a vida
 a glória de cantar que tudo move
 a força de viver enraivecida.

Num palácio de sons erguem-se as traves
 que seguram o tecto da alegria
 pedras que são ao mesmo tempo as aves
 mais livres que voaram na poesia.

Para o alto se voltam as volutas
 hieráticas sagradas impolutas
 dos sons que surgem rangem e se somem.

Mas de baixo é que irrompem absolutas
 as humanas palavras resolutas
 Por deus não basta. É mais preciso o Homem.

José Carlos Ary dos Santos - 1978



9.^a Sinfonia

em Ré menor opus 125 com um coro final sobre a «Ode à Alegria» de Friederich Scholler

Beethoven